

Finalista do
IRISH BOOK AWARDS
(LIVRO INFANTIL DO ANO)

Finalista do
CARNEGIE MEDAL
IN LITERATURE

JOHN BOYNE



A COISA
TERRÍVEL QUE
ACONTECEU A
BARNABY
BROCKET

DO AUTOR
DE
*O Rapaz do
Pijama às
Riscas*

Ilustrações de
OLIVER JEFFERS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

John Boyne nasceu em Dublin em 1971. Estudou Literatura Inglesa no Trinity College, em Dublin, e Escrita Criativa na Universidade de East Anglia.

É autor de vários romances e livros infantojuvenis, incluindo o *best-seller* internacional *O Rapaz do Pijama às Riscas*. A sua obra encontra-se publicada em mais de 40 países e conta com mais de cinco milhões de exemplares vendidos em todo o mundo.

www.johnboyne.com

Título original: The Terrible Thing that Happened to Barnaby Ricket

1.ª edição em papel: maio de 2013

Autor: John Boyne

Tradução: Irene Guimarães

Revisão: Rita Duarte

Design da capa: Marta Teixeira sob ilustração de Oliver Jeffers

© John Boyne 2012

Ilustrações © Oliver Jeffers 2012

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Bertrand Editora

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

www.bertrandeditora.pt

Tel. 217 626 000 · Fax 217 626 150

ISBN: 978-972-25-2762-0

Para Philip Ardagh

CAPÍTULO 1

Uma família perfeitamente normal

Esta é a história de Barnaby Brocket. Para compreender Barnaby, primeiro temos de compreender os seus pais, duas pessoas que tinham tanto medo de alguém que fosse diferente que fizeram uma coisa terrível que acabaria por ter consequências dramáticas junto daqueles que amavam.

Comecemos pelo pai de Barnaby, Alistair, que se considerava um homem perfeitamente normal. Levava uma vida normal numa casa normal, num bairro normal onde fazia coisas normais de forma normal. A sua mulher era normal, tal como os seus dois filhos.

Alistair não tinha tempo para pessoas invulgares ou que gostassem de se exhibir em público. Quando seguia numa carruagem de metro e um grupo de adolescentes se punha ao lado dele a falar em voz alta, esperava até à estação seguinte, saía e entrava noutra carruagem ainda antes de as portas terem tempo de se fechar. Quando estava a comer num restaurante – não nesses novos restaurantes da moda com ementas complicadas e comida confusa; um restaurante normal – irritava-se e ficava com a noite estragada se tinha de aturar os empregados a cantarem os “Parabéns” a qualquer conviva deseioso de dar nas vistas.

Trabalhava como solicitador na firma Bother & Blastit, na cidade mais esplendorosa do mundo – Sydney, Austrália –, onde se especializara em testamentos, um emprego bastante soturno que lhe assentava que nem uma luva. Era uma coisa perfeitamente normal, ao fim e ao cabo, preparar um testamento. Não havia nada de invulgar nisso. Quando os clientes vinham ter com ele ao

escritório era frequente sentirem-se um pouco nervosos, na medida em que redigir um testamento poderia ser um assunto bem difícil ou doloroso.

“Por favor, não se apoquente”, dizia Alistair em tais ocasiões. “É perfeitamente normal uma pessoa morrer. Todos nós temos de morrer um dia. Imagine quão horrível seria se vivêssemos para sempre! O planeta entraria em colapso com tanto peso.”

Não é que Alistair se importasse muito com o bem-estar do planeta; pelo contrário. Só os *hippies* e os adeptos da New Age é que se preocupavam com essas coisas.

Existe uma crença defendida por muitos, em especial por aqueles que vivem no Extremo Oriente, segundo a qual todos nós, individualmente – o leitor incluído – fazemos parte de um casal separado antes de nascer, no seio do vasto e complexo Universo, passando depois a vida em busca da outra alma, a única que nos fará sentir unos outra vez. Até lá, sentiremos sempre que nos falta qualquer coisa. Por vezes, a plenitude só chega quando encontramos alguém que, à primeira vista, parece ser o oposto daquilo que nós somos. Um homem que gosta de arte e poesia, por exemplo, poderá acabar por se apaixonar por uma mulher que passa as tardes de volta dos motores. Uma senhora com hábitos alimentares saudáveis que se interesse por desportos ao ar livre poderá sentir-se atraída por um tipo que prefere vê-los confortavelmente instalado no cadeirão da sala agarrado a uma cerveja e a uma sanduíche. Bem vistas as coisas, há gente para tudo. No entanto, Alistair Brocket sabia que nunca poderia partilhar a sua vida com alguém que não fosse normal como ele, embora isso por si só fosse uma coisa perfeitamente normal de se fazer.

O que nos leva à mãe de Barnaby, Eleanor.

Eleanor Bullingham crescera em Beacon Hill, numa pequena casa com vista para as praias que se estendem a norte de Sydney. Fora sempre a menina querida dos pais, pois era indiscutivelmente a rapariga mais bem-comportada do bairro. Nunca atravessava a rua

sem esperar pelo sinal verde, mesmo que não houvesse nenhum carro à vista. Levantava-se para dar o lugar às pessoas mais velhas, mesmo que o autocarro fosse praticamente vazio. Na verdade, era uma rapariguinha tão bem-educada que quando a sua avó Elspeth morreu, deixando-lhe uma centena de lenços antigos com as suas iniciais, EB, meticulosamente bordadas em todos eles, resolveu que um dia casaria com um homem cujo apelido também começasse por B para não desbaratar a sua herança.

Tal como Alistair, tornou-se solicitadora, especializando-se em propriedades, uma atividade que, como dizia a toda a gente que lhe perguntava, considerava extremamente interessante.

Aceitou uma oferta de emprego na Bother & Blastit, quase um ano depois de o seu futuro marido ter entrado para firma, e sentiu-se um pouco desapontada de início, quando olhava à sua volta e reparava na quantidade de jovens empregados que se comportavam de um modo muito pouco profissional.

Poucos eram os que mantinham as suas secretárias minimamente apresentáveis. Ao invés, estavam apinhadas de fotografias de membros da família, animais de estimação ou, pior ainda, gente famosa. Os homens entretinham-se a desfazer os seus copos de café usados enquanto bradavam ao telefone, o que obrigava os outros a terem de limpar toda aquela bagunça depois, enquanto as mulheres não faziam outra coisa senão comer o dia inteiro, comprando pequenos lanches de um carrinho que reaparecia ao fim de algumas horas repleto de gulodices servidas em embalagens de cores vivas. Sim, este era o comportamento normal de acordo com os padrões vigentes daquilo que era normal, mas que, ainda assim, não era o normal *normal*.

Um dia, no início da sua segunda semana na firma, viu-se a subir dois lances de escadas que davam acesso a outro departamento, para entregar um documento deveras importante a um colega que precisava dele com a maior urgência, ou o mundo pararia. Ao abrir a porta, tentou não olhar para os sinais de desordem e imundície que

pairavam à sua volta, não fosse ter de regurgitar o pequeno-almoço. Só que depois, para sua surpresa, viu algo – ou alguém – que fez com que o seu coração desse um pequeno salto, como uma jovem gazela pulando triunfantemente por cima de um riacho pela primeira vez.

Sentado a uma secretária de canto, com toda a papelada à sua frente impecavelmente amontoadas e separadas por grupos identificados com cores, estava um jovem bastante elegante, vestido com um fato risca-de-giz e com um penteado todo certinho. Ao contrário das criaturas meio selvagens que trabalhavam à sua volta, mantinha a sua secretária limpa, com as canetas e os lápis reunidos num único suporte e os documentos eficientemente dispostos diante dele enquanto trabalhava – sem qualquer imagem de criança, cão ou gente famosa à vista.

– Aquele jovem... – dirigiu-se a uma rapariga sentada à secretária mais próxima, que enchera a boca com um *muffin* de banana e nozes e estava a largar as migalhas por cima do teclado do computador, migalhas essas que, por certo, ficariam para sempre perdidas entre as teclas. – Aquele sentado ali ao canto. Como se chama?

– Estás a referir-te ao Alistair? – indagou a rapariga, percorrendo com os dentes o interior da embalagem não fosse ter ficado algum pedaço de caramelo agarrado. – O homem mais enfadonho do universo?

– Qual é o seu apelido? – perguntou Eleanor, cheia de esperança.

– Brocket. Um pouco bronco, não é?

– Perfeito – disse Eleanor.

E assim casaram. Era o que podiam fazer de mais normal, em especial depois de terem ido juntos ao teatro (três vezes), a uma banca de gelados (duas vezes), a um salão de baile (apenas uma vez; não gostaram muito – demasiado *jiving*, com demasiado daquela música *rock and roll* desagradável) e a uma excursão ao Luna Park, onde tiraram fotografias e conversaram alegremente até

o Sol se começar a pôr e as luzes cintilantes do rosto gigantesco do palhaço lhe proporcionarem um aspeto mais medonho do que o habitual.

Precisamente um ano depois desse feliz dia, Alistair e Eleanor, agora a viverem numa casa normal em Kirribilli, na costa norte de Sydney, celebraram o nascimento do seu primeiro filho, Henry. O rapaz nasceu num domingo de manhã, às nove horas em ponto, pesando três quilos certos e vendo a luz do dia após de um curto trabalho de parto, ao fim do qual sorriu delicadamente para o médico que o ajudou a nascer. Eleanor não chorou nem gritou enquanto estava a dar à luz, ao contrário de algumas dessas mães vulgares que poluíam todas as noites os ecrãs televisivos com os seus comportamentos grotescos; na verdade, o nascimento foi um acontecimento extremamente cortês, ordenado e bem-educado, sem ninguém sair ofendido.

Tal como os pais, Henry era um menino muito bem-comportado, pegando no biberão quando lho davam, comendo tudo e ficando completamente mortificado sempre que sujava a fralda. Cresceu a um ritmo normal, aprendendo a falar perto dos dois anos e compreendendo as letras do alfabeto um ano mais tarde. Quando tinha quatro anos, o professor da creche disse a Alistair e a Eleanor que não tinha nada de bom ou de mau a relatar acerca do filho, pois ele era perfeitamente normal em todos os aspetos; como recompensa, os pais compraram a Henry um gelado a caminho de casa nessa tarde – com sabor a baunilha, claro.

A segunda filha, Melanie, nasceu numa terça-feira, três anos depois. Tal como o irmão, não deu qualquer trabalho às enfermeiras ou aos professores e, por alturas do seu quarto aniversário, quando os pais já estavam à espera da chegada de outro bebé, passava a maior parte do tempo a ler ou a brincar com as bonecas no quarto, não fazendo nada que a tornasse diferente de qualquer outra criança da sua rua.

Não havia qualquer tipo de dúvida: a família Brocket era a família mais normal de Nova Gales do Sul, ou até mesmo de toda a Austrália.

Depois nasceu o seu terceiro filho.

Barnaby Brocket veio ao mundo numa sexta-feira, à meia-noite, o que já era um mau começo na medida em que Eleanor ficou preocupada com o facto de poder vir a obrigar o médico e a enfermeira a ficarem de pé toda a noite.

– Peço imenso desculpa – disse ela, transpirando loucamente, o que era embaraçoso. Não transpirara ao dar à luz Henry ou Melanie; apenas emitira um suave brilho, como o último suspiro de uma lâmpada de quarenta watts.

– Não tem de pedir desculpa, senhora Brocket – afirmou o doutor Snow. – As crianças vêm ao mundo quando tem de ser. Não podemos controlar essas coisas.

– Não deixa de ser desagradável – referiu Eleanor, para depois deixar escapar um enorme grito na altura em que Barnaby decidia que havia chegado o momento. – Credo – acrescentou, com o rosto corado de tanto esforço.

– Não tem de se preocupar com nada – insistiu o médico, posicionando-se para pegar no bebé escorregadio, um pouco à maneira de um jogador de rãguebi: recuando no terreno de jogo, firmando um pé atrás, mantendo outro mais à frente e esticando as duas mãos enquanto esperava para agarrar a bola.

Eleanor gritou de novo, depois recostou-se, gemendo de surpresa. Sentia uma enorme pressão a crescer-lhe no corpo e não sabia quanto tempo mais iria aguentar.

– Força, senhora Brocket! – ordenou o doutor Snow, e Eleanor gritou por uma terceira vez enquanto fazia o máximo de força para empurrar o bebé e a enfermeira lhe colocava uma compressa fria na testa. No entanto, em vez de sentir algum alívio, começou a gemer ruidosamente e depois lançou uma praga que nunca tinha lançado antes, uma palavra que ela considerava extremamente ofensiva

sempre que alguém na Bother & Blastit a empregava. Era uma palavra curta – duas sílabas –, mas parecia expressar tudo o que sentia naquele preciso momento.

– Isso mesmo – gritou o doutor Snow, alegremente. – Aí vem ele! Eu conto até três, e depois dá um último empurrão, está bem? Um...

Eleanor inspirou.

– Dois...

Depois exalou.

– Três!

E seguiu-se uma formidável sensação de alívio e o som de um bebê a chorar. Eleanor caiu de costas na cama e gemeu, contente por esta tortura horrível ter terminado.

– Valha-nos Deus! – exclamou o doutor Snow, pouco tempo depois, e Eleanor levantou a cabeça da almofada, surpreendida.

– O que se passa? – perguntou ela.

– Nunca vi nada tão extraordinário – comentou ele, enquanto Eleanor se sentava, apesar das dores, para olhar melhor para o bebê que tinha provocado uma reação tão invulgar.

– Onde é que ele está? – perguntou ela, pois não estava aconchegado nas mãos do doutor Snow, nem deitado aos pés da cama. Foi então que reparou que tanto o médico como a enfermeira já não estavam a fitá-la, mas a olhar de boca aberta para o teto, onde um recém-nascido, o *seu* bebê recém-nascido, permanecia encostado aos azulejos brancos e retangulares, olhando para os três em baixo, com um sorriso descarado no rosto.



o nascimento de Barnaby

– Ele está ali em cima – observou o doutor Snow, espantado, e era verdade: ele estava mesmo ali em cima.

Barnaby Brocket, o terceiro filho da família mais normal que alguma vez vivera no hemisfério sul, estava assim já a provar a si mesmo ser tudo menos normal ao não obedecer à regra mais fundamental de todas.

A lei da gravidade.

CAPÍTULO 2
O colchão no teto

Barnaby saiu do hospital três dias depois e foi levado para casa para conhecer Henry e Melanie pela primeira vez.

– O vosso irmão é um pouco diferente de nós – advertiu-lhes Alistair ao pequeno-almoço, nessa manhã, escolhendo as suas palavras com muito cuidado. – Por certo que será uma coisa temporária, mas não deixa de ser inquietante. Não fiquem pasmados a olhar para ele, está bem? Se ele vir que causa estranheza, isso só irá encorajá-lo a prosseguir com as suas loucuras.

As crianças entreolharam-se, surpreendidas, sem saberem o que é que o pai queria dizer com aquilo.

– Tem duas cabeças? – inquiriu Henry, pegando no doce de laranja amarga. Ele gostava de um pouco de doce de laranja amarga nas torradas que costumava comer pela manhã. Mas não à tarde; nessa altura, preferia doce de morango.

– Não, é claro que não tem duas cabeças – replicou Alistair, irritado. – Como é que alguém pode ter duas cabeças?

– Se for um monstro marinho de duas cabeças... – aventou Henry, que tinha andado a ler um livro acerca de um monstro de duas cabeças chamado *Orco* que resolvera provocar algum rebuliço nas profundezas do oceano Índico.

– Garanto-vos que o vosso irmão não é nenhum monstro marinho de duas cabeças – afirmou Alistair.

– Tem uma cauda? – perguntou Melanie, reunindo as taças vazias e colocando-as com cuidado no lava-loiça.

O cão da família, o *Capitão W. E. Johns*, um cão de raça indefinida e progenitores desconhecidos, olhou para cima quando ouviu a palavra “cauda” e começou a perseguir a sua própria cauda em torno da cozinha, rodando em círculos até se desequilibrar e ficar estendido no chão, ofegando alegremente, deliciado consigo próprio.

– Porque é que um bebé haveria de ter uma cauda? – perguntou Alistair, suspirando profundamente. – Na verdade, vocês, meninos, têm uma imaginação extraordinária. Não sei a quem saem. Nem eu nem a vossa mãe temos assim tanta imaginação e não vos educámos nesse sentido.

– Gostaria de ter uma cauda – proferiu Henry, pensativo.

– Gostaria de ser um monstro marinho de duas cabeças – opinou Melanie.

– Bem, mas não tens – assegurou Alistair, olhando fixamente para o filho – e não és – acrescentou, apontando para a filha. – Por isso, vamos voltar ao mundo dos seres humanos normais e pôr tudo a brilhar nesta casa, está bem? Lembrem-se de que temos um convidado esta manhã.

– Mas não é um convidado como os outros – advertiu Henry, franzindo o sobrolho. – É o nosso irmãozinho.

– Sim, claro – concordou Alistair, após uma breve pausa.

Cerca de uma hora depois, Eleanor aparecia num táxi, com um agitado Barnaby nos braços.

– Tem um bebé bem mexido – observou o motorista no momento em que desligava a ignição.

Eleanor ignorou a observação, dado que não gostava de fazer conversa com estranhos, especialmente quando estes trabalhavam em prestação de serviços. A mala escorregou-lhe para o espaço que havia entre os dois assentos da frente e quando tentou pegar nela largou o bebé por uns instantes. Barnaby começou logo a flutuar, indo bater com a cabeça no tejadilho.

– Au! – balbuciou Barnaby Brocket.

– Vai ter de tomar muita atenção – advertiu o motorista de táxi, contemplando o bebê com uns olhos de quem já viu muita coisa no mundo. – Irá perdê-lo de vista se não tiver cuidado.

– Trinta dólares, não foi o que disse? – perguntou Eleanor, estendendo uma nota de vinte e outra de dez enquanto se apercebia de que sim, era uma coisa que podia acontecer. Se ela não tivesse cuidado.

Quando entrou em casa, as crianças correram para a cumprimentar, não a derrubando por pouco com a excitação.

– Ele é tão pequenino – notou Henry, surpreendido. (Nesse aspeto, ao menos, Barnaby era perfeitamente normal.)

– Tem um cheiro delicioso – acrescentou Melanie, dando-lhe uma boa fungada. – Parece uma mistura de gelado e xarope de ácer. Como é que se vai chamar?

– Podemos chamar-lhe Jim Hawkins? – perguntou Henry, muito por dentro das histórias clássicas de aventuras.

– Ou Pedro, *o Pastor*? – perguntou Melanie, que seguia sempre na esteira do irmão.

– Vai chamar-se Barnaby – anunciou Alistair, aproximando-se e beijando a mulher no rosto. – Era o nome do vosso avô... e também do avô dele.

– Posso pegar nele? – perguntou Melanie, abeirando-se de braços esticados.

– Agora não – respondeu Eleanor.

– E *eu*? Posso pegar nele? – indagou Henry, com os braços ainda mais esticados do que os da irmã, dado que era três anos mais velho.

– Ninguém vai pegar no Barnaby – respondeu Eleanor. – Ninguém a não ser eu e o vosso pai. Por enquanto.

– Preferia não pegar nele agora, se não te importas – disse Alistair, olhando para o filho como se fosse um ser acabado de fugir de um zoo e para o qual devesse voltar antes que desse cabo das mobílias delicadas.

– Bem, ele também está à tua responsabilidade – lembrou Eleanor. – Não penses que vou tomar conta deste... deste...

– Bebê? – sugeriu Melanie.

– Sim, suponho que seja essa a palavra certa. Não penses que vou tomar conta deste bebê sozinha, Alistair.

– Não terei problemas em ajudar, claro – disse Alistair, desviando o olhar. – Mas tu és a mãe dele.

– E tu és o pai!

– Ele parece gostar de vocês os dois. Olhem para ele.

Alistair e Eleanor olharam para baixo para o rosto de Barnaby e ele sorriu-lhes, agitando os braços e as pernas deleitado, mas nenhum dos pais lhe devolveu o sorriso. Henry e Melanie entreolharam-se, surpreendidos. Não estavam habituados a ouvir os pais falarem de um modo tão agressivo. Pegaram no presente que haviam comprado no dia anterior com o seu dinheiro de bolso.

– É para o Barnaby – disse Melanie, estendendo o presente. – Para celebrar o seu nascimento.

Nas suas mãos estava uma pequena caixa embrulhada e Eleanor sentiu o coração a derreter-se-lhe perante a forma como os filhos estavam a receber o irmãozinho. Esticou o braço para pegar no presente, mas, logo de seguida, Barnaby começou a flutuar outra vez, com o cobertor a resvalar-lhe do corpo e a cair no chão enquanto se dirigia para o teto, muito mais alto do que o tejadilho do táxi. Também bateu com a cabeça com mais força.

– Au! – gemeu Barnaby Brocket, com o corpinho estirado na horizontal enquanto olhava para baixo para a família, desta feita com uma expressão de nítido desagrado no rosto.

– Oh, Alistair! – gritou Eleanor, levantando os braços, desesperada.

Henry e Melanie não disseram nada; deixaram-se ficar a olhar para o teto boquiabertos e com uma expressão de espanto no rosto.

O *Capitão W. E. Johns* apareceu, bocejando, depois de uma soneca, e olhou para a família que o alimentava, tratava e protegia,

antes de seguir o olhar das crianças e ver também Barnaby no teto, o que o levou a agitar fortemente a cauda e a começar a ladrar.

“Ão!”, ladrrou. “Ão! Ão! Ão!”

Pouco tempo depois – embora não tão pouco quanto possam pensar – Alistair subiu para uma cadeira para pegar no filho, encarregando-se dele agora, enquanto Eleanor se retirava para o quarto com uma caneca de leite quente e uma dor de cabeça. Relutantemente, deu o biberão a Barnaby e depois mudou-lhe a fralda, colocando uma nova debaixo do rabinho do bebé no preciso momento em que Barnaby decidia elevar-se outra vez num arco perfeito. Por fim, colocou-o na alcofa, passando com as alças da mochila de Henry por cima para que ele não pudesse escapar; Barnaby lá conseguiu adormecer e é bem provável que tenha sonhado com algo divertido.

– Melanie, toma conta do teu irmão – recomendou Alistair, sentando a filha numa cadeira ao lado do bebé. – Henry, vem comigo, por favor.

Pai e filho atravessaram o jardim até à casa do vizinho e bateram à porta da frente.

– O que queres de mim, Bocket? – perguntou o velho e irascível senhor Cody, palitando os dentes da frente para tirar um pedaço de tabaco que se havia alojado entre eles e arremessando-o para o chão mesmo junto aos pés deles.

– Que me emprestes a tua carrinha – explicou Alistair. – E o atrelado. Por uma hora ou duas. Depois pago-te a gasolina.

Concedida a devida autorização, Alistair e Henry partiram rumo à cidade atravessando a Ponte da Baía e entraram num grande armazém na Market Street, onde compraram três grandes colchões, todos eles de cama de casal, uma caixa de pregos de trinta centímetros e um martelo. De regresso a casa, arrastaram os colchões até à sala de estar, onde Melanie estava sentada exatamente no mesmo sítio onde a tinham deixado, a olhar para o irmão a dormir no berço.

– Que tal se portou ele? – perguntou Alistair. – Algum problema?

– Não – respondeu Melanie, abanando a cabeça. – Tem estado sempre a dormir.

– Ótimo. Bem, leva-o para a cozinha, minha linda. Tenho trabalho para fazer aqui.

Foi buscar dois escadotes à arrecadação que tinham no jardim e colocou-os de cada lado da sala. Depois subiu para um deles, pegando no lado esquerdo de um dos colchões, enquanto Henry subia para o outro escadote pegando no direito.

– Segura-o bem agora – aconselhou Alistair, enquanto tirava o primeiro prego comprido do bolso da camisa e usava o martelo para prender o canto do colchão ao teto. O prego entrou com facilidade, mas encontrou alguma resistência quando embateu nas tábuas que revestiam o chão do piso superior. No entanto, não demorou muito a conseguir ter tudo na perfeição.



preparando o quarto de Barnaby

– Agora, o outro canto – disse ele, deslocando o escadote e prendendo o outro lado do colchão ao teto. Continuou a martelar durante quase uma hora, pregando vinte e quatro pregos no total, e, quando acabou, o teto anteriormente branco estava agora coberto pelo padrão muitíssimo floreado de um colchão médio *David Jones Bellissimo*.

– O que achas? – perguntou Alistair, olhando para baixo para o filho à espera de aprovação.

– Invulgar – respondeu Henry, pensando um pouco.

– Também me parece – concordou Alistair.

Com tanto martelar, Barnaby acordara e estava agora a emitir uma série de gorgolejos ininteligíveis a partir da sua alcofa enquanto Melanie se entretinha a fazer-lhe cócegas debaixo do queixo e dos braços sem dar mostras de querer parar. A dor de cabeça de Eleanor também piorara, e ela viera até ao andar de baixo para saber que barulho infernal era aquele. Quando viu o que o marido fizera ao teto da sala, fitou-o sem dizer nada, durante algum tempo, perguntando-se se não estariam todos doidos naquela casa.

– Mas que coisa é...? – começou por perguntar, procurando arranjar palavras, mas Alistair limitou-se a sorrir-lhe e a levar a alcofa para o meio da sala, para depois desprender as alças da mochila e deixar que Barnaby flutuasse uma vez mais até ao teto. Desta vez, contudo, ele não bateu com a cabeça nem disse “au”. Ao invés, embateu de um modo muito mais suave e pareceu perfeitamente satisfeito no local, brincando com os dedos e examinando os pés.

– Funciona! – exclamou Alistair, encantado, virando-se para a mulher na esperança de que ela se mostrasse agradada com aquilo que ele tinha feito, mas Eleanor, uma mulher perfeitamente normal, ficou estarrecida.

– Parece-me ridículo – comentou.

– Não será por muito tempo – revelou Alistair. – É só até ele acalmar.

– E se ele nunca acalmar? Não podemos deixá-lo aí em cima para sempre.

– Confia em mim, chegará o momento em que ele se irá fartar desta coisa de flutuar – insistiu Alistair, procurando ser otimista, apesar de se sentir tudo menos isso. – Espera e vais ver. Mas até lá não podemos deixá-lo bater com a cabeça de todas as vezes que se nos escapa. Poderá fazer um traumatismo grave.

Eleanor não disse nada, mantendo o seu ar abatido. Recostou-se no sofá e olhou para o filho, três metros acima dela, e perguntou-se o que teria feito de mal para merecer tal infortúnio. Afinal de contas, ela era uma mulher perfeitamente normal. Nada fizera prever que iria ter um filho capaz de flutuar.

Entretanto, Alistair e Henry iam prosseguindo com a sua tarefa, instalando o segundo colchão na cozinha, diretamente por cima do local onde iria ficar a alcofa de Barnaby, e o terceiro no quarto dos pais, para quando ele estivesse a dormir no seu berço, ao lado deles, à noite.

– Já está tudo – informou Alistair, descendo as escadas e vendo que Eleanor continuava deitada no sofá enquanto Melanie permanecia sentada no chão, ao lado dela, a ler *Heidi* pela décima sétima vez. – Onde está o Barnaby?

Melanie apontou com o indicador para cima, mas não disse nada; tinha os olhos colados ao livro. Pedro, o *Pastor*, estava a falar e ela queria ouvir todas as sílabas. Aquele rapaz era muito sábio para a idade que tinha.

– Muito bem – disse Alistair, franzindo o sobrolho e perguntando-se o que deveria fazer a seguir. – Acham que podemos deixá-lo ali em cima o resto do dia?

Melanie continuou a ler até chegar ao fim de um extenso parágrafo e depois pegou no marcador. Colocou-o cuidadosamente

entre as páginas 104 e 105 do livro e a seguir pousou-o na almofada ao lado de Eleanor antes de olhar diretamente para o pai.

– Estás-me a perguntar se devíamos deixar o Barnaby no teto da sala o resto do dia? – indagou ela, friamente.

– Sim, é isso – respondeu Alistair, incapaz de olhar a filha nos olhos.

– O Barnaby – repetiu –, que só tem alguns dias de vida. Queres saber se acho que devíamos deixá-lo ali em cima daquela maneira?

Seguiu-se uma pausa.

– Não me agrada esse teu tom – admoestou Alistair, com uma voz calma e simultaneamente envergonhada.

– A resposta à tua questão é não. Não, não acho que devamos deixá-lo ali em cima daquela maneira.

– Muito bem – prosseguiu Alistair, pegando numa cadeira para ir buscar o bebé. – Não te tinha ficado mal teres respondido apenas com um não.

Nesse momento, tocaram à campainha. Era o senhor Cody, da casa ao lado, a perguntar pelas chaves do seu *Ute*; na ausência de uma resposta imediata, limitou-se a entrar em casa para ir buscá-las sem pedir licença. Alistair voltou a colocar Barnaby na alcofa, mas esqueceu-se de prender as alças e não tardou muito para que o menino fosse parar outra vez ao teto, permanecendo confortavelmente encostado ao colchão.

O senhor Cody, que já vivera muitos anos, combatera em duas guerras, apertara a mão a Roald Dahl, o famoso autor de livros infantis, e vira muitas coisas invulgares ao longo de sete décadas, algumas das quais compreendera e outras não, olhou para cima e coçou a cabeça de um dos lados. Afagou o queixo com uma mão e passou vagarosamente a língua pelos lábios, primeiro pelo lábio superior, depois pelo inferior. Por fim, abanando a cabeça, virou-se para Eleanor.

– Não é normal, isto – disse ele, o que fez com que Eleanor irrompesse em lágrimas e desatasse a subir as escadas a correr

com a intenção de se atirar para cima da cama e não mais abrir os olhos, para assim não ver a horrível monstruosidade que era o terceiro colchão no teto do quarto.

CAPÍTULO 3

Barnaby, o papagaio de papel

Quando decorreram quatro anos e nada mudou, a família de Barnaby acabou por aceitar que não se tratava apenas de uma fase; era a forma como o seu filho tinha nascido. Alistair e Eleanor levaram-no a um médico local, que o examinou atentamente e sugeriu que lhe dessem uns comprimidos e voltassem a ligar-lhe na manhã seguinte, mas tal não contribuiu em nada para melhorar a situação. Então, levaram-no a um especialista de outra cidade que lhe receitou um antibiótico, mas ele continuava a flutuar, apesar de ter ficado completamente imune à gripe que grassou em Kirribilli nessa semana. Finalmente, arrastaram-no até ao centro de Sydney para uma consulta com um famoso terapeuta, que se limitou a abanar a cabeça e a dizer que o rapaz se iria libertar do hábito quando chegasse a altura.

– Os rapazes acabam sempre por se libertar de tudo – disse ele sorrindo, enquanto passava uma receita relativamente grande em função do tempo relativamente curto que passara a examinar Barnaby. – Das calças que já não servem. Do bom comportamento. Da sua disponibilidade para respeitarem a autoridade parental. Têm de ter paciência, é tudo.

Nenhum deles serviu de grande ajuda para Alistair ou Eleanor; na verdade, só os deixaram ainda mais frustrados.

Barnaby dormia agora no quarto de Henry, no beliche de baixo, sob a proteção de uns tantos cobertores que haviam colocado na parte inferior da cama do irmão para evitar que ele batesse com a cabeça na estrutura metálica.

– É bom poder ver o nosso teto outra vez, não é? – inquiriu Alistair, quando retiraram finalmente o colchão do quarto. Eleanor acenou afirmativamente, mas não disse nada. – Está a precisar de uma nova pintura – acrescentou ele, enchendo o espaço deixado pelo silêncio da mulher. – Há um grande quadrado amarelo no sítio onde estava o colchão. Até se consegue distinguir o floreado do padrão.

Havia também uma série de circunstâncias difíceis associadas ao uso da casa de banho por parte de Barnaby, mas não seria de muito bom-tom abordar esse assunto aqui. Escusado será dizer que tomar um duche era muito difícil, um banho de banheira estava fora de questão e usar a sanita apresentava tantos desafios que até mesmo o mais talentoso dos contorcionistas teria tido dificuldades em realizar a tarefa.

Ao fim da tarde, quando ocasionalmente preparavam um churrasco para a última refeição do dia, a família sentava-se em torno da mesa do jardim – Alistair, Eleanor, Henry e Melanie nas quatro cadeiras debaixo do grande chapéu-de-sol, enquanto Barnaby permanecia junto do topo afunilado, impedido de escapar para a atmosfera pela forte tela verde que o mantinha no lugar. Não podia pôr *ketchup* nos cachorros ou nos hambúrgueres, pois o molho tinha o terrível hábito de cair em cima de uma ou mais cabeças.

– Mas eu gosto de molho de tomate – queixava-se Barnaby, pensando no injusto que tudo aquilo era. Ele sabia, claro, pronunciar mais do que um simples “au” agora.

– E eu preferia não ter de lavar a cabeça todos os dias – respondia o pai.

Nestas alturas, o *Capitão W. E. Johns* sentava-se no chão a olhar fixamente para o rapaz, aguardando por instruções; o cão decidira que esta criança flutuadora era o seu único dono e não acatava ordens de mais ninguém.

Os dias, porém, eram muitas vezes bastantes entediantes. Eleanor deixara de trabalhar logo após o nascimento de Melanie, por isso ela e Barnaby permaneciam sozinhos durante longos períodos de tempo, apenas com o *Capitão W. E. Johns* a servir de intermediário entre eles. Quase nunca saíam de casa durante o dia, na medida em que Eleanor não queria ser vista em público com o filho, não fosse as pessoas começarem a apontar e a olhar fixamente para ele. Alistair também se recusava a levar Barnaby com ele quando ia ao mercado de Kirribilli, aos sábados de manhã, em busca de uma pechincha, pois sabia que se transformaria imediatamente naquele tipo de pessoas que sempre desprezara: uma pessoa diferente.

Devido a isto, Barnaby tornou-se uma criança invulgarmente pálida, pois raramente via a luz direta do Sol. Houve uma altura em que Eleanor ainda tentou resolver a questão prendendo-o à corda da roupa que existia no relvado das traseiras para que ele pudesse apanhar ar fresco durante algumas horas. Quando soprava uma brisa, era capaz de ficar a rodar uma tarde inteira, o que lhe assegurava um bronzeado mais uniforme. Todavia, Eleanor acabou por ser forçada a abandonar a prática, pois havia vários comedouros para pássaros colocados em diferentes pontos do jardim, e um rapaz de quatro anos preso pelos tornozelos a uma corda de roupa, esbracejando que nem um lunático, mais parecia um espantalho do que outra coisa qualquer, o que fez com que os pássaros deixassem de aparecer.

– Ele está branco como um fantasma – notou Alistair, olhando para o filho certa noite, enquanto jantavam.

– Quase tanto quanto os nossos tetos antigamente – observou Eleanor. – Antes de estarem forrados com colchões.

– Não deve ser bom para ele, pois não?

– Já falámos sobre isso, Alistair – recordou Eleanor com um suspiro, pousando o garfo ao lado do prato. – Se o levarmos lá para

fora, o que é que os vizinhos não irão dizer? Poderão até pensar que toda a gente flutua aqui em casa.

– Por favor, Eleanor – disse Alistair, rindo-se com a ideia. – Eu nunca flutuei na minha vida, como tu sabes. Sempre tive os pés bem assentes no chão.

– E há que pensar nas outras crianças – acrescentou ela. – E se os rapazes da turma do Henry, por exemplo, ouvirem falar acerca do Barnaby e pensarem que o Henry também flutua? Poderão deixar de ser amigos dele.

– Tenho a certeza de que não fariam isso. Não foi uma *escolha* que o Barnaby tenha feito, para todos os efeitos. Ele nasceu assim e pronto.

– Diz isso ao Henry quando ele estiver a levar pancada no recreio da escola.

– Não creio que isso...

– As crianças podem ser muito cruéis às vezes – continuou ela, ignorando a interrupção do marido. – Seja como for, é mais fácil mantê-lo sob controlo aqui em casa. Pensa no que aconteceria se o levássemos lá para fora: poderia fugir e nunca mais o veríamos.

Ao mesmo tempo que dizia isto, levou uma garfada de lasanha à boca que se deteve a meio caminho antes de lhe tocar nos lábios; por instantes, Eleanor apercebeu-se de quão mais fácil seria a vida se isso viesse a acontecer. Alistair olhou-a fixamente nos olhos e algo transpareceu entre eles – o germe de uma ideia terrível que nenhum deles se atreveu a pronunciar. Por agora.

– Enfim, se estás assim tão preocupado, bem que podias levá-lo à rua assim que viesses do trabalho – sugeriu Eleanor, ao fim de algum tempo.

– Isso está fora de questão – respondeu Alistair, quase instantaneamente, abanando a cabeça como se precisasse de afastar a ideia da mente e dos ouvidos antes que esta viesse a provocar quaisquer danos. – Recuso-me, repito, *recuso-me* a fazer figura de idiota no meio dos vizinhos.

- Muito bem, mas não esperes que seja eu a fazê-lo.
- Talvez pudéssemos contratar alguém – sugeriu Alistair. – Como aqueles profissionais que costumam levar os cães a passear.
- Mas depois teríamos de explicar a situação a essa pessoa e, num abrir e fechar de olhos, toda a gente saberia.
- Lá isso é verdade. E a escola?
- O que tem a escola? – perguntou Eleanor, franzindo o sobrolho.
- O que queres dizer? Ele não anda na escola.
- Ainda não, mas não tardará a acontecer. Vai ter de começar daqui a alguns meses. Se for para lá assim tão pálido, toda a gente pensará que tem algo de errado.
- Ele *tem* algo de errado, Alistair.
- Quero dizer, poderão pensar que tem uma doença de pele e ninguém se sentará ao lado dele. E, logo a seguir, a direção da escola obrigar-nos-á a ir falar com a enfermeira, e quem sabe os problemas que daí advirão. Poderão referir o caso no boletim informativo e depois toda a gente ficará a saber que tenho um filho flutuador. Lamento, Eleanor, mas vou ter de me impor.
- Vais ter de *quê*? – perguntou Eleanor, incrédula.
- Vou ter de me impor – repetiu ele, num tom mais firme. – Sou eu que mando nesta casa e decidi que vamos ter de nos sujeitar a todos esses olhares desagradáveis e mexericos cruéis. O rapaz vai ser exposto à luz do dia. E podes começar já amanhã de manhã quando lewares o *Capitão W. E. Johns* à rua.
- A cauda do cão agitou-se perante estas palavras maravilhosas – uma única sílaba que oferecia sensações sem paralelo – e Eleanor, demasiado cansada para se opor, acabou por concordar com alguma relutância. E assim, na manhã seguinte – um dia cheio de sol, perfeito para introduzir um pouco de cor no rosto pálido do rapaz –, bateu as palmas para chamar o *Capitão W. E. Johns* e colocar-lhe a trela no pescoço antes de subir a uma cadeira da cozinha para retirar Barnaby do teto.
- Vamos passear – anunciou-lhe, numa voz circunstancial.

- Pela casa?
- Não, lá fora.
- Lá fora? – perguntou Barnaby, que nunca acreditara que a mãe fizesse o que o pai sugerira na noite anterior.
- Sim, mas antes de partirmos... bem, lamento, mas preciso de fazer uma coisa.

Dizendo isto, foi buscar a outra coleira do *Capitão W. E. Johns*, uma que se podia ajustar ao pescoço, bem como a segunda trela que guardavam na gaveta da cozinha, e minutos depois os três puseram-se a caminho.

Era um espetáculo digno de se ver quando o trio saiu de sua casa em Kirribilli e se meteu pela rua que ia dar à casa do governador-geral, na parte mais meridional da península: uma senhora de meia-idade caminhando com a cabeça baixa de vergonha, um cão de raça indefinida e progenitores desconhecidos trotando uns poucos metros à sua frente, preso por uma trela que ela segurava com a mão esquerda, enquanto um rapaz de quatro anos, branco como um fantasma, flutuava por cima deles, suspenso no ar por uma segunda trela que ela segurava com a mão direita.



dando um passeio

Barnaby Brocket era agora um papagaio de papel.

Dirigiram-se para norte na direção do Colégio de Santo Aloísio, onde Henry estava a terminar o quinto ano, mas, assim que a campainha tocou e se ouviram as crianças a correr pelas escadas no interior do edifício, Eleanor virou rapidamente para o cais da Jeffrey Street, onde gostava de ficar a olhar para as velas da Casa da Ópera, o ondulado dos arranha-céus e os hotéis que pontuavam entre eles. A Ponte da Baía de Sydney erguia-se orgulhosamente à sua direita, ligando as costas do norte de Sydney ao bairro The Rocks, do outro lado; Eleanor seguiu nessa direção, contemplando as bandeiras que flutuavam ao vento, antes de respirar fundo e sentir finalmente paz.

– Bom dia, Eleanor! – cumprimentou o senhor Chappaqua, um antigo atleta olímpico dos 20 km marcha (Montreal 76; quarto lugar) que se cruzava com ela diariamente à mesma hora, vindo da Beulah Street, onde começava sempre o seu passeio matinal, com os cotovelos colados ao corpo enquanto se deslocava, bamboleando-se como um pato, com o seu boné de basebol. – Bom dia, *Capitão W. E. Johns!*

Depois, olhando para cima, reparou em Barnaby a flutuar por cima dela e a sua expressão alegre alterou-se por completo. O senhor Chappaqua era uma pessoa nada e criada em Sydney. Tinha muito orgulho na sua cidade, nas suas gentes e nas suas belas tradições. Chegara até a conseguir um lugar no parlamento, alguns anos antes – quarto lugar mais uma vez – e continuava a escrever regularmente cartas para o *Sydney Morning Herald*, onde se queixava acerca de tudo que não estivesse de acordo com os seus padrões, excecionalmente elevados.

– O seu filho está a flutuar, senhora Brocket – comentou ele, horrorizado, incapaz agora de recorrer à familiaridade do nome próprio. – Ele está a *flutuar!*

– Ah, sim? – perguntou Eleanor, olhando para cima como se fosse uma tremenda surpresa para ela.

– Não se faça de surpreendida. Leva-o preso por uma trela! Já chegámos a este ponto, senhora Brocket? Serão estas as profundezas em que Sydney, a cidade mais esplendorosa do mundo, se encontra mergulhada?

Eleanor abriu a boca para se defender, mas não conseguiu encontrar palavras para explicar o comportamento do filho, e o senhor Chappaqua, amedrontado, limitou-se a rosnar como um lobo despertado do seu sono e a marchar diretamente para casa para ir ter com a sua mulher, que sugeriu que onde havia um deveria haver mais, e, dentro em breve, Sydney estaria infestada de criaturas maléficas.

Embora Eleanor se tivesse sentido humilhada com este encontro, Barnaby ficou demasiado arrebatado com as belíssimas vistas que tinha pela frente. Olhou para baixo para o *Capitão W. E. Johns* que, pressentindo a excitação do dono, se pôs a abanar a cauda de êxtase. O rapaz franziu os olhos ofuscados pela luz matinal do sol refletido na água, instigando arco-íris de cor a erguerem-se sobre as ondas. Ao observar um dos *ferries* a fazer o seu percurso entre o Cais Circular e a Neutral Bay, Barnaby desejou estar a bordo, para poder ver o que existia mais além, naqueles lugares que nunca tivera autorização para visitar.

– Eu sabia que isto era uma má ideia – proferiu Eleanor, visivelmente furiosa, enquanto retomava o caminho de volta. – Vamos ter toda a vizinhança a falar de nós. Quanto mais depressa te enfiar dentro de casa, Barnaby, melhor.

Contudo, assim que se puseram a caminho, cruzaram-se com outro vizinho, ou melhor, um casal de vizinhos que davam pelo nome de Joe e Alice Moffat, gente importante no mundo dos computadores (segundo Eleanor ouvira dizer). Vinham a conversar alegremente enquanto caminhavam de mãos dadas, mas quando

viram Eleanor, Barnaby e o *Capitão W. E. Johns* pararam imediatamente e ficaram a olhar boquiabertos.

– Tenho de tirar uma fotografia – disse Joe Moffat, tirando um *smartphone* do bolso e focando Barnaby. Joe era um jovem muito desleixado que andava sempre com a barba por fazer e só usava *T-shirts*, calções e chinelos, apesar de constar que valia na ordem dos biliões de dólares australianos. – Olá, senhora Bocket! Não se mexa, está bem? Estou a tentar tirar uma fotografia ao seu filho.

– Não pense que vou ficar quieta, seu animal degenerado – desferiu Eleanor, no momento em que passava por ele a correr e quase derrubava a mulher ao fazê-lo, movendo-se a uma velocidade tal que Barnaby sentiu uma grande lufada no rosto. Uma lufada tão forte que fez com que o seu cabelo fosse todo para trás e servisse de corta-vento aos três, obrigando-os a abrandar, o que era uma ironia. – E peço-vos que parem de olhar para mim: é extremamente rude.

– Só uma fotografia, por favor – implorou Joe, correndo atrás dela.
– Toda a gente vai querer ver.

Não gostaria de vos contar o que Eleanor lhes disse, já que não foi nada de agradável. De seguida, desatou a correr para casa, o que fez as delícias do *Capitão W. E. Johns*, que adorava uma boa corrida, mas deixou o pobre Barnaby a tremer de frio. Na segurança do lar, desprendeu a trela da coleira do cão, que se dirigiu apressadamente para as traseiras a fim de fazer as suas necessidades. Depois tirou a outra trela do pescoço de Barnaby e deixou-o flutuar na direção do colchão médio *David Jones Bellissimo*.

– É um comportamento inaceitável – gritou-lhe, agitando o dedo e sentindo tamanho ressentimento para com o rapaz que voltou a ter aquelas ideias más. – Não suporto mais isto, Barnaby Bocket, estás-me a ouvir? Sou a tua mãe e insisto que deixes de flutuar agora mesmo. Vem cá para baixo!

– Não consigo... – justificou-se Barnaby, com uma voz triste.

- Desce daí, já! – gritou ela, com o rosto vermelho de fúria.
- Como? – insistiu Barnaby. – Eu sou mesmo assim.
- Então, lamento dizer-te – prosseguiu Eleanor, abanando a cabeça e baixando por fim a voz –, mas não gosto de ti assim.

Dizendo isto foi para a cozinha, fechando a porta atrás dela e não falando com mais ninguém durante o resto da tarde.

CAPÍTULO 4

O melhor dia da vida de Barnaby até agora

– Santo Aloísio é a escolha óbvia – disse Eleanor, na noite em que ela e Alistair decidiram o que fazer com a educação de Barnaby.
– Fica mesmo ao fundo da rua.

– Não o vou pôr lá – retorquiu Alistair. – A maior parte dos nossos vizinhos tem os filhos nessa escola. Toda a gente em Kirribilli falará de nós. E se chegar aos ouvidos da Bother & Blastit? As pessoas passarão a olhar para mim com ar de gozo.

– Bem, o que sugeres então? – perguntou Eleanor.

– Como se chama essa escola em Lavender Bay? É um pouco mais longe, mas...

– Nem pensar! – insurgiu-se Eleanor, olhando para o marido como se este não tivesse mais tino do que um coelho. – A Jane Macquarie-Hamid que vive do outro lado da rua tem o pequeno Duncan lá. O que é que ela não iria dizer?

– Bem, não sei que outras opções nos restam – replicou Alistair, com um suspiro. – Podíamos deixá-lo em casa. Ele precisa mesmo de estudar?

– Oh, é claro que precisa – disse Eleanor, percorrendo a lista de escolas de Sydney na Internet com a intenção de encontrar uma que fosse ao encontro das suas necessidades. – Não podemos acrescentar ignorância e estupidez aos outros défices que ele já tem. Olha, já achei – proferiu, com um ar triunfante, enquanto virava o portátil para o marido ver. – A Academia Graveling para Crianças Indesejadas.

– É como se tivesse sido construída a pensar no Barnaby – observou Alistair, examinando a página da escola na Internet, que enaltecia o facto de ter sido fundada por um antigo diretor da Prisão Feminina de Dillwynia para educar as crianças que, por esta ou por aquela razão, tinham sido afastadas do sistema regular de ensino.

– Marco uma entrevista?

– Podíamos ir até lá e víamos logo como era a escola. De qualquer modo, tem muito bom aspeto, não tem? – acrescentou ele, clicando nas fotos que iam surgindo no ecrã do computador. – O arame farpado por cima dos muros deve ter sido posto com a intenção de ensinar às crianças o que são campos de concentração.

– E o aspeto do edifício em si – considerou Eleanor. – É como um daqueles asilos do *Oliver Twist*. As crianças devem adorar!

– Lá isso devem – concordou Alistair.

Assim, três dias depois, viram-se sentados em frente de Harriet Hooperman-Hall, a diretora da escola.

– Não é que ele não seja um rapazinho inteligente – reconheceu Alistair.

– Ele é até bastante esperto – afiançou Eleanor. – Lê os livros mais extraordinários. Prefere autores mortos – acrescentou, rindo-se um pouco, como se nunca tivesse ouvido falar de uma coisa tão extraordinária.

– E nunca causou nenhum problema – garantiu Alistair. – Mas pensamos que o Barnaby iria beneficiar, como direi, de uma atenção especial.

A senhora Hooperman-Hall sorriu e afagou os pelos que tinha no rosto; parecia-se um pouco com uma cabra, embora os seus dois dentes da frente fossem idênticos aos de um dromedário. Antes de falar, passou com a língua pela grossa e opaca camada de batom vermelho-escuro que permanecia agarrada aos cantos da boca como argamassa a um tijolo e movimentou-a para dentro e para fora de uma forma um tanto ou quanto nojenta.

– Alistair e Eleanor – começou ela. – Ou devo tratá-los por senhor e senhora Brocket? Nós, na Academia Graveling, sabemos o que é sermos avaliados como um local em que os nossos alunos são mais difíceis do que os das outras escolas. Sim, é verdade que alguns dos nossos alunos andaram pelas instituições de menores ainda antes de saberem andar. E, sim, é uma circunstância menos feliz termos câmaras de vigilância em todas as salas de aula e detetores de metais em todas as portas. E, não, não pactuamos com essas modernices que exigem que os nossos professores sejam “certificados”, ou lá o que isso é. Nunca entendi muito bem esse termo, para falar verdade. E os senhores?

– Bem, acho que significa...

– Apesar disto tudo, orgulhamo-nos do facto de abrimos as portas às oito da manhã e fecharmo-las a cadeado às três da tarde. E embora nada de muito útil ocorra nessas oito horas...

– Creio que são sete – corrigiu Alistair, que sempre fora muito bom em números.

– Embora nada de muito útil ocorra nessas oito horas – insistiu a senhora Hooperman-Hall –, pelo menos mantemos as crianças longe do vosso caminho, o que, sejamos honestos, é o que pretendem. Apoiamos a diferença aqui – acrescentou, num tom magnânimo. – Então, o vosso pequeno Barnaby flutua. Que mal é que isso tem? Temos uma criança com seis anos que salta como um canguru; outra que roubou uma série de garrafas num assalto à mão armada a uma loja de bebidas alcoólicas e se recusa a dizer onde escondeu o saque; e uma terceira que fala francês fluentemente. Acham que lhes atiramos isso à cara? Não, não fazemos isso.

Isto era suficientemente bom para Alistair e Eleanor, e, pouco tempo depois, deixaram a escola, tentando não reparar no papel a descolar-se das paredes, nos tapetes com queimaduras de cigarro e nos cestos de papéis a transbordar, o que constituía claramente um risco de incêndio.

Tendo tido pouco contacto com outras crianças durante a sua curta vida – tirando Henry e Melanie, claro –, Barnaby mostrou-se compreensivelmente nervoso durante a sua primeira semana na Academia Graveling para Crianças Indesejadas. Felizmente para ele, contudo, foi colocado ao lado de outro aluno novo, Liam McGonagall, cujo tetravô fora um dos primeiros condenados a serem deportados para a Austrália, no início do século XIX, depois de ter sido expulso da Irlanda por ter mijado numa estátua do rei Jorge IV. Tal como Barnaby, Liam achou a ideia de passar o dia numa sala de aula cheia de crianças que nunca conhecera verdadeiramente intimidante; ele também não conseguia fazer amigos por ter nascido com uma triste aberração física: os seus braços terminavam nos pulsos e tinha dois ganchos de aço muito vistosos no lugar onde lhe deviam ter nascido mãos. Esta particularidade aterrorizou a maior parte das crianças da sala, mas não causou a mínima perturbação em Barnaby. Na verdade, até teria apertado o gancho direito de Liam na primeira manhã em que se conheceram, e em todas as outras depois disso, se não fosse a senhora Hooperman-Hall ir buscá-lo sempre à porta principal para o levar diretamente para o seu lugar, amarrando-o depois a uma cadeira com uma corda grossa e uma série de nós complicados.

– Foi um acidente? – perguntou a Liam, quando se tornaram suficientemente amigos para fazer perguntas do foro pessoal, o que aconteceu poucas horas depois. – Quero dizer, o teres ficado sem mãos.



o encontro com Liam

– Não, nasci assim. Acontece. Algumas pessoas não têm cérebro, como ali o Denis Lickton. – Liam indicou com a cabeça um rapaz mais alto do que a média que estava a conversar com os sapatos. – Alguns não têm estilo nenhum – prosseguiu, olhando para um tipo com ar nervoso, George Raftery, que envergava um chapéu igual ao do Robin dos Bosques. – No meu caso, não tenho mãos. Tentei usar umas artificiais, durante algum tempo, mas não consegui habituar-me a elas. Os ganchos funcionam melhor. Posso fazer tudo com eles... exceto tirar macacos do nariz.

– São muito luzidios – referiu Barnaby, admirando a forma como brilhavam.

– Isso é porque lhes puxo sempre o lustro antes de sair de casa de manhã – justificou Liam, agradado com o facto de Barnaby ter reparado. – Gosto de ter bom aspeto. Enfim, nunca soube o que era ter mãos, por isso eles não me incomodam nada. Só que não consigo jogar basquetebol e acho que seria bom nisso.

– Eu seria brilhante – reconheceu Barnaby. – Bastava-me flutuar com a bola e deixá-la cair no cesto. Seriam pontos atrás de pontos.

– Flutuaste sempre?

– Desde que nasci.

– Bem, que sorte a tua! – comentou Liam McGonagall, e foi o suficiente para ficarem amigos. Na verdade, não foi preciso muito.

À medida que as semanas iam passando, a rotina diária permanecia a mesma. Barnaby chegava à Academia Graveling poucos minutos antes de ser dado o tiro de partida e era imediatamente amarrado à cadeira e deixado lá durante o resto do dia, procurando não ficar muito triste quando os outros rapazes o azucrinavam e mantendo sempre uma feliz amizade com Liam McGonagall.

– Gostas de estar na escola nova? – perguntou-lhe Alistair certa noite ao jantar, olhando para cima para o filho enquanto acabavam

de comer um pudim de ruibarbo que Eleanor estivera a fazer toda a tarde e que era quase, mas não totalmente, saboroso.

– Não, é horrível – respondeu Barnaby. – O lugar cheira a fruta podre, as outras crianças são más para mim e nunca nos ensinam nada de verdadeiro. Hoje passámos uma hora a estudar os reis e as rainhas da Nova Zelândia, aprendemos a plantar árvores da batata e ficámos a saber que a capital de Itália é Júpiter.

– É Barcelona, não é? – perguntou Alistair, que podia ser muito bom em números, mas tinha algumas dificuldades a geografia. (Nunca saíra da Austrália, claro, com a crença de que as pessoas normais não deveriam estar interessadas em ver o Mundo. Na verdade, nunca deixara o estado de Nova Gales do Sul. Portanto, nunca saíra de Sydney.)

– A senhora Hooperman-Hall disse depois que queria iniciar um clube de leitura e perguntou se tínhamos algumas sugestões de livros. Eu respondi *O Homem da Máscara de Ferro* e ela disse-me que esse não, pois livros como esse eram muito complicados para ela e não seria capaz de dormir se a sua cabeça estivesse cheia de teorias da conspiração. Então, sugeri um livro infantil como *Bobby Brewster – Motorista de Autocarro* e ela disse que só queria ler livros acerca de vampiros porque eram estimulantes e originais.

– O que significa estimulante? – perguntou Melanie, olhando para cima.

Henry fungou para o pudim e o *Capitão W. E. Johns* deixou as orelhas taparem-lhe o focinho.

– Melanie! – desferiu Eleanor. – Não uses essa palavra. Não quero ninguém estimulado nesta casa, estão a ouvir-me? Não é normal.

– Nunca fui estimulado na minha vida – acrescentou Alistair – e tenho quase quarenta anos.

– Odeio a escola – resmungou Barnaby. – Só me dou com um rapaz. Tem ganchos em vez de mãos.

– Excelente – observou Henry.

– Não é excelente – insistiu Eleanor, abanando a cabeça como se não esperasse uma coisa dessas de uma escola em condições de aceitar o seu filho como aluno. – É anormal, é o que é. No entanto, ainda bem que és feliz na escola.

– Mas eu não sou feliz na escola – retorquiu Barnaby. – Já vos disse.

– Está bem, está bem.

No entanto, as coisas tomaram um rumo que pôs um fim abrupto ao seu percurso na Academia Graveling. Na tarde da quarta-feira seguinte, o cheiro a podre, os tetos gordurentos, os cestos de papéis a transbordar, as queimaduras de cigarro, o batom da senhora Hooperman-Hall e o papel de parede a cair deram origem a uma combustão espontânea ao fundo do longo corredor que separava os alunos mais novos, ainda à experiência, dos mais velhos. O fogo propagou-se através dos tapetes antigos, dando origem ao aparecimento de pequenos focos de incêndio à medida que ia passando por baixo das portas, e, quando chegou à sala de Barnaby, trepou rapidamente pelas paredes, encontrando combustível suficiente para se tornar ainda maior e mais forte. Não demorou muito para que a senhora Hooperman-Hall e as crianças se pusessem a gritar e se apressassem a tirar as velhas barras das janelas, a fim de conseguirem saltar para o telhado e deslizar pelo cano de escoamento para um lugar seguro.

Barnaby ainda estava atado à cadeira, contudo. Ninguém pensara em salvá-lo.

– Socorro! – gritou, puxando pelas cordas, mas quanto mais força fazia mais apertadas elas ficavam. – Socorro! Ajudem-me!

As chamas estavam maiores agora e havia uma parede inteira da sala a ser engolida pelo fogo. Barnaby começou a tossir, sentindo o fumo a chegar-lhe à garganta e a sufocá-lo, ao mesmo tempo que os olhos começavam a lacrimejar.



um mau dia na escola

– Socorro! – gritou de novo, com a sua voz quase impercetível. Apercebeu-se de que esta podia ser a sua última palavra, que morreria ali no meio do fogo e que nunca mais voltaria a ver Alistair, Eleanor, Henry, Melanie ou o *Capitão W. E. Johns*.

Tentou voltar a puxar com força as cordas que o prendiam em torno dos pulsos e dos tornozelos, mas nada que ele fizesse era suficiente para as afrouxar. Olhando para baixo, percebeu que seria impossível libertar-se e que teria de enfrentar os próximos e terríveis minutos com o máximo de bravura. Mesmo que alguém voltasse para o vir buscar, os nós estavam demasiado apertados para poderem ser desfeitos por uma mão humana. Foi por isso que teve muita sorte, pois a única pessoa que apareceu para o ajudar não tinha mãos humanas, mas um conjunto de ganchos bastante funcional.

– Não te mexas, Barnaby – gritou Liam McGonagall, tossindo também e tentando manter os olhos focados nas cordas enquanto se servia das pontas dos ganchos para desfazer os nós à laia de pinça. – Não puxes pelas cordas, estás a tornar tudo mais difícil.

Barnaby fez o que o amigo lhe pediu e depressa começou a sentir uma frouxidão definitiva em torno do tornozelo esquerdo. De repente, foi capaz de libertar a perna. Depois a outra. Depois o braço esquerdo, seguido rapidamente do direito. Liam conseguira desfazer os nós.

– Oh, não – proferiu ele, prendendo os ganchos em torno dos tornozelos de Barnaby no momento em que o amigo começava a flutuar em direção ao teto, transformado agora num mar de chamas alaranjadas. – Põe-te às minhas cavalitas, Barnaby, e segura-te bem.

Barnaby obedeceu e os dois rapazes dirigiram-se para a janela, saltaram para o exterior e deslizaram pelo cano de escoamento, aterrando no solo com tal violência que se estatelaram. Barnaby por

pouco que não se punha a flutuar outra vez, mas Liam conseguiu abeirar-se dele a tempo e voltou a prendê-lo com os ganchos.

– Lá vai ela! – exclamou Barnaby, olhando para cima para o antigo edifício a arder que não tardou a desabar sobre si mesmo.

– Não vão poder reabrir a escola – observou Liam.

Os dois rapazes olharam um para o outro e esboçaram um grande sorriso. Era provavelmente o melhor dia da vida de Barnaby Brocket até agora.

CAPÍTULO 5
O mágico na ponte

Duas semanas mais tarde, Barnaby estava amarrado ao sofá da sala a ler *Raptado* de Robert Louis Stevenson quando Eleanor entrou, arrastando consigo um pesado embrulho que trazia uma etiqueta onde se podia ler: "*Para o Barnaby da Eleanor Brocket (Senhora)*".

– Para mim? – perguntou ele, olhando para a mãe com um ar surpreendido.

– Sim, é um presente especial – respondeu-lhe ela. – Vais gostar, prometo.

Barnaby rasgou o papel de embrulho e encontrou uma mochila novinha em folha. Era um pouco grande para o seu corpo diminuto e tinha duas fortes alças para pôr ao ombro que pendiam de ambos os lados.

– É para a escola – informou Eleanor, que tinha desistido de encontrar uma escola de que nenhum dos seus amigos tivesse ouvido falar e decidira-se, relutantemente, por uma escola primária local.

– Mas eu já tenho uma mochila – assinalou ele.

– Sim, mas essa é para guardares todos os livros da escola. Esta aqui, esta nova... – explicou Eleanor. – Bem, põe-na às costas e verás.

Barnaby baixou-se para pegar na mochila e, para sua grande surpresa, viu que era quase impossível levantá-la.

– É tão pesada – observou ele. – Parece estar cheia de pedras.

– Não te preocupes com isso – disse Eleanor, no momento em que o *Capitão W. E. Johns* entrava na sala para saber como estava o dono. – Põe-na às costas, está bem? Quero ver se funciona ou não.

Barnaby teve dificuldades em levantar a mochila do chão, mas lá conseguiu enfiar o ombro esquerdo por baixo de uma das alças. Por pouco não caía quando o fez, mas depois enfiou também o ombro direito e tudo ficou mais equilibrado. Os pés ergueram-se do chão por alguns segundos e ele começou a flutuar, mas, logo a seguir, voltou para baixo, aterrando no tapete com um baque considerável.

O *Capitão W. E. Johns*, descontente, ladrou.

– Funciona! – gritou Eleanor, batendo as palmas de satisfação. – Arranjei uns sacos de areia na câmara municipal, depois de lhes ter dito que estava preocupada com as inundações. Pus dois dentro para compensar o teu peso. É perfeito, não é?

– Não vou conseguir andar com isto às costas – protestou Barnaby. – Dói imenso.

– Oh, não sejas lamechas.

Barnaby, ansioso por agradar, fez como ela lhe pediu, mas não era fácil. Durante a primeira semana, os seus ombros ficaram pretos e azuis do peso que era forçado a transportar, mas, com o tempo, foram ficando mais fortes e deixou de reparar tanto. À medida que os meses iam passando, e ele ia crescendo mais um pouco, Eleanor ia pondo mais areia nos sacos e o processo doloroso começava outra vez. Contudo, o mais curioso era que, sempre que Barnaby era forçado a permanecer no chão, doíam-lhe um pouco os ouvidos.

Na sala de aula, os tornozelos de Barnaby ficavam presos à cadeira com um par de algemas e ele podia manter as mãos e o corpo livre não fosse o caso de alguém importante, como o primeiro-ministro ou uma das irmãs Minogue, passar por lá numa visita oficial; a escola, tal como Alistair e Eleanor, não gostava de gente que sobressaísse no meio da multidão.

A única coisa que entristecia Barnaby era o facto de o seu amigo Liam McGonagall não ter ido para a mesma escola. A família dele mudara-se para a Índia, onde o pai fora colocado numa empresa de *design* de acessórios de computador, e eles perderam o contacto, como por vezes acontece aos melhores amigos.

Passou um ano, e depois outro, e depois mais dois, e Barnaby fez oito anos. Ainda dormia no beliche de baixo no quarto de Henry e ficara com a prateleira superior da estante para guardar os livros da sua biblioteca que não parava de aumentar. Fazia mais do que sentido na medida em que podia flutuar pelo teto à vontade, reorganizando os livros, deslocando todos os volumes dos *Três Mosqueteiros* para um só sítio e mantendo a sua preciosa coleção de órfãos – *Oliver Twist*, *As Regras da Casa da Sidra*, *Jane Eyre* – à mão. Barnaby Brocket tinha uma afinidade especial com órfãos.

Depois, numa bela manhã de fevereiro, o seu professor, o senhor Pelford, anunciou aos alunos que iriam fazer uma visita de estudo especial.

– Qual é a atração mais famosa de Sydney? – perguntou ele, olhando em volta para o mar de mãos que nunca apareciam. – Katherine Flowers?

– O Centro Comercial Westfield? – aventou ela, encolhendo os ombros.

– Não sejas ridícula – ripostou o senhor Pelford. – És muito tonta. Marcus Foot, a atração mais famosa de Sydney, por favor?

– A Casa da Ópera – respondeu o rapaz, que vira aí uma vez uma peça e sonhara, desde então, representar um herói shakespeariano no seu palco. Preferencialmente, uma personagem que usasse colãs e empunhasse uma espada. Marcus Foot, um rapaz invulgar em muitos aspetos, achava que não havia nada melhor na vida do que andar por aí de colãs brandindo uma espada.

– Sim, mas não é nessa que estou a pensar – disse o senhor Pelford. – Vá lá, quem sabe? Alguém que tenha um cérebro na cabeça...

– A Grande Muralha da China – sugeriu Richard L’Estrange.
– As cataratas do Niágara – propôs Emily Piper.
– O Big Ben – gritaram as gémeas Mickleson, Amy e Aimee.
– Por amor de Deus, meninos – disse o professor, agitando os braços no ar. – É a Ponte da Baía de Sydney, claro. Um extraordinário feito de engenharia no cimo do qual, convém acrescentar, uma tal de Geena Llewellyn concordou ser a segunda senhora David Pelford, numa tarde chuvosa de julho, há sete anos.

As crianças já tinham dificuldade em acreditar no facto de o senhor Pelford ter alguma vez persuadido uma pessoa a casar com ele quanto mais duas.

– E para vossa alegria – continuou –, vamos poder subir à ponte esta tarde, como todos os turistas. Sim, até tu, Stephen Hebden. Não quero ouvir uma palavra acerca das tuas vertigens crónicas.

Animadas por poderem fazer uma coisa diferente, as crianças dirigiram-se para o autocarro que as esperava no exterior e, na curta viagem que se seguiu, Barnaby manteve-se junto ao tejadilho a olhar para baixo para as outras crianças entretidas a ler livros de banda desenhada, a examinar o conteúdo dos lenços ou a ouvir música dos iPods, e desejou poder ocupar o lugar vazio que lhe pertencia por direito.

Quando chegaram à ponte, foram recebidos por um jovem estudante chamado Darren – “tratem-me por Daz” –, de cabelo loiro e revoltado, rosto bronzeado e uns dentes branquíssimos como Barnaby nunca tinha visto num ser humano.

– Bom dia, trepadores de pontes! – gritou, parecendo que nunca estivera tão feliz como naquele momento. – Tudo a postos para ver Sydney lá de cima?

Ouviram-se alguns resmungos da parte das crianças, que Daz pareceu ter entendido como um assentimento na medida em que bateu as palmas e bradou num tom histérico: “Muito bem, vamos lá então!” Na verdade, alguns dos colegas da turma de Barnaby estavam a começar a ficar mais entusiasmados agora que tinham

diante de si toda a extensão da ponte. A maior parte deles já a tinha percorrido no carro dos pais, centenas de vezes, mas nunca tinha olhado para ela antes. E, para alguns, os mais observadores, era qualquer coisa de belo.

– É claro que não vamos poder subir vestidos desta maneira – informou Daz, conduzindo-os até um local onde uns uniformes azuis e cinzentos, tipo macacão, se encontravam já à sua disposição, juntamente com bonés, polares, impermeáveis, calçado especial de escalada e uma porção de cabos de aspeto curioso. – Vamos ter de nos equipar como deve ser.

Vestiram-se, todos eles apreciando a sensação de se verem artilhados com uma indumentária tão fantástica, e as raparigas apanharam o cabelo com uns elásticos especialmente fornecidos para o efeito, de modo a não terem de o desviar da cara.

– Às vezes faz muito vento lá em cima – informou Daz, rindo-se alegremente, como se a perspetiva de cair nas águas do porto fosse um grande motivo de chacota. – E nós não queremos que ninguém caia, pois não? “Nunca mais”, é o meu lema! Agora, alguém andou a beber?

As crianças entreolharam-se, confusas, e Marcus Foot levantou o braço, com algumas reservas.

– Bebi um xarope de groselha-preta no autocarro – confessou ele, nervosamente –, mas já fui à casa de banho, se é isso que o preocupa.

– Eu já lá fui quatro vezes – referiu Stephen Hebden, que estava à procura de uma desculpa para não subir.

– Não estou a falar de refrigerantes – esclareceu Daz, rindo-se. – Estou a falar de grogue! Bebidas fortes. Não podemos deixar ninguém subir à ponte com vestígios de álcool no sangue. Preciso que façam um teste.

– Por amor de Deus – disse o senhor Pelford, momentaneamente preocupado por ele próprio poder vir a ser apanhado com uma percentagem intolerável. – Eles só têm oito anos.

– São as regras, meu amigo – informou Daz, obrigando todos os miúdos a soprarem para um tubo e examinando o resultado. – Ficaria sem emprego se deixasse alguém ir lá cima sem primeiro soprar no balão.

Dez minutos depois, revelado que estava o grau de sobriedade de toda a gente, chegou a vez de serem amarrados a um conjunto de cordas e de fios que se entrelaçavam nos seus fatos de forma complicada e conduzidos até às escadas de ferro. Assim que se viu no exterior, Barnaby começou logo a flutuar, apenas com o peso do fato e do equipamento que transportava a limitar-lhe a liberdade, mas Daz apressou-se a ir ter com ele, agarrando-o pelo tornozelo e puxando-o para o chão.

– Onde é que julgas que vais, meu menino? – perguntou ele, olhando para o rapaz com um ar surpreendido.

– Não tenho culpa – explicou Barnaby. – Eu flutuo.

– Bem, essa é boa! – bramiu Daz, que era daquelas raras pessoas que gostam da diferença e não a temem. Segurou em Barnaby enquanto dispunha as outras crianças numa fila única e depois prendia os arneses que traziam nos seus fatos ao cabo que seguia ao longo do interior da própria ponte.

– Sabem uma coisa, não devíamos levar crianças tão pequenas como vocês até lá cima – disse-lhes Daz, quando estavam prestes a iniciar a subida –, mas hoje é um dia especial.

– Porquê? – perguntou George Jones, um rapaz que era conhecido pela sua flatulência, uma reputação que, momentos mais tarde, justificaria por completo.

– Porque sim, companheiro – disse Daz, piscando-lhe o olho. – Pensem em mim como o mágico na ponte. Tudo será revelado na devida altura.

Começaram a subir e, ligado à ponte, Barnaby pôde caminhar sem ter ninguém a puxá-lo para baixo.

– És como nós agora – observou Philip Wensleydale, sorrindo-lhe.

– Sim – respondeu Barnaby, franzindo o sobrolho de tal maneira que provocou o aparecimento de uma pequena ruga vertical no intervalo entre as duas sobrancelhas. – Sim, creio que sim.

Só que, para sua surpresa, Barnaby não apreciava a sensação. Era como se pretendesse ser alguém que não era.

Começaram a subir e uma rapariga, Jeannie Jenkins, tentou pôr toda a gente a cantar com uma versão comovente de “Advance Australia Fair”, o hino nacional da Austrália, mas ninguém lhe fez companhia e desistiu logo ao fim do primeiro verso. Donald Sutcliffe e o seu inimigo mortal James Caruthers, caminhando à frente um do outro, iniciaram uma conversa sobre os respetivos cães, ambos *spaniels* da raça Cavalier King Charles; depressa esqueceram todas as coisas terríveis que haviam feito um ao outro ao longo dos anos e forjaram uma nova amizade. Katie Lynch, uma rapariga estudiosa, ia recitando poesia na sua mente. Cornelius Hastings, conhecido por toda a gente como “Corny”, não parava de olhar para o lado e de apontar para todos os edifícios que via, lançando gritos de espanto e repetindo “Devia ter trazido a minha máquina”, até que Lisa Farragher, logo atrás dele, o ameaçou com um gesto violento. Dylan Cotter contou os degraus. Jean Kavanagh brincava com o cabelo. Anne Griffin perguntou-se se o vizinho do lado poderia ter assassinado a esposa recentemente falecida e decidiu que quando regressasse ao nível do solo iria começar a investigar.

Em resumo, toda a gente se mantinha ocupada enquanto subia pela parte lateral da Ponte da Baía de Sydney.

Ao fim de uma hora, atingiram o topo e viraram-se para admirar a cidade que se estendia à sua frente. Era uma vista espetacular. Ao longe, um balão de ar quente preparava-se para aterrar numa das zonas verdes que havia do outro lado da cidade, e Barnaby descortinou duas figuras dentro do cesto dando pulos de alegria. Por baixo deles, os veículos movimentavam-se de um lado para o outro de Sydney, com o barulho dos motores a abafar o som dos gritos de Stephen Hebden e dos peidos de George Jones. À sua

direita era possível ver até à ilha de Cockatoo, e quando Barnaby se virou para a esquerda vislumbrou os azulejos brancos da Casa da Ópera e os *ferries* transportando os habitantes de Sydney desde o Cais Circular até às baías e enseadas que ficavam do outro lado.

Ali, naquele sítio, era fácil ver porque é que Sydney era de facto a cidade mais esplendorosa do mundo, e Barnaby sabia que só um doido escolheria viver noutro sítio qualquer.

– Agora vamos descer – anunciou Daz, depois de terem tirado algumas fotografias, e todo o grupo deu meia-volta para iniciar a descida.

A meio caminho, Barnaby reparou numa enorme multidão reunida na plataforma que dava acesso à ponte; quando se aproximaram um pouco mais conseguiu distinguir um grupo de carros de reportagem, daqueles com transmissão por satélite, que se encontrava estacionado na rua, bem como um punhado de fotógrafos tirando fotografias do terraço do Hotel Harbour View.

– O que se passa? – perguntou Lucy Honeyfield.

– Disse-vos que era um dia especial – recordou Daz, sorrindo, mas recusando-se a dar mais pormenores.

Quando chegaram à base, depararam-se com várias pessoas que se haviam reunido de cada lado para os aclamar, dispostas em duas filas como os apanha-bolas que costumam ficar de plantão no Rod Laver Arena, palco de muitos torneios de ténis.



9 999 994...
9 999 995...
9 999 996...

– Nove milhões, novecentos e noventa e nove mil, novecentos e noventa e sete – gritaram a uma só voz, o que não era fácil, enquanto Dennis Peel caminhava entre eles e se desprendia do cabo.

– Nove milhões, novecentos e noventa e nove mil, novecentos e noventa e oito – vociferaram, quando Emily Piper apareceu atrás dele.

– Nove milhões, novecentos e noventa e nove mil, novecentos e noventa e nove – prosseguiram bem alto, com as suas vozes a elevarem-se de excitação quando Jeannie Jenkins pôs os pés fora da ponte.

E depois...

– DEZ MILHÕES! – troaram em uníssono, no preciso momento em que Barnaby Brocket colocava o pé no último degrau e os fotógrafos e operadores de câmara se precipitavam sobre os jornalistas para obterem a melhor posição.

– Como te chamas, filho? – perguntou um homem de meia-idade, com um fato de *tweed* às riscas, metendo-lhe debaixo da boca um microfone sobre um cubo que dizia “CANAL 9”.

– Barnaby Brocket – disse Barnaby Brocket.

– E qual é a sensação de seres a décima milionésima pessoa a subir à Ponte da Baía da Sydney?

Barnaby Brocket olhou em volta, um pouco confuso com toda aquela atenção, e Daz apareceu para lhe desapertar a corrente e o colocar por cima dos ombros antes que ele se pusesse a flutuar. Levou-o para dentro de um recinto onde estava prestes a começar uma conferência de imprensa e sentou-o numa cadeira ao lado de um homem bastante idoso que colocou a mão no joelho de Barnaby e ali a deixou ficar enquanto enrugava o rosto e se punha a observar o rapaz.

– Sou o último que ainda está vivo – informou ele.

– O último quê vivo? – quis saber Barnaby.

– Fui eu que construí a ponte – disse o velhote. – Não sozinho, claro, mas é como se fosse.

Dizendo isto, tirou a mão de cima do rapaz, o que fez com que Barnaby flutuasse e fosse parar ao teto. A sala transformou-se imediatamente numa tempestade elétrica de máquinas fotográficas e câmaras de televisão que haviam entrado em ação.

– Espantoso! – gritaram os jornalistas. – Extraordinário!

– Horrível, não podia ter sido mais horrível!

Este último grito não veio da parte de ninguém que tivesse estado na conferência de imprensa, mas de Eleanor Brocket quando viu as notícias mais tarde, nessa noite.

– Pensam que ele é um excêntrico. Eles acham que somos *todos* uns excêntricos! – Virou-se para o marido desesperada e olhou pela janela da frente lá para fora, onde os carros de reportagem se encontravam reunidos desde o final da tarde. – Ele está a ridicularizar a família. É tudo tão humilhante.

– Ninguém pode confiar em ti, pois não? – atirou Alistair, apontando para o filho, encostado ao seu colchão médio *David Jones Bellissimo* que permanecia no teto. – Olha para toda a atenção indesejada que provocaste. Quantas vezes é que é preciso dizer-te?

– Mas a culpa não foi minha – protestou Barnaby.

– Oh, a culpa é sempre tua – insistiu Alistair. – Eu estava no trabalho, *no trabalho*, Barnaby, quando as tuas proezas apareceram na televisão. Fazes alguma ideia do transtorno que isso foi para mim? Toda a gente a olhar? A cochichar? A falar de mim nas minhas costas?

– Peço desculpa – suplicou Barnaby, sentindo as lágrimas a virem-lhe aos olhos.

– De que serve pedires *desculpa*? – questionou Alistair, virando-se e sentando-se, enquanto escondia o rosto entre as mãos. – Eu só queria ter uma vida normal, com uma família normal e uns filhos normais. E depois apareceste tu e deste cabo de tudo.

Eleanor olhou para o marido e compreendeu a sua ira, pois ela sentia o mesmo. Contemplando o filho, respirou fundo pelo nariz como um dragão preparado para incinerar um grupo de aldeões negligentes e falou com uma raiva mal contida.

– *Não* vamos suportar isto por muito mais tempo – declarou. – Oito anos são muitos anos. Não queremos ter um filho que seja diferente, entendes, Barnaby? Algo tem de ser feito. Ou te tornas normal ou... ou... – Pensou por uns momentos, perguntando-se como iria acabar a frase. – Ou nós próprios poremos um fim ao teu egoísmo, de uma vez por todas.

CAPÍTULO 6

A coisa terrível que aconteceu n'A Cadeira da Senhora Macquarie

Decorreu quase uma semana até os jornalistas e equipas de reportagem se cansarem de permanecer junto à casa dos Bocket e irem incomodar outras pessoas. Eleanor não se aventurara a sair durante todo esse tempo, deixando-se ficar em casa a cismar, falando pouco, com o seu ressentimento em relação a Barnaby sempre a aumentar. Alistair tirara alguns dias de folga, algo que nunca fizera antes, já que as pessoas normais, como anunciou ele, nunca ficavam em casa doentes; trabalhavam cinco dias por semana, das nove às cinco, e recebiam um valor justo por um dia de trabalho justo. Finalmente, numa sombria quinta-feira à noite, sentaram-se juntos na cozinha com a porta fechada. Henry e Melanie foram mandados para os quartos. Barnaby foi deixado a flutuar junto ao colchão na sala de estar. Até o *Capitão W. E. Johns* foi relegado para o jardim, apesar de já ter cumprido com os seus afazeres numa área oculta atrás de uma macieira e nada mais ter a acrescentar.

Eleanor deu início à conversa, contando a Alistair a ideia que lhe surgira recentemente. (Na verdade, não lhe surgira nada recentemente; surgira-lhe no assento de trás do táxi há cerca de oito anos, quando regressava do hospital, mas não queria admiti-lo.)

Alistair pensou que a ideia dela tinha algum mérito, mas sugeriu algumas alterações.

Eleanor concordou com essas alterações e acrescentou mais algumas, uma das quais concordaram eliminar por ser

desnecessária e só valer pelo seu efeito cómico.

Alistair apresentou uma proposta final, e Eleanor correu para a gaveta da cozinha para se certificar de que a sua tesoura de aço mais afiada ainda se encontrava no mesmo sítio.

– Está aqui – anunciou ela, erguendo a tesoura e deixando que a luz do sol poente que entrava pela janela fizesse reluzir as lâminas de modo satisfatório.

Foi então que a terrível decisão foi tomada.

– Temos a certeza do que vamos fazer? – perguntou Eleanor.

– Eu tenho a certeza, se tu também tiveres a certeza – respondeu Alistair.

– Sim – confirmou Eleanor, com ar decidido. – Tenho cem por cento de certeza.

– Não há como voltar atrás, compreendes?

– Alistair, ele só tem de assumir a sua culpa. Alguma vez foste um pesadelo para os teus pais? E alguma vez fui um pesadelo para os meus?

– Selamos com um aperto de mão? – perguntou Alistair, estendendo-lhe a mão.

– Não me parece que seja adequado – replicou Eleanor, não querendo envolver-se num ato tão vulgar. – Não pertencemos ao submundo do crime.

O dia seguinte amanheceu radioso, com um bando de seis cucos australianos a fazerem os seus ninhos temporários no jardim dos Bocket, para grande desagrado do *Capitão W. E. Johns*, que defendia o seu território com uma autoridade não observada desde o apogeu dos centuriões romanos. A família estava reunida na cozinha, como de costume, terminando o pequeno-almoço, as crianças cheias de energia, os pais invulgarmente deprimidos.

– O Barnaby não tem o uniforme vestido – observou Melanie, olhando para o teto. – Não vai à escola hoje?

– Não, hoje não vai, querida – respondeu Eleanor.

– Mas já não há nenhum repórter aqui. O cérebro dele ainda mirra se continuar fechado em casa durante muito mais tempo.

– Somos nós que decidimos, minha menina – impôs-se Alistair –, e não tu.

– Além disso, já está decidido – concluiu Eleanor, olhando ameaçadoramente para o marido, a fim de se certificar de que não haveria lugar para hesitações nessa manhã. – Não está?

– Está – confirmou Alistair. – Posso dizer, com toda a confiança, que foi a melhor decisão que tomei em toda a minha vida.

– É um pouco exagerado, não acham? – perguntou Melanie, fitando o pai surpreendida. – Só servirá para manter o Barnaby afastado da escola por mais um dia.

– Toda a gente da minha turma acha o Barnaby brilhante – revelou Henry, pegando em mais uma torrada, a sua sétima nessa manhã, enquanto se perguntava se teria capacidade para uma oitava, ainda antes de se levantar da mesa. – Eles querem saber se eu também consigo flutuar.

– Estás a ver? – disse Eleanor, com um ar triunfante, satisfeita com o facto de uma das suas profecias se ter tornado realidade, mesmo que isso significasse um incómodo para o filho mais velho. – Eles andam a intimidar-te?

– É claro que não – respondeu ele. – Quero dizer, têm olhado bem para mim ultimamente? – Ele tinha razão. Henry tinha quinze anos e praticava uma série de desportos. Não era muito provável que algum dos seus colegas de turma pensasse em meter-se com ele. Até todo aquele doce de laranja amarga tinha dificuldades em romper tanto músculo. – E, para ser franco, estou-me nas tintas para o facto de pensarem que flutuo como o Barnaby. Não quero saber o que outros pensam.

– Queres, queres – assegurou Alistair, pousando o café com um suspiro exasperado enquanto pegava no livro que Barnaby deixara cair, *Um Conto de Duas Cidades*, para lho devolver. – Afinal, não haverias de querer que as pessoas andassem por aí a dizer que tu

eras um... sei lá... uma fatia de queijo suíço ou um bule decorativo, quando isso não corresponde à verdade, pois não?

Melanie riu-se em surdina. Visualizar o irmão mais velho como uma fatia de queijo suíço ou um bule decorativo era bem divertida. Até o *Capitão W. E. Johns* ladrou deliciado, rebolando-se no chão e agitando as patas no ar com uma expressão de triunfo.

– Podem dizer o que quiserem a meu respeito – disse Henry, ignorando-os. – É-me indiferente.

– Estás a querer dizer-me – começou Alistair, inclinando-se para a frente e pondo-se a contemplar o filho mais velho como se mal o conhecesse – que, agora que todos os teus amigos sabem desta coisa terrível sobre o teu irmão, não te sentes embaraçado por isso?

Henry refletiu por alguns instantes.

– Sim – disse ele, acenando afirmativamente com a cabeça. – É isso mesmo que estou a querer dizer-vos.

– Mesmo que a maior parte deles pense que tu próprio és um flutuador reprimido?

– Se calhar até sou – considerou Henry, com um encolher de ombros. – Nunca senti grande necessidade de flutuar, mas quem sabe, se me apetecer, no momento certo...

– Henry, estás a tentar entristecer-me deliberadamente? – perguntou Eleanor, pousando o café, exausta com tudo aquilo.

– Só vos estou a dizer a verdade – afiançou Henry. – Não me interessa que o Barnaby flutue. Nunca me interessou. Ainda bem para ele, é o que vos digo.

– Eu digo o mesmo – disse Melanie, olhando para o irmão mais velho com uma ponta de orgulho; Henry podia ser terrivelmente irritante às vezes, mas, por Deus, aquele rapaz possuía um coração de ouro e não tinha medo de o mostrar.

– Bem, tenho de ir trabalhar – informou Alistair, levantando-se e olhando para os filhos com um ar desalentado. – Por vezes, pergunto-me o que é que correu mal. O que é que nos correu mal, Eleanor? – Inclinou-se, beijou a mulher no rosto e ficaram os dois a

olhar um para o outro de forma significativa. – De certeza que não precisas de mim hoje? – perguntou ele, calmamente.

– Acho que será mais fácil fazer as coisas sozinha – respondeu ela, mirando as borras na chávena de café.

– Muito bem, então.

– O que será mais fácil fazeres sozinha? – quis saber Melanie.

– Nada – respondeu Alistair, pegando na pasta. – Vemo-nos logo à noite. – Olhou para cima para Barnaby e hesitou, incapaz de fitar o rapaz diretamente nos olhos. – E a ti também – disse ele, antes de se virar e partir cabisbaixo para o trabalho, como se parte dele soubesse que acabara de cometer o ato de crueldade mais vergonhoso.

– Bem que podia voltar à escola hoje – arriscou Barnaby, quando Henry e Melanie saíram alguns minutos depois e o *Capitão W. E. Johns* se pôs a perseguir um esquilo que tivera a ousadia de parar para respirar no jardim da família. (Tencionava dar uma lição a esse esquilo.) – Não quero passar o dia inteiro no teto.

– Pensei que podíamos ir dar um passeio – alvitrou Eleanor. – Está um dia tão bonito e, vendo bem, há mais de uma semana que nenhum de nós sai de casa. Não te parece uma boa ideia?

– Não me vais prender a uma trela, pois não? – perguntou Barnaby.

– A escolha é tua – propôs Eleanor. – A trela ou os sacos de areia.

Barnaby pensou no assunto.

– Prefiro os sacos de areia – disse ele.

O céu estava perfeitamente azul e claro quando Eleanor, Barnaby e o *Capitão W. E. Johns* saíram de casa juntos, com este último a meter o focinho em tudo quanto era arbusto e cerca, não fosse algum cão estranho ter passado por ali durante a noite e largado o seu odor à laia de provocação. Dirigiram-se para sul na direção dos apartamentos que davam para a baía, antes de seguirem para a ponte. Barnaby olhou para cima para as duas bandeiras colocadas

no ponto mais setentrional – a bandeira dos australianos e a bandeira dos aborígenes – ainda mal acreditando que ainda há uma semana estivera por baixo delas. Descortinou uma linha de figuras delgadas a caminharem pela parte lateral da ponte com os seus uniformes azuis e cinzentos e perguntou-se se Daz estaria a conduzir este grupo em particular até ao topo.

– Não vamos voltar à ponte, pois não? – perguntou ele, e Eleanor abanou a cabeça.

– Deus me livre, não – respondeu ela. – Acho que já tivemos sarilhos que cheguem com essa ponte para uma vida inteira, não achas? Deviam deitá-la abaixo.

– Mas depois como é que as pessoas se deslocariam de um lado para o outro de Sydney?

– Conseguiram-no fazer durante uma centena de anos antes de ela ter sido construída – lembrou Eleanor. – De certeza que arranjariam uma solução.

Barnaby já estava a começar a sentir-se um pouco cansado, dado que tinham decorrido nove dias desde que usara a mochila com os sacos de areia pela última vez, e esta estava a pesar-lhe consideravelmente nos ombros. Os ouvidos também estavam a doer-lhe de novo, tal como acontecia sempre que era forçado a permanecer no chão.

– Bem, se não vamos lá acima, aonde é que vamos? – perguntou ele, enquanto subiam pelos degraus do lado esquerdo e seguiam pelo longo caminho pedonal que acompanhava o curso de água.

– Fazer apenas um pouco de exercício; é só isso – respondeu Eleanor. – Passamos pela Casa da Ópera e depois vamos até ao Jardim Botânico. Sabes uma coisa, não ponho lá os pés há imenso tempo. O teu pai costumava levar-me lá com frequência quando éramos mais novos e não tínhamos os problemas que temos hoje.

Barnaby, que sabia que estava no topo dessa lista em particular, não disse nada e limitou-se a contemplar a baía enquanto caminhavam, desejando ter trazido uma garrafa de água para aliviar

a sede. Quando estavam quase a chegar ao outro lado, Eleanor parou e ajoelhou-se para atar um dos atacadores, e Barnaby virou-se para a sua esquerda, olhando para baixo, para os chapéus-de-sol sobre as mesas no terraço do piso superior do Hotel Glenmore, imaginando como seria estar ali sentado com a família ao almoço sem ter de flutuar para a parte interior da cobertura. Nisto, quando Eleanor se ergueu, ouviu-se o som de algo pesado a cair no aço do passadiço, e ela baixou-se rapidamente para o apanhar.

– O que era? – perguntou Barnaby, virando-se e reparando no brilho de algo metálico nas suas mãos.

– Mas que parva – comentou Eleanor, mostrando-lhe a afiada tesoura de cozinha que transportava no bolso desde que tinham saído de casa. – Estava a usá-la e devo-me ter esquecido de arrumá-la na gaveta.

– Isso é perigoso – disse Barnaby.

– Sim, eu sei. Mas não te preocupes. Terei cuidado com ela.

"Ão", ladrrou o *Capitão W. E. Johns*, que topava sempre quando havia algo de suspeito no ar. "Ão, ão, ão."

– Está calado – ordenou Eleanor, puxando pela trela.

Descendo a escadaria até The Rocks, passaram por pessoas a tomar o café da manhã, antes de descerem por umas escadas inclinadas na direção do Cais Circular e pararem por breves instantes para Barnaby se pôr a ouvir um velho aborígine a tocar *didgeridoo* junto à entrada do desembarcadouro.

– Anda, Barnaby – pressionou Eleanor, num tom enfadado.

– Quero ouvi-lo a tocar.

– Não temos tempo. Vem, por favor.

Barnaby suspirou e afastou-se no preciso momento em que o homem acabava de tocar, e ficaram a olhar um para o outro sem trocarem uma palavra, o que fez com que o rapaz se sentisse desconfortável. Havia algo de errado naquele dia.

Quando chegaram à parte da frente da Casa da Ópera, pararam por uns breves instantes para verem os turistas a subir e a descer

os degraus para tirarem fotografias. Barnaby sempre se sentira fascinado pela arquitetura do edifício. Fazia-lhe lembrar um navio largando amarras rumo ao oceano.

– A quantas óperas é que já vieste? – perguntou ele.

– Oh, a nenhuma – respondeu Eleanor. – Já ninguém vai à ópera. É normal. Se me apetece um pouco de cultura, vejo o *Masterchef* como as pessoas normais. Vamos, toca a andar.

Tornearam o edifício e entraram no Jardim Botânico passando por uns imponentes portões de ferro. Não havia muitas pessoas à volta, apenas algumas mães com bebés no carrinho. Sentada numa carrinha de gelados ao fundo, uma rapariga embrenhada num livro desviava ocasionalmente o olhar para ver se aparecia alguém.

– Perfeito – disse Eleanor, parecendo satisfeita com a quietude do lugar.

– Estou a ficar cansado – lamentou-se Barnaby. – Podemos parar um pouco?

– Ainda não – respondeu Eleanor. – Um bom passeio em torno da enseada e depois podemos parar para descansar, prometo.

Seguiram por um caminho que passava pelo centro do jardim e Barnaby olhou para a baía de Woolloomooloo, com a água a faiscar à luz da manhã, produzindo um arco-íris que respingava à superfície como uma moeda deslizando ao de leve sobre as ondas. Alguns iates já haviam sido levados para a água; Barnaby conseguia ver as famílias a bordo, mães e pais juntos com os filhos, todos gozando uma manhã feliz. Era como em Glenmore: as famílias juntas, felizes – ninguém embaraçado com os filhos.

– Ainda temos de andar mais? – perguntou ao fim de dez minutos, mas Eleanor não disse nada, limitando-se a prosseguir com o propósito e a raiva suprimida de um praticante de marcha.

– Podemos parar agora – disse ela, finalmente, no momento em que Barnaby se deixava cair numa grande rocha com uma plataforma que servia de assento e o *Capitão W. E. Johns* se

prostrava aos seus pés com um ronco dramático e começava a arquejar ruidosamente. – Já chegámos.

– Aonde? – perguntou Barnaby, olhando em volta.

– À Cadeira da Senhora Macquarie – disse Eleanor. – Já leste sobre isso na escola, não leste?

– Não.

– Estranho – referiu ela, com um suspiro. – O que é que ensinam às crianças hoje em dia? Faz parte da tua história.

Barnaby encolheu os ombros.

– Talvez estivesse doente nesse dia – sugeriu ele. – Ou não tivesse ido à escola.

– Tens sempre uma desculpa – disse Eleanor. – Bem, se o vosso professor fosse um verdadeiro professor já vos teria trazido em visitas de estudo a um lugar como este, em vez de vos obrigar a subir e descer pontes só para aparecerem nos jornais. Foi aqui que tudo começou na Austrália. Neste preciso lugar. É daqui que todos vimos. – Olhou para o mar e respirou fundo, como se pretendesse reavivar a memória de vidas e tempos passados nos cheiros trazidos pelo distante oceano Pacífico. – Há duzentos anos – explicou –, Lachlan Macquarie, o governador de Nova Gales do Sul, vivia perto daqui. A sua mulher, Elizabeth, gostava de vir até este lugar todas as manhãs para ver os barcos a aportarem vindos de Inglaterra. Sentava-se aqui, exatamente no sítio onde estás sentado agora nessa rocha, e ficava a vê-los, dia após dia. Deram o seu nome a este lugar. Chamaram-no A Cadeira da Senhora Macquarie.

Barnaby levantou-se e olhou para trás, preocupado com a possibilidade de ter roubado a cadeira a um fantasma.

– Costumavam mandar os condenados de Inglaterra para aqui – prosseguiu Eleanor. – Já ouviste falar disso, não já?

– Sim, sim – confirmou Barnaby, que tinha aprendido essas coisas na aula de História.

– E naqueles barcos não vinham apenas homens e mulheres, sabias? Havia também crianças. Chegavam ao fim de uma longa

viagem através do oceano para começar uma vida nova aqui na Austrália. Não sabiam o que os esperava, mas deram tudo por tudo e conseguiram.

Barnaby tentou imaginar o que devia ter sido para um rapaz de oito anos como ele acordar num navio uma manhã e ver o porto de Sydney a aparecer, não sabendo que tipo de vida iria viver neste novo continente.

– Embora parecesse assustador de início – disse Eleanor, aproximando-se de Barnaby –, com o tempo aperceberam-se de que tudo o que acontecera tinha uma razão. É possível, sabes, partir para o desconhecido e encontrar lá a felicidade. Talvez ainda mais felicidade do que aquela que já tiveste.

Barnaby olhou para o mar, mas não disse nada. Sentiu o estômago a revolver-se e estava quase a perguntar a Eleanor se podiam comprar gelados da carrinha ao fundo do parque quando ouviu o som inesperado de algo a ser rasgado e a seguir um “sssss”, como uma cobra costuma fazer quando está prestes a atacar.

O som de rasgar vinha da tesoura de Eleanor a fazer um buraco na base da mochila de Barnaby, que continha os sacos de areia.

O som “sssss” vinha da areia a esvair-se lentamente e a formar uma pirâmide no chão.

Barnaby olhou para baixo confuso, depois para cima para a sua mãe, que se pusera a abanar a cabeça, incapaz de olhá-lo diretamente nos olhos.

– Lamento, Barnaby, mas é para teu bem – disse ela. – Há um mundo maravilhoso por descobrir. Podes ser como um desses primeiros povoadores. Encontrarás a felicidade algures, com toda a certeza.

Barnaby suspirou enquanto a areia continuava a cair – dir-se-ia que ele mais parecia uma amпуheta humana – e o *Capitão W. E. Johns* saltou para cima do monte, enfiando o focinho nele por

breves instantes, antes de fitar o dono em pânico, quando os pés do rapaz começaram a descolar-se ligeiramente do chão.

– Mãe! – gritou. – Mãe! Socorro! Estou a subir! *Capitão W. E. Johns*, ajuda-me!

– Lamento, Barnaby – voltou a dizer Eleanor, com uma voz um tanto ou quanto embargada. – Lamento imenso.

O *Capitão W. E. Johns* ladrou e começou a correr em círculos, depois saltou enquanto Barnaby continuava a subir, tentando agarrar um dos seus pés com a boca, mas era demasiado tarde: a areia tinha desaparecido praticamente toda e Barnaby estava a elevar-se cada vez mais na direção do céu.



a coisa terrível

– Mãe! – gritou uma última vez, quando chegou à copa das árvores. – Ajuda-me! Peço desculpa! Vou tentar não flutuar outra vez!

– Tarde demais, Barnaby – gritou ela, acenando para lhe dizer adeus. – Tem cuidado contigo!

Um minuto mais tarde, já se encontrava demasiado alto para a sua voz se poder fazer ouvir. A mãe, o cão e a esplendorosa cidade de Sydney desapareciam por baixo dele e, sem nenhum colchão para o deter, Barnaby Brocket continuou simplesmente a subir, sem saber o que lhe iria acontecer a seguir.

CAPÍTULO 7

Aproximando-se vindo de noroeste

Barnaby fechou os olhos, pois não queria ver mais o chão a desaparecer por baixo dele. Não sofria de vertigens como Stephen Hebden, mas, quanto mais alto se erguia, mais assustado ia ficando.

Quando finalmente se atreveu a abri-los outra vez, um bando de cacatuas-galah reunira-se ao lado dele, fitando-o com expressões impacientes no rosto, descontentes com o facto de o seu espaço aéreo ter sido invadido por um rapaz de oito anos. Bicaram-no um pouco e deram-lhe com as penas no rosto, mas desapareceram poucos minutos depois, permitindo que Barnaby se elevasse ainda mais no céu. Olhou para a sua esquerda e ficou contente por ver algo – outra criatura talvez – aproximando-se à distância, um pouco mais alto no céu, mas dirigindo-se para ele. Observou e depressa se apercebeu de que não se tratava de uma criatura, mas de um cesto com um grande balão acoplado e uma enorme chama que o mantinha no ar.

– Socorro! – gritou Barnaby, acenando com os braços, o que fez com que a sua ascensão se acelerasse ainda mais. – Estou aqui.

O balão de ar quente continuou a aproximar-se vindo de noroeste, e depressa se tornou claro que, se Barnaby conjugasse bem as coisas, poderia colocar-se mesmo por baixo do balão no preciso momento em que este passasse por ele. Deu aos braços e bateu com as pernas, como um mergulhador a vir à superfície do oceano, antes de abrandar um pouco, mantendo os olhos fixos no balão.



empurrado pelo vento

Poucos minutos depois, este estava praticamente por cima dele e Barnaby movimentou os braços outra vez até subir mais uns centímetros, indo bater com a cabeça na parte inferior do cesto.

– Au! – lamuriou-se Barnaby Brocket.

– Quem está aí em baixo? – ouviu-se uma voz vinda do interior, uma voz feminina de uma pessoa de certa idade.

– Ajude-me, por favor – gritou Barnaby. – Pode puxar-me para dentro do cesto?

– Deus do céu! – ouviu-se outra voz, também ela uma voz feminina de uma pessoa de certa idade. – É um rapazinho. Ethel, dá-me a rede de pesca.

Uma vara prateada de aparência sólida com um arco na ponta emergiu do balão e pescou Barnaby, puxando-o através do ar e depositando-o no fundo do cesto. Não tardou um segundo para que o rapaz começasse a flutuar na direção das chamas.

– Por favor – gritou. – Prendam-me, senão vou morrer queimado.

– Deus do céu! – exclamaram as duas mulheres em uníssono, agarrando-o com ambos os braços e fazendo exatamente o que ele tinha pedido. Uma vez em segurança, olharam fixamente para ele com um misto de surpresa e reconhecimento.

– Eu conheço-te – afirmou a primeira mulher, cujo nome era Marjorie, apontando com um dedo enrugado para o nariz do rapaz. – Vi-te nas notícias na semana passada. Foste a milionésima pessoa a subir à Ponte da Baía de Sydney.

– A décima milionésima para ser mais exato – disse Barnaby.

– Quem é ele? – indagou Ethel. As duas mulheres tinham um penteado que mais parecia um ninho de corvos e que mantinham no lugar com a ajuda de uns pauzinhos e umas agulhas de tricô. – Quem é que disseste que ele era, Marjorie?

– Tu lembras-te, querida. Vimo-lo na televisão na noite em que chegámos. Ele subiu à ponte com os amigos da escola e bateu um

recorde. Toda a gente ficou terrivelmente entusiasmada. Depois, começou a flutuar. Foi uma coisa muito estranha.

– Oh, esse rapaz – respondeu Ethel, olhando para baixo para Barnaby. – Eras mesmo tu?

– Sim, era eu – admitiu ele.

– Mas o que é que estás a fazer aqui? Não é comum içarmos pessoas para dentro do nosso balão, sabias? Na verdade, é a primeira vez.

– A segunda, Ethel – corrigiu Marjorie. – Não te lembras da bala humana em Barcelona?

– Ah, sim, claro. Mas, dessa vez, foi ele que caiu no nosso cesto, lembras-te? Não tivemos de o pescar.

Barnaby abriu a boca para falar, mas não quis pôr a mãe em apuros.

– A culpa foi minha, na verdade – reconheceu ele. – Esqueci-me dos meus sacos de areia e, antes que desse por isso, já estava a pairar no ar.

– Sacos de areia? – inquiriu Ethel, franzindo o sobrolho.

– Mantêm os meus pés assentes no chão.

– Bem, nunca adveio grande coisa disso.

– O certo é que não podemos fazer muito mais – reconheceu Marjorie. – Não estás a pensar que te vamos levar de regresso a Sydney, pois não? Aqui estás e aqui vais ter de ficar.

– Mas eu tenho de ir para casa – disse Barnaby.

– Isso não vai ser possível, lamento, por muito que quiséssemos. São os ventos, estás a ver? Nunca nos irão empurrar nessa direção. Temos de ir para leste. Ainda bem para ti que o Mundo é redondo, hem? Se ainda vivêssemos no século XIV, o Mundo seria plano e cairíamos todos no precipício.

Barnaby franziu o sobrolho enquanto tentava extrair algum sentido daquilo tudo. Atrás dele, talvez a apenas alguns quilómetros de distância, ficavam os subúrbios do norte e a casa onde os seus pais,

irmão, irmã e cão viviam. Certamente que não teria de percorrer o Mundo inteiro para voltar a vê-los, pois não?

– Ele não está a ser sincero – observou Ethel, inclinando-se e olhando-o diretamente nos olhos. – Marjorie, digo-te que ele não está a ser sincero. Todos os rapazinhos mentem, é um facto científico, mas este não consegue esconder nada de ninguém. Posso vê-lo nos seus olhos. Diz-nos a verdade, meu menino. O que é que estás realmente a fazer aqui em cima?

Barnaby estava prestes a proclamar a sua inocência, mas algo nestas duas senhoras lhe dizia que não o iriam deixar em paz até ele esclarecer tudo e, por isso, decidiu contar toda a história, a verdade nua e crua.

– Mas isso é escandaloso – proferiu Ethel, quando ele acabou.

– Chocante! – concordou Marjorie. – Que tipo de mãe faria isso a um filho?

– Sabes perfeitamente que tipo de mãe, Marjorie – disse Ethel, com um ar triste.

– Tal como tu, Ethel – frisou Marjorie, com uma voz igualmente triste.

– E, pelos vistos, o pai também concordou.

– Absolutamente vergonhoso.

– E queres voltar para junto deles? – perguntou Ethel, olhando para Barnaby como se não conseguisse acreditar que ele tivesse pensado em voltar para casa. – Mesmo depois de eles te terem abandonado dessa maneira?

Barnaby refletiu. Até ali não pensara se queria ou não voltar para casa – parecia a coisa mais natural deste mundo. Ele só tinha oito anos, no final de contas. Onde é que viveria se não fosse para casa? O que é que comeria? Como é que sobreviveria?

– Não tens de te preocupar com nenhuma dessas coisas – sossegou-o Ethel, lendo-lhe a mente tão facilmente como o fizera de início. – Podes vir connosco. Já estiveste na América do Sul?

– Não – disse Barnaby, abanando a cabeça. – Nunca estive fora de Sydney.

– Então vais ter uma verdadeira surpresa. Vamos para casa, para o Brasil. Temos uma fazenda de café lá, sabias? Temos estado de férias nos últimos meses, mas já está na altura de regressarmos. Era para onde íamos quando te cruzaste connosco. Não vai demorar muito. É um balão maravilhoso, não é, Marjorie?

– Maravilhoso, Ethel. O melhor que alguma vez tivemos.

– Sem dúvida.

– Sem dúvida alguma.

Barnaby ergueu-se com alguma dificuldade, certificando-se de que mantinha os braços presos pelas cordas, e espreitou pela borda. A terra desaparecera agora, e ele pôs-se a contemplar um grupo de nuvens brancas e finas que deslizavam à sua frente.

– O que me dizes? – perguntou Ethel. – Estás preparado para uma aventura?

– Não tenho outra opção, pois não? – inquiriu ele.

– Esplêndido! Então, a todo o vapor.

– A toda a *chama*, Marjorie, querida.

– Claro, Ethel, querida.

Pouco tempo depois, definidas as coordenadas e com as cartas de navegação devidamente dobradas, abriram um cesto de piquenique e ofereceram a Barnaby uma sanduíche, uma maçã e uma garrafa de sumo de laranja.

– Como é na América do Sul? – perguntou ele, enquanto comia. – Os vossos maridos vivem lá?

– Maridos? – gritou Ethel, olhando para Marjorie horrorizada.

– Não temos maridos, jovem – explicou Ethel. – São criaturas sujas e malcheirosas. Sempre espojados por tudo quanto é sítio como bons emplastos que são. A beber, a apostar nas corridas de cavalos e a arranjar desculpas para não consertarem a prateleira torta na cozinha. A fazer barulhos desagradáveis e a libertar cheiros nojentos de partes impronunciáveis dos seus corpos horríveis

enquanto se mantêm o dia inteiro sentados a ver desporto na televisão.

– Desporto! – repetiu Marjorie, com um arrepio.

– Não, há muitos anos que desistimos da ideia de ter maridos. Nunca nos interessámos por eles, pois não, Marjorie?

– Nem nunca tivemos a menor inclinação, Ethel.

– São amigas há muito tempo? – perguntou Barnaby.

– Oh, sim – disse Marjorie. – Desde os vinte e poucos anos, já lá vão quarenta, acreditas? Conhecemo-nos quando ingressámos num grupo de teatro amador em Shropshire. Olhámos uma para a outra e decidimos que estávamos predestinadas a ser...

– Amigas – interrompeu Ethel, batendo gentilmente na mão de Marjorie e sorrindo-lhe. – As melhores amigas.

– Amigas *muito* chegadas – concordou Marjorie.

– Exatamente – disse Ethel, acenando com a cabeça e dando um suspiro de profunda satisfação. – Não há nenhum mal nisso, pois não?

– Não, claro que não – afirmou Barnaby. – Em tempos tive um grande amigo chamado Liam McGonagall. Salvou-me a vida quando a escola que frequentávamos ardeu por completo. Bem, eu disse escola, mas era mais uma prisão.

– Foste *tu* que a incendiaste? – perguntou Marjorie, inclinando-se de novo e acoçando-o com um dos seus pauzinhos.

– Não – disse Barnaby. – Nunca faria uma coisa dessas.

– Não vais ter ideias com aquela chama ali em cima, pois não?

– Não fui eu que a incendiei! – insistiu Barnaby. – O local era um rastilho de pólvora.

– Pensei que tinha sido essa a razão pela qual a tua mãe te abandonou.

– Ela abandonou-me porque, segundo ela, eu não era normal.

Pela primeira vez, as duas mulheres ficaram em silêncio; olharam fixamente para Barnaby e depois uma para a outra, antes de voltarem a fitar o rapaz.

– Sabes uma coisa? – indagou Ethel, mais calmamente agora. – Há quarenta anos, a minha mãe disse-me que eu também não era normal e expulsou-me de casa. Nunca mais a voltei a ver. Não atendia as minhas chamadas e recusou-se a responder a qualquer uma das minhas cartas. Foi uma coisa horrível.

– O meu pai disse-me mais ou menos a mesma coisa – acrescentou Marjorie. – Fechou-me a porta na cara para sempre.

– Mas eu não compreendo – disse Barnaby. – A mim parecem-me perfeitamente normais... Não são muito diferentes das velhotas que vivem na nossa rua.

– Se voltas a falar em velhotas, meu sacaninha, atiramos-te borda fora – avisou Marjorie, fitando-o demoradamente, mas depois desatou a rir-se, contorcendo-se de cima a baixo, como se alguém lhe estivesse a fazer cócegas.

– Não digas isso, Marjorie – ralhou Ethel, rindo-se também. – O pobre rapaz irá pensar que estás a falar a sério.

– Que disparate! – insistiu Marjorie. – Não falo a sério desde 1982. Não te vou atirar borda fora, jovem. Não te preocupes.

– Obrigado – agradeceu Barnaby, aliviado.

– Enfim, a questão é que, só porque a tua versão de normal não é a mesma da versão de outra pessoa, isso não significa que se passa algo de errado contigo.

– Tens razão, Marjorie – considerou Ethel, acenando com a cabeça, com alguma veemência. – Se tivesse dado ouvidos à minha mãe quando ela disse que havia algo de errado comigo, teria vivido uma vida muito solitária.

– E se eu tivesse dado ouvidos ao meu pai, teria sido miserável.

– Afinal, quem é que quer ser normal? – gritou Ethel, agitando os braços no ar. – Eu não.

– Mas se eu tivesse nascido normal, os meus pais não me teriam abandonado – disse Barnaby. – Ainda estaria em casa com o Henry, a Melanie e o *Capitão W. E. Johns*.

– Quem são eles... gatos?

– O Henry é o meu irmão mais velho – explicou Barnaby. – E a Melanie é a minha irmã mais velha.

– E esse tal capitão?

– É o meu cão.

– Raça?

– Indefinida.

– Progenitores?

– Desconhecidos.

Nem Ethel nem Marjorie tinham resposta para isto, por isso não disseram nada, limitando-se a abanar a cabeça e a orientar o balão de ar quente em direção à América do Sul.

– Devias descansar um pouco – aconselhou Ethel, ao fim de alguns minutos. – Ainda vamos demorar a chegar ao Brasil. Queres ser tu a dirigir, Marjorie, ou dirijo eu?

Então, ansioso por agradar, Barnaby Brocket aninhou-se num canto do cesto, fechou os olhos e, passado um minuto ou dois, já estava a dormir.

CAPÍTULO 8
A fazenda de café

Quando Barnaby acordou, ficou surpreendido ao ver-se deitado numa cama confortável com um cobertor macio por cima do corpo, duas almofadas fofas debaixo da cabeça e uma mangueira de jardim enrolada em torno daquilo tudo para o impedir de se erguer até ao teto, onde uma ventoinha com quatro pás rotativas ameaçava transformá-lo em carne picada. Sentou-se com cuidado, agarrou-se aos lençóis e olhou pela janela.

Uma vasta fazenda estendia-se à sua frente, com filas e filas de plantas verdes e altas, bem como uma dúzia ou mais de pessoas a caminharem por entre os arbustos, cada uma delas envergando umas jardineiras azul-pálido e um chapéu de abas largas para se proteger do sol. Ao mesmo tempo que iam examinando os caules, gritavam umas para as outras e faziam gestos estranhos com as mãos, cheirando algumas das folhas, satisfeitas com umas, indecisas em relação a outras. Cachos de pequenas bagas vermelhas brotavam de cada haste, e, de quando em vez, um dos trabalhadores arrancava uma e enfiava-a na boca para depois a mastigar atentamente, com a testa enrugada de concentração enquanto avaliava o sabor, antes de cuspir a mistela para a terra.

Barnaby não queria acreditar que dormira durante a aterragem do balão e a viagem para a fazenda, e começava a sentir-se um pouco confuso em relação ao sítio onde estava quando a porta se abriu e as duas senhoras irromperam no quarto.

- Ele está acordado, Ethel – avisou Marjorie.
- Já estava na altura. Quanto tempo dormiu?

– Quase trinta e seis horas.

– Estive a dormir trinta e seis horas? – perguntou Barnaby, abrindo os olhos de surpresa. – Têm a certeza?

– Absoluta – disse Ethel. – Nada te fez acordar, apesar de a aterragem não ter sido nada branda, o que, já agora, justifica esse alto que tens na testa, se é que deste por ele.

Barnaby levou a mão à cabeça e sentiu uma impressão mesmo por cima do olho direito.

– Au! – queixou-se ele.

– Bem, flutuar no céu é mais do que esgotante, razão pela qual te sentias tão cansado – disse Marjorie. – Quando aterrámos, pensámos que seria melhor trazer-te para aqui até decidires o que fazer a seguir. Pusemos-te no antigo quarto do Vicente. Ele não era muito mais velho do que tu quando veio viver connosco, e foi sempre muito feliz aqui. Dizia que era a cama mais confortável em que alguma vez tinha dormido.

– Bem, ele nunca tinha dormido *noutra* cama – admitiu Ethel. – Por isso, não havia muito com que comparar.

– Quem é o Vicente? – quis saber Barnaby.

– É um rapaz que ficou ao nosso cuidado durante algum tempo; agora vive nos Estados Unidos da América – contou Marjorie. – Ele é maravilhoso. Foi um prazer tê-lo por aqui. Temos imensas saudades dele. Enfim, o que queres fazer hoje?

– Quero ir para casa – disse Barnaby.

– Sim, claro. O problema é que a Austrália fica muito longe; não é fácil ir do Brasil para lá.

– Mas fizemos alguma investigação – revelou Marjorie, com um sorriso triunfante a encher-lhe o rosto – e poderás viajar diretamente para Sydney a partir do Rio de Janeiro. Bem, há uma escala em Hong Kong, mas só por algumas horas.

– É uma viagem longa – acrescentou Ethel. – Achas que consegues?

– Lá terá de ser – resignou-se Barnaby, satisfeito com a ideia de poder fazer uma viagem de avião, além da de balão. – O aeroporto é longe daqui?

– A algumas centenas de quilómetros. Terás de apanhar o comboio. O Fonseca Express parte de São Paulo, onde estamos agora, e vai até Nova Iorque, mas para no Rio. Não tens pressa, pois não?

– Bem, não é assim muita, creio – disse Barnaby.

– Ótimo, porque contactámos a companhia aérea e não há lugares disponíveis até ao final da semana. Poderás ficar aqui até lá, se quiseres.

Barnaby acenou afirmativamente. As duas senhoras estavam a ser gentis a ponto de lhe oferecerem não só um bilhete de regresso à Austrália, como também cama, mesa e roupa lavada; o mínimo que ele podia fazer era mostrar-se agradecido.

– Perfeito, então está tudo combinado. Ficas aqui até sábado, depois vais para casa. Talvez façamos uma pequena festa em tua honra, antes de partires. Entretanto, poderás divertir-te. O que sabes acerca do Brasil?

– Nada – confessou Barnaby, abanando a cabeça. – Ainda não estudámos a América do Sul nas aulas de Geografia.

– Sempre fui da opinião de que os jovens deviam saber o máximo possível acerca dos outros países – referiu Marjorie, acenando a cabeça com um ar circunspecto –, não vá dar-se o caso de virem a ser expulsos de casa.

– Ou fugirem – salientou Ethel.

– Ou *flutuarem* – frisou Marjorie, sorrindo-lhe, e Ethel desatou a rir às gargalhadas. As duas deram um salto no ar e uniram as mãos num “dá cá mais cinco”, o que era algo que Barnaby nunca vira duas senhoras de idade fazerem. – É claro que não sabíamos nada acerca do Brasil quando aqui chegámos pela primeira vez – acrescentou ela –, mas assim que as nossas famílias decidiram que

não queriam saber de nós, optámos por ir para um sítio o mais longe possível.

– E ambas gostávamos de café – informou Ethel.

– *Adorávamos* café – corrigiu Marjorie.

– Por isso, pensámos que seria divertido termos a nossa própria fazenda de café.

– Aqui no Brasil.

– Nesta mesma fazenda.

– E estamos aqui há..., há quanto tempo é que estamos aqui, Ethel?

– Há quase quarenta anos.

– Já foi assim há tanto tempo?

– Sim, foi.

– Ninguém diria.

– Bem, temos sido muito felizes – reconheceu Ethel, e as duas senhoras sorriram uma para a outra e abraçaram-se.

Barnaby reparou que estavam de mãos dadas, o que era outra coisa curiosa, mas elas pareciam não reparar. Não se conseguia lembrar da última vez que vira o pai e a mãe de mãos dadas. Na verdade, Alistair sempre dissera que as pessoas que demonstram os seus afetos em público só querem chamar a atenção, mais nada.

– Oh, querida – disse Marjorie, levando um lenço aos olhos. – Tenho alguma coisa no olho, Ethel?

– Deixa-me ver, querida. Oh, sim, tens. Espera um pouco. Não te mexas.

– Oh, tem cuidado. Sabes como detesto que me toquem nos olhos.

– Não sejas medícras. Pronto, já saiu. Estás melhor?

– Muito melhor, obrigada. Salvaste-me a vida. Agora, Barnaby, deves estar com fome. Queres tomar o pequeno-almoço?

Pouco tempo depois, Barnaby estava sentado na cozinha com uma quantidade extraordinária de comida espalhada à sua frente.

Havia ovos cozinhados de todas as maneiras e feitos, salsichas, tiras de *bacon* e montanhas de *hash browns* – batatas raladas fritas em ovo e moldadas em triângulos –, taças cheias de pimentos e malaguetas, e pratos a transbordar de cogumelos assados e cebolas fritas. Jarros de sumo de laranja e de água fresca permaneciam no centro da mesa e, enquanto Barnaby comia – coberto por uma rede mosquiteira presa ao chão e com um buraco para enfiar a cabeça –, observava os trabalhadores da quinta a deambularem de um lado para o outro, embrenhados no seu trabalho. Pareciam todos contentes por ver as duas senhoras e cumprimentaram-nas com beijos e abraços.

– Oh, Thiago, sai de cima de mim, sua criatura nojenta – gritou Ethel, dando uma risadinha quando um homem gordo com um grande bigode preto a envolveu nos seus braços com uma força tal que a deixou quase sem respirar. Tinha a camisa aberta até ao meio da barriga, o que não era uma visão lá muito agradável.

– Ah, senhora Ethel – disse ele, sorrindo de uma forma que fazia com que as sobrancelhas se projetassem para baixo ao mesmo tempo que os bigodes se moviam para cima, a ponto de quase se cruzarem –, não é a mesma coisa aqui sem as duas. Não voltem a deixar-nos. – Agitou um dedo no ar e o seu tom tornou-se entre o brincalhão o sério. – Os problemas que tivemos desde que se foram embora...

– Como bem sabemos, de vez em quando, eu e a Marjorie precisamos de descanso – referiu Ethel. – Ficávamos malucas se não fizéssemos as nossas viagens de balão. Mas, sim, ouvi falar do que se passou e estou muito zangada contigo, Thiago. Muita zangada, na verdade. Esperava um pouco mais de bondade e compreensão da tua parte.

Barnaby franziu o sobrolho. Para alguém que estava muito zangado, muito zangado na verdade, Ethel não parecia aborrecida, embora se mostrasse um pouco desapontada.

– Ah – disse Thiago, abanando a cabeça e virando-se, com o rosto a denotar uma certa dor e tristeza. – Não vamos falar sobre isso agora. Entretanto, estou a ver que trouxeram uma surpresa convosco. – Aproximou-se de Barnaby e olhou-o de cima a baixo. – Quem é ele?

– É o Barnaby Brocket – informou Marjorie. – Vai ficar connosco até ao final da semana. Quer regressar a casa na Austrália.

– Ele está dentro de uma rede mosquiteira.

– Ele flutua – explicou ela. – O pobrezito não consegue manter os pés assentes no chão por mais de dois segundos.

Thiago mordeu o interior dos lábios enquanto refletia sobre o assunto, e depois sacudiu os braços como que a querer dizer que tudo era possível.

– Gostas de apanhar grãos de café, Barnaby? – perguntou Thiago.

– Nunca fiz isso.

– Gostas de futebol?

– Sim, mas só de ver. Se tentar jogar, flutuo.

– Hum. Bem, o que gostas de fazer então?

Barnaby pensou um pouco.

– Gosto de ler – anunciou ele. – Gosto de livros.

– Oh – disse Marjorie, parecendo um pouco embaraçada. – Creio que não temos nenhum livro em casa. Em inglês, quero dizer. São todos em português. Consegues ler em português?

– Não – respondeu Barnaby, abanando a cabeça.

– Então, creio que não temos nada para ti.

No momento em que proferia isto, uma jovem com cerca de dezoito anos entrou na cozinha transportando um cesto de roupa suja cheio até cima. Parou a meio do caminho quando viu as quatro pessoas reunidas. De seguida, algo de extraordinário aconteceu. Thiago, fitando-a com uma expressão de ira no rosto, abeirou-se da mesa, pegou no prato vazio de Barnaby e atirou-o para o chão, desfazendo-o em mil pedaços antes de sair para o exterior.

– Bem, também não era preciso tanto – comentou Marjorie, abanando a cabeça enquanto pegava numa pá e numa vassoura.

– Minha pobrezinha – condeou-se Ethel, aproximando-se da rapariga e envolvendo-a com um braço. – Não devias andar por aí a transportar toda esta roupa, muito menos no estado em que estás. – A rapariga ajeitou o cesto e colocou-o na bancada. – Barnaby – disse Ethel, virando-se. – Esta é a Palmira, que vive connosco desde que era pequenina. Thiago, o cavalheiro que acabou de sair, é o pai dela. Anda um pouco enervado, como já deves ter reparado.

Barnaby não sabia o que dizer – nunca vira um comportamento tão bizarro –, mas descobriu que não conseguia tirar os olhos de cima de Palmira, que tinha o rosto mais bonito que ele alguma vez vira.

– Não te preocupes, querida – disse Marjorie, dando uma pancadinha no ombro de Palmira. Ele vai ceder. Só precisa de tempo, mais nada.

A rapariga abanou a cabeça, com o rosto cheio de tristeza, antes de voltar a pegar no cesto de roupa suja e abandonar o aposento. Os olhos de Barnaby seguiram-na e sentiu uma dor estranha no estômago como nunca tinha sentido antes. Pela primeira vez na vida, teve a sensação de flutuar até ao teto com os pés bem assentes no chão.

CAPÍTULO 9

Algo para ler finalmente

Uns dias depois, estava Barnaby sentado sozinho num dos celeiros, com um saco cheio de grãos de café no colo para não flutuar, quando Palmira apareceu com um copo de sumo de laranja fresco e uma sanduíche.

– Desculpa – disse ela, parando à porta. – Não sabia que estavas aqui.

– Não faz mal – disse Barnaby, que se sentia um pouco sozinho e ficou contente por ter companhia. – Podes ficar aqui comigo, se quiseres.

Palmira sorriu e sentou-se ao lado dele num dos barris deitados.

– Geralmente, aproveito as minhas pausas para vir até aqui – informou ela. – É sossegado. Posso estar sozinha com os meus pensamentos.

Barnaby acenou afirmativamente. Perguntou-se se ela preferiria estar antes sozinha agora, mas ele não queria deixar passar a oportunidade de estar algum tempo com ela. Na noite anterior, sonhara com Palmira. No sonho, os dois decidiam regressar a Sydney juntos; por um lado, gostaria de lhe contar o sonho que tivera, mas, por outro, tinha vergonha de o fazer.

– Gostas de estar aqui na fazenda? – perguntou-lhe ela.

– Muito – respondeu Barnaby. – A Ethel e a Marjorie têm sido muito simpáticas para comigo.

– São boas pessoas – concordou ela. – Eu e o meu pai estamos-lhes muito gratos.

– Eu gosto do Thiago – revelou Barnaby. – Ensinou-me a montar num burro.

Barnaby julgou ver lágrimas a formarem-se nos olhos de Palmira quando ele disse isto. A rapariga pousou uma das mãos na barriga, deixando-a ficar lá durante algum tempo, e ele perguntou-se se ela se sentiria indisposta.

– Ele também me ensinou muitas coisas – referiu ela. – Porém, agora, nem sequer fala comigo.

– Nasceste aqui? – perguntou Barnaby, e Palmira abanou a cabeça.

– Aqui não – esclareceu ela. – Nem sequer no Brasil. A minha família era muito pobre. Nasci na Argentina, numa cidade onde só havia pobreza. A minha mãe morreu quando eu era criança, e, pouco tempo depois, eu e o meu pai passámos a fronteira e viemos ter a esta fazenda de café. A senhora Ethel e a senhora Marjorie receberam-nos, e aqui estamos desde então.

– Conhecem o Vicente? – perguntou Barnaby, que descobrira no seu quarto um conjunto de cadernos com uns desenhos extraordinários, todos eles assinados com esse nome. A maior parte deles era de pessoas, mas não se assemelhavam a ninguém que Barnaby tivesse visto antes. As figuras sobressaíam no centro da página, rodeadas de coisas que pareciam fazer parte da vida delas – não coisas delas, mas coisas que sentiam. Um desenho do qual Barnaby gostava particularmente era o de um rapaz mais ou menos da idade dele, com cores e raios, pratos vazios e mapas intrincados da América do Sul à sua volta. Do outro lado da folha, escrita à mão, estava a palavra “*Autorretrato*”.

– Sim, claro – respondeu Palmira. – Ele viveu aqui durante toda a sua juventude.

– Podes contar-me alguma coisa sobre ele? Tenho andado a ver todo o trabalho que ele deixou para trás. Nunca vi nada assim. E aquela enorme pintura no corredor ao lado da cozinha, é dele, não é?

– Sim. É linda, não achas? Poderia ficar a olhar para ela durante horas. A senhora Ethel e a senhora Marjorie conheceram-no quando ele tinha apenas oito ou nove anos. Encontraram-no a fazer... qual é a palavra? Aqueles desenhos e pinturas que costumam pintar nas paredes dos edifícios...

– Arte? – sugeriu Barnaby.

– *Graffiti* – lembrou-se Palmira. – Nessa altura, ele desenhava coisas insultuosas relacionadas com o nosso Presidente, um sacana de todo o tamanho que roubou o dinheiro ao povo para encher o seu palácio de banheiras douradas e lavar-se à custa do suor dos trabalhadores.

– Que nojo! – exclamou Barnaby, fazendo uma careta.

– É uma metáfora – esclareceu Palmira, com um encolher de ombros. – O país desprezava este homem, mas o certo é que nós vivíamos com medo dele. Era ele quem controlava o exército e não podia ser deposto. Aumentou-nos os impostos para além daquilo que era suportável e não quis saber se tínhamos dinheiro suficiente para nos alimentarmos. Os jornais tinham medo de o criticar não fosse serem encerrados e os editores mandados para a rua. Os escritores também não tinham coragem. Apenas este rapazinho, ainda criança, descobriu uma forma de expressar a sua insatisfação para com o governo: com a tinta que arranjava, sabe-se lá onde, nos bairros de lata, nos baldes do lixo, nas lixeiras, espalhou desenhos fantásticos pelas paredes da cidade, cheios de cores estranhas e figuras curiosas, que mostraram ao mundo que homem era este. As pessoas apaixonaram-se por ele, por isso a Polícia quis persegui-lo e capturá-lo. Se tivessem descoberto o seu paradeiro teria sido enviado para a prisão, talvez até condenado à morte, mas, uma noite, a senhora Ethel e a senhora Marjorie passaram por ele quando estavam na cidade e seguiram-no até ao bairro de lata onde morava, e viram que vivia sozinho num canto rodeado de caixas de cartão.

– Onde estavam os seus pais? – perguntou Barnaby.

– Desaparecidos – respondeu Palmira. – Por isso, trouxeram o Vicente para a fazenda de café e cuidaram dele como se fosse seu filho. Educaram-no, deram-lhe telas novas, tintas e pincéis caros, e encorajaram-no a desenvolver o seu talento a cada dia que passava. Por fim, tornou-se um grande pintor e partiu para Nova Iorque, onde depressa se tornou um dos artistas mais famosos e celebrados no mundo. E deve tudo a estas duas senhoras.

– Parece haver uma data de gente aqui sem família – observou Barnaby. – A Ethel e a Marjorie contaram-me que também foram expulsas das suas famílias. Porque eram diferentes. A mim parecem-me perfeitamente normais...

Palmira sorriu.

– É porque são – referiu ela. – Todos nós somos. A questão é que a ideia de normal difere de pessoa para pessoa. Mas este é o mundo em que vivemos. Algumas pessoas não conseguem aceitar algo que ultrapasse a sua experiência.

– A minha mãe nunca conheceu ninguém que flutuasse – disse Barnaby. – Acho que foi por isso que ela fez um buraco na minha mochila. – Pensativo, baixou um pouco a cabeça. – Talvez não me amasse – reconheceu. – Tal como sou.

– Uma mãe ama sempre o seu filho – reforçou Palmira, envolvendo-o com um braço e puxando-o para junto de si –, independentemente do que ele faça ou de quem quer que seja. Tenho a certeza disso, e posso confirmá-lo.

Barnaby aninhou-se a Palmira e não disse mais nada, sentindo-se muito triste por estar no Brasil com pessoas que mal conhecia e não em Sydney, a atirar bolas na sala de estar para o *Capitão W. E. Johns* apanhar. Teria permanecido alegremente nos braços de Palmira toda a tarde, não fosse um barulho por detrás deles tê-los obrigado a virarem-se. Era Thiago, do outro lado do celeiro, ouvindo toda a conversa. Talvez fosse da forma como a luz do sol entrava pelas portas em frente, mas o certo é que Barnaby reparou no rosto molhado do homem, como se tivesse estado a chorar. No entanto,

não pôde olhar por muito tempo, porque, assim que se viraram e Thiago se apercebeu de que tinha sido descoberto, o homem desapareceu dali.

Na sexta-feira à noite, as senhoras fizeram um churrasco em honra de Barnaby para lhe desejar boa sorte na viagem de regresso à Austrália. Deram-lhe dois bilhetes num envelope colorido, um de comboio para o Rio de Janeiro, e o outro de avião para Sydney. Mais tarde, quando Barnaby quis agradecer-lhes pela sua gentileza, encontrou-as a falarem com uma das mulheres que trabalhavam na quinta.

– E a Palmira nunca mais ouviu falar dele desde que partiu? – estava Marjorie a perguntar. Barnaby franziu o sobrolho perguntando-se de quem estariam a falar.

– Nem uma palavra. Há mais hipóteses de voltarmos à Idade da Pedra do que esse rapaz regressar a São Paulo – gracejou a mulher, cujo nome era Maria-Consuela. – Ou de os dinossauros voltarem a dominar a Terra! Toda a gente sabia que ele ainda seria uma má influência. Eu disse isso e as senhoras ouviram. Bastou-me olhar uma vez para aquela carinha bonita e vi logo que era a reencarnação do Diabo! *El Diablo!* E juro que, se o Thiago alguma vez lhe deitar a mão, haverá sarilho dos grandes.

– Bem, se esse bruto desapareceu, então melhor para ele – condescendeu Ethel. – Só quero que o Thiago volte a tomar conta da Palmira. Ele anda completamente perdido sem ela, toda a gente vê isso. E ela precisa do pai agora mais do que nunca. Parece-me que... Oh, Barnaby! Nunca te disseram que não é bonito andares por aí a escutar as conversas dos outros?

– Desculpem – apressou-se Barnaby a dizer. – Só vos queria agradecer terem-me deixado ficar aqui esta semana.

– És bem-vindo – disse Ethel. – De certeza que queres partir? Os teus pais fizeram uma coisa tão horrível. Não sei porque queres voltar para lá.

– Pode ser que estejam arrependidos – alvitrou Barnaby. – Se puder regressar à Austrália, ficarei a saber. O Thiago comprou-me um postal na aldeia e vou enviá-lo amanhã para saberem que vou a caminho.

– Acho que está na altura de fazermos um brinde – sugeriu Marjorie, reunindo todos os trabalhadores e erguendo o copo em honra de Barnaby. – Foi divertido ter-te aqui – referiu ela. – E creio que a Palmira tem um pequeno presente para ti, não tens, querida?

A rapariga deu um passo em frente, com um sorriso tímido no rosto que fez com que o coração de Barnaby parasse por alguns segundos.

– Como te vais embora, pensei que gostasses de ficar com uma recordação nossa – disse ela, entregando-lhe um embrulho muito bonito. – Ou melhor, uma recordação *minha*.

Barnaby sorriu de excitação quando arrancou o papel e descobriu uma pequena edição em inglês de *As Aventuras de Sherlock Holmes*. Não lera nada durante a semana e estava a começar a ficar preocupado com o facto de a sua imaginação poder vir a desaparecer para sempre.

– Obrigado! – agradeceu ele, precipitando-se para lhe dar um abraço. – Onde é que o arranjaste? Pensei que não havia livros ingleses aqui.

– É segredo – disse ela, piscando-lhe o olho.

Ver a alegria que ela dera ao rapaz com um único livro provocou uma onda de aplausos por parte dos presentes no churrasco, e Palmira sorriu-lhes, olhando muito feliz em volta, para esta família tão invulgar, antes de fixar o olhar naquele que mais amava: o pai, Thiago. O homem exibia um ar severo, mas depois começou a sorrir, lembrando-se de como Palmira consolara Barnaby quando este se mostrara triste com a família que tinha, e vendo como ela o alegrara oferecendo-lhe aquele presente cheio de significado, e o seu coração derreteu-se pela filha que tanto amava. Correu para a frente e envolveu-a com os braços, apertando-a, e murmurando-lhe

palavras ao ouvido que a fizeram compreender que ela tinha um pai que nunca mais voltaria a afastar-se dela, ou do seu bebé.

No dia seguinte, quando Barnaby embarcou no Fonseca Express, mal conseguia manter os olhos abertos. Festejara bastante na noite anterior e não conseguira dormir muito. Depois de ter encontrado um lugar num compartimento vazio, pôs o cinto para não flutuar e tirou os sapatos, bocejando sonoramente e esperando que ninguém o viesse perturbar. Leu “Um Escândalo na Boémia”, a primeira das histórias de Sherlock Holmes, e não reparou no tempo a passar. Mal acabou, pôs o livro de parte e escreveu o postal para casa; quando o revisor apareceu para inspecionar o bilhete, prometeu-lhe que o colocaria no marco da estação mais próxima.

De seguida, sem se lembrar de pôr um despertador para acordar quando chegasse ao Rio de Janeiro, Barnaby fechou os olhos e adormeceu.

Querida família:

Devem estar ansiosos por saber onde estou, desde que sai de casa há mais de uma semana. Depois de ter flutuado, fui salvo por duas senhoras que viajavam num balão de ar quente, mas, devido à direção dos ventos, não pude ir logo para casa. Não se pode alterar o rumo de um balão; temos de ir para onde o vento nos leva - e este levou-me até ao BRASIL.

Tenho saudades de Sydney e de todos vós. Estou a caminho de casa e espero ver-vos em breve. Vou tentar não flutuar mais, mas não sei como. Siga como for, prometo dar o meu melhor. Um abraço muito especial ao Capitão W. E. Johns.

O vosso filho/irmão/dono,
Barnaby

P. S.: Quando chegar a casa, gostaria de convidar a minha amiga Palmira para nos fazer uma visita. Ela nunca esteve na Austrália, mas diz que quer conhecer.

Top View: Tropical Sunset. Bottom View:
Coral Gables Waterway.
#72-26



TO Sr. e Sra. Brockett, Henry, Melanie
e Capitão W. E. Johns
15 Waruda Street
Kirribilli
NSW 2061
AUSTRÁLIA

MURPHY BROS. PRESS, INC.

M
BP

CAPÍTULO 10

O pior Jeremy Potts de sempre

Alistair abriu a caixa do correio e olhou atentamente para as contas e para a publicidade que tinha nas mãos antes de reparar no postal enfiado entre um folheto de uma empresa de limpezas domésticas e a ementa de um serviço de entrega de pizzas ao domicílio. Reconheceu imediatamente a letra, e o coração começou a bater-lhe com mais força assim que começou a ler.

Nos nove dias que se seguiram à partida de Barnaby, a casa dos Brocket transformara-se num sítio muito complicado para se estar. Henry e Melanie não paravam de causar problemas, insistindo para que a Polícia fosse à procura do irmão desaparecido, mas, quando Alistair lhes contou que tanto ele como a mãe deles poderiam meter-se num grande sarilho se se soubesse a verdade, eles ficaram um pouco menos ansiosos.

– As autoridades costumam olhar para estas coisas de uma forma muito negativa – referiu ele. – Antes de mais, poderão levar-nos a tribunal e vocês os dois correrão o risco de ir parar a uma família de acolhimento. Seja como for, não fomos nós os responsáveis pelo desaparecimento do Barnaby. Para todos os efeitos, foi ele que largou a mochila.

Esta era a explicação oficial que Alistair e Eleanor tinham combinado dar. Barnaby tirara a mochila dos ombros, queixando-se do peso, e, num abrir e fechar de olhos, estava já no ar. Eleanor tentou salvá-lo, mas não conseguiu saltar o suficiente. Ele fora avisado uma data de vezes, disseram, da importância de nunca tirar

a mochila das costas, mas não quis dar ouvidos, de tão obstinado que era.

Tudo o que acontecera, insistiram, fora única e exclusivamente por culpa de Barnaby.

Contudo, isto não foi suficiente para acalmar Henry e Melanie, que sentiam imensas saudades do irmão e se punham a discutir com os pais todas as noites, insistindo que ainda podiam fazer alguma coisa para o salvar. Nenhum deles imaginou sequer que os pais não lhes estavam a contar a verdade. No final de contas, só havia uma testemunha da coisa terrível que acontecera n'A Cadeira da Senhora Macquarie, que era o *Capitão W. E. Johns*...

E não era muito provável que ele pudesse expor a mentira.

Se ao menos a criança fosse normal, pensava Alistair, olhando rua abaixo, rua acima para as filas de sebes uniformes e para os relvados muito bem aparados. Seria pedir muito ter uma criança que funcionasse dentro da normalidade? Lembrava-se de quando tinha a idade de Barnaby. Fizera tudo para não se destacar dos demais, mas tal não fora possível, com os pais sempre a quererem torná-lo o foco das atenções.

Sentiu um aperto no estômago quando se lembrou do esforço que haviam feito para que toda a gente prestasse atenção ao filho. O seu pai, Rupert, sonhava em ser ator; a sua mãe, Claudia, em ser atriz. Conheceram-se na escola de arte dramática quando tinham vinte e poucos anos e estavam plenamente convencidos de que iriam ser estrelas de cinema internacionais.

“Só me interessa trabalhar com os melhores realizadores”, dizia Claudia, que ainda só tivera um pequeno papel num anúncio de televisão a uns cereais de pequeno-almoço artificialmente adocicados no qual fazia de colher.

“E com atores que respeitem verdadeiramente a profissão”, acrescentava Rupert, que fizera apenas de “rufião no café” num episódio de uma telenovela da noite quando tinha dezasseis anos.

O estrelato deslumbrava-os, por isso, quando Alistair nasceu, uma nova ambição surgiu: transformar o filho numa estrela.

Mal aprendeu a andar, começou logo a ser arrastado para audições para anúncios, peças e séries de televisão, ainda que não demonstrasse qualquer interesse por esse tipo de coisas e preferisse ficar em casa a brincar com os amigos. Naturalmente tímido, odiava ficar diante de pessoas completamente estranhas e ter de representar uma cena do musical *Oliver!* ou cantar uma versão de “With a Little Bit of Bloomin’ Luck”, do filme *Minha Linda Senhora*, com um ridículo sotaque *cockney*.

– Ou fazes o que te digo ou ficas sem jantar – admoestou-o Claudia, quando ele tinha onze anos e se queixou do facto de ter de ir a uma audição para o papel de Jeremy Potts numa produção amadora de *Chitty Chitty Bang Bang*.

– Mas eu não quero ser o Jeremy Potts – queixou-se Alistair. – Quero ser o Alistair Brocket.

– E quem é o Alistair Brocket? – gritou Rupert, horrorizado com o facto de o seu filho poder perder a grande oportunidade de vir a ser melhor do que ele. – Ninguém! Ninguém mesmo! É assim que queres passar a vida? Sem que ninguém te preste atenção? Olha para mim e para a tua mãe. Podíamos ter sido uns monstros na indústria do cinema, mas abdicámos de tudo para sermos pais de um rapazinho ingrato. É assim que nos agradeces?

Alistair não respondeu. Ele sabia muito bem que eles não tinham abdicado de nada por ele; tinham tentado ser atores durante vários anos antes de ele nascer, por isso, a sua falta de êxito não tinha nada que ver com ele.

Para sua desgraça, e devido à falta de melhores opções, Alistair ficou com o papel. Durante semanas, foi aos ensaios relutantemente, denotando grande dificuldade em recordar-se das falas e receando sempre o momento em que chegava a sua vez de cantar. Já era suficientemente mau ter todos os membros do elenco e realizador a assistir, quanto mais imaginar uma plateia inteira

sentada num auditório às escuras – ficava logo com vontade de vomitar.

– Não quero fazer isto – disse aos pais no dia da estreia da peça.
– Por favor, não me obriguem.

Nada do que dissesse, porém, os faria mudar de opinião, e, algumas horas mais tarde, entrou no palco com as pernas a tremer como gelatina. Ao longo das duas horas que se seguiram, no mínimo lembrou-se de menos de cinco por cento das falas, caiu do palco duas vezes, pisou os pés do colega seis vezes e pareceu prestes a fazer chichi nas calças quando o Avô Potts declarou que “por cima das cinzas, e a partir das cinzas, crescem as rosas do sucesso”.

O jornal local foi mordaz na crítica e, no dia seguinte, na escola, os colegas de turma ridicularizaram-no.

– Nunca mais – disse aos pais, quando voltou para casa nessa noite, desejando que a terra se abrisse e o engolissem. – Não vou voltar a pisar um palco nunca mais e não me vão obrigar. É humilhante. Nunca mais vou enfrentar um auditório.

Caminhando agora na direção da porta da frente, cerca de trinta anos depois, Alistair sentiu raiva dos pais por o terem feito passar por um trauma daqueles tão novo. Se o tivessem deixado ser como era – um rapaz calmo, pensativo e gentil –, era muito natural que não tivesse desenvolvido aquele medo horrível de ser o centro das atenções.

Era também natural que nunca se tivesse importado tanto com aquilo que as pessoas pensavam acerca dos seus próprios filhos.

– Algum correio? – perguntou Eleanor, quando ele entrou na cozinha e fitou a família, concentrada a tomar o pequeno-almoço.

Henry e Melanie não disseram nada; continuavam a manter-se em silêncio para mostrarem aos pais a falta que sentiam de Barnaby, mas nem Alistair nem Eleanor lhes proporcionavam a satisfação de repararem nisso. Alistair contemplou o teto, de onde o colchão de Barnaby fora recentemente retirado, e amarrotou o

postal, enfiando-o no bolso, determinado a atirá-lo para cesto de papéis no trabalho, mais tarde, nessa manhã.

– Nada – disse ele, denunciando um ligeiro aperto na garganta enquanto abanava a cabeça. – Nada a não ser contas e publicidade.

CAPÍTULO 11
O Príncipe das Cotonetes

– Última paragem! Última paragem!

Barnaby abriu os olhos e espreguiçou-se, sem saber bem onde é que se encontrava, lembrando-se de seguida: no Fonseca Express.

– Cheira a café aqui – disse o revisor, abrindo a janela para deixar entrar o ar.

– É da minha mochila – explicou Barnaby, sentando-se e desapertando o cinto depois de a pôr às costas. É que esta, cheia de grãos de café até cima, fora um presente de despedida de Ethel e Marjorie para que ele pudesse manter os pés assentes no chão quando chegasse ao Rio de Janeiro.

Barnaby estava muito cansado quando chegara à estação de comboio em São Paulo, mas a viagem devia tê-lo refrescado, pois sentia-se agora bastante desperto, como se tivesse dormido dias a fio. Descendo para a plataforma, contudo, ficou surpreendido ao ver um sinal a indicar “ESTAÇÃO PENN”.

– Desculpe – perguntou a um polícia que passava por ali. – Para que lado fica o aeroporto do Rio de Janeiro?

– A uns oito mil quilómetros naquela direção, rapaz – respondeu o homem, apontando para as portas da saída.

– Oito mil quilómetros? – questionou Barnaby, sobressaltando-se com a situação. – Onde é que eu estou exatamente?

– Nova Iorque – informou o polícia. – A cidade mais esplendorosa do mundo.

– Na verdade, a cidade mais esplendorosa é Sydney – corrigiu Barnaby, que podia ter ficado surpreendido por se ver na América

do Norte e não na América do Sul, mas não ia deixar passar um erro destes em branco.

O polícia não pareceu importar-se, contudo, limitando-se a encolher os ombros e a prosseguir enquanto Barnaby saía da estação, perguntando-se o que deveria fazer a seguir. Dormira, obviamente, durante toda a viagem e o avião para Sydney partira sem ele.

Barnaby estava agora sozinho nas ruas da grande cidade e deambulou ao longo de uma hora, descendo uma avenida, metendo-se por uma rua lateral, subindo uma outra, entrando numa praça e desembocando numa movimentada zona comercial, um pouco admirado com a altura dos prédios e a quantidade de pessoas que circulavam nos passeios. Ao fim de algum tempo, viu uma longa fila de gente que pretendia entrar num dos arranha-céus e olhou para a enorme tabuleta de mármore afixada na parede – “EDIFÍCIO CHRYSLER”. Nesse preciso momento, um homem deu-lhe um empurrão por trás, tirou-lhe a mochila das costas e correu pela rua abaixo com ela.

– Eh! – gritou Barnaby. – Pare, seu ladrão!

Só que não pôde fazer mais nada. Ainda não tinha pensado sequer em persegui-lo e já os seus pés se elevavam do chão e ele começava a flutuar. Então, assim que se aproximou do topo do edifício, bateu com a cabeça num objeto de metal e tudo à sua volta ficou negro, enquanto, lá em baixo, a cidade rodopiava como um caleidoscópio.



elevar-se até ao topo
do Chrysler

– Au! – queixou-se Barnaby Brocket.

– Olá, rapaz! Estás bem?

Barnaby abriu os olhos e olhou para cima. Encontrava-se a pairar por baixo de uma plataforma metálica que pendia na parte lateral do edifício, numa zona onde as paredes verticais davam lugar à coroa de aço montada no terraço. Através dos espaços da grelha conseguia ver um par de botas pretas e robustas.

– Diz alguma coisa, rapaz! Estás ferido?

– Apre! – praguejou Barnaby, olhando para cima para a plataforma onde um jovem com umas jardineiras de ganga se encontrava de pé rodeado de baldes e de panos. – O que é que me aconteceu?

– Vieste a voar até aqui como um balão à deriva – respondeu o jovem. – Depois embateste nesta geringonça. Como é que fizeste isso?

– Eu flutuo – confessou Barnaby, olhando diretamente para um falcão que descia na direção do rio Hudson; invejava a capacidade da ave para planar e aterrar como queria.

– Estás a brincar!

Barnaby tentou encolher os ombros, mas o facto de estes estarem contra a grelha da plataforma dificultava os movimentos.

– Ajudas-me a ir até aí?

– Claro – disse o jovem, esticando-se de modo a alcançar as orelhas de Barnaby para o puxar para cima, e depois pressionando com firmeza os ombros do rapaz para o impedir de voltar a flutuar. – Isto nunca me tinha acontecido – reconheceu ele, abanando a cabeça incrédulo. – Normalmente, não recebo visitas cá em cima.

– Limpas as janelas? – perguntou Barnaby, olhando em volta para as escovas, os rodos, as raspadeiras e as esponjas que se acumulavam na plataforma.

– É o que eu faço de dia. Para não ter fome.

Barnaby esticou o pescoço e olhou espantado para o topo do edifício, inclinando a cabeça para observar melhor as janelas triangulares e os arcos de aço estriado que os rodeavam.

– Impressionante, não é? Demoro uma semana a limpá-las todas, sabias? A propósito, chamo-me Joshua – acrescentou o jovem, estendendo-lhe a mão. – Joshua Pruitt.

– Barnaby Brocket – apresentou-se Barnaby.

– Tens um golpe na cabeça – observou Joshua, afastando ligeiramente o cabelo de Barnaby com os dedos. – Precisamos de desinfetar isso. Queres descer comigo?

Barnaby olhou em volta. A verdade é que ele não tinha muito mais opções: ou descia até ao nível da rua ou subia em direção ao céu.

– Sim, está bem – concordou ele.

Joshua acenou afirmativamente. De seguida, levantou uma peça de metal que pendia num dos lados da estrutura metálica e deu uma pancada com a mão num grande botão verde, o que os fez começar a descer. Manteve a mão de Barnaby bem apertada quando, já cá em baixo, dobraram a esquina e entraram no edifício pela porta de serviço, dirigindo-se a um único elevador cinzento. Uma vez lá dentro, pressionou o botão que dizia -3 fazendo-os descer até às profundezas do edifício.

Saíram do elevador e seguiram por um corredor todo enviesado, com umas paredes de pedra cinzenta cobertas por canos de aspeto envelhecido que faziam uns barulhos estranhos, antes de descerem um pequeno lance de escadas irregular e abrirem uma grande porta de metal que dava para um aposento escuro e ameaçador. Joshua puxou por uma corda e uma lâmpada iluminou aquilo que parecia ser uma casa improvisada. Ao fundo havia um saco-cama ladeado por chávenas vazias, uma série de livros e uma sanduíche meio comida.

– Desculpa a confusão – disse Joshua, parecendo um pouco embaraçado. – Eu sei que devia limpar isto mais vezes.

– Vives aqui em baixo? – perguntou Barnaby.

– Sim. Não tenho dinheiro para ter a minha própria casa, por isso pensei em abancar aqui por uns tempos. – Coçou a cabeça e pareceu um pouco infeliz por aquilo ser a única coisa que a vida tinha para lhe oferecer. – Sempre é melhor do que pagar uma renda por um espaço exíguo no extremo oposto da cidade.

Barnaby pensou no que levaria uma pessoa a viver debaixo de um edifício como aquele – e onde estariam os pais do jovem. “Será que vou terminar num sítio como este?”, perguntou-se enquanto Joshua remexia numa caixa guardada no fundo do quarto e tirava de lá um frasco contendo uma coisa verde e viscosa e uns tantos pensos rápidos. “E se eu nunca conseguir voltar para casa?”

– Pronto, estás como novo – avaliou Joshua, depois de desinfetar a ferida na cabeça de Barnaby, com a ajuda de uma bola de algodão, e de a tapar com os pensos em cruz. – Sentes-te melhor agora?

– Muito melhor – assegurou Barnaby, sentando-se num dos grandes tubos que corriam ao longo da parte inferior das paredes e segurando-se bem a ele, pois o teto era quase todo em aço. Era em momentos como este que ansiava pelo seu colchão médio *David Jones Bellissimo*.

– Muito bem, Barnaby – disse Joshua. – Deixa-me só guardar estas coisas e vamos já lá para cima.

Enquanto ele desaparecia num recanto do quarto, Barnaby reparou numa porta aberta no lado oposto do aposento. Levantou-se e caminhou com cuidado na direção da porta, agarrando-se às vigas de aço como um macaco a saltar de galho em galho. Espalhada no chão do compartimento seguinte estava uma invulgar coleção de esculturas, todas feitas em ferro e torcidas de uma forma estranha mas curiosa, algumas com pedaços de madeira embutidos no centro, quais corações pintados com uma tinta azul glacial. Não parecia haver nenhum sentido especial no padrão, e todas as esculturas eram diferentes umas das outras, mas quando Barnaby pegou numa ficou intrigado com o objeto que tinha nas mãos;

assemelhava-se àquelas peças que podemos encontrar numa galeria de arte ou num museu.

Pouco tempo depois, a sua atenção foi desviada para outra coisa igualmente inesperada que jazia no fundo do compartimento: uma simples caixa de cartão repleta de cotonetes – daquelas que se usam para limpar os ouvidos. Devia haver milhares delas ali... dezenas de milhares.

– Pensei que tinhas flutuado daqui. – Barnaby ouviu uma voz atrás de si; virando-se viu que Joshua o havia seguido até ali.

– És tu que as fazes? – perguntou Barnaby, olhando em volta para as esculturas.

– Sim. Gostas delas?

– São muito boas. O que é que significam?

– Tens de descobrir isso por ti. Cada uma delas tem um significado diferente para mim. Disse-te que limpar as janelas era um ofício que mantinha durante o dia. Sou um artista, na verdade... ou pretendo ser um. É que não é fácil arranjar alguém disposto a olhar para o meu trabalho ou a comprá-lo. Não fazes ideia de como os donos das galerias são pretensiosos nesta cidade. Talvez esteja a perder o meu tempo, não sei.

– E a caixa com cotonetes? – perguntou Barnaby. – Também é arte?

– Não – respondeu Joshua, sorrindo. – É apenas uma caixa com cotonetes.

– Deves ter os ouvidos muito sujos.

– Não são para mim – respondeu Joshua, pegando numa cotonete e observando-a atentamente. – Guardo-as para me lembrar da minha família. Às vezes, sinto-me muito sozinho aqui em baixo, sabias?

– A maior parte das pessoas guarda fotografias – lembrou Barnaby.

– Bem, também tenho uma ou duas na minha carteira, mas, como as cotonetes são o negócio da família, fazem-me lembrar a minha

casa. O meu pai é o rei das cotonetes na América, o que faz de mim um príncipe, se não estou em erro. Já ouviste falar em Samuel Pruitt?

Barnaby abanou a cabeça.

– Bem, creio que ele não é muito famoso, mas é muito, muito rico. Foi ele que inventou as cotonetes, por isso, de cada vez que alguém no mundo compra uma caixa de cotonetes para limpar os ouvidos, o meu pai ganha um quarto de dólar, o que dá muitos quartos de dólar. Junta tudo e verás quantos dólares são.

– Então porque é que vives aqui em baixo? – perguntou Barnaby.
– Deves ter dinheiro que chegue para viver num palácio.

– O dinheiro é do meu pai, não é meu – disse Joshua, conduzindo Barnaby de volta ao corredor. – O único dinheiro que tenho é o que faço a limpar janelas. É suficiente, no entanto. Impede-me de morrer à fome enquanto desenvolvo a minha arte. Ele deixou-me sem um cêntimo. Não me deixa entrar em sua casa. Não quer ter nada que ver comigo.

– Porque não? – perguntou Barnaby, quando regressavam ao elevador. – Ele ainda não viu como são boas as tuas esculturas?

– Ele não é propriamente um amante de arte, é esse o problema. Só está interessado em dinheiro e queria que eu lhe seguisse as pisadas. Tentou ensinar-me o negócio das cotonetes; queria que eu fosse trabalhar com ele, e depois, quando ele se reformasse, que eu ficasse a tomar conta do negócio. Mas queres que eu te conte um segredo? As cotonetes... não têm lá grande interesse.

– Também me parece.

– Enfim, eu queria fazer o que bem me apetecia, não o que outra pessoa queria que eu fizesse. Por isso, aqui estou eu, vivendo como um rato, passando todas as noites a trabalhar nestas peças e a começar a pensar que, lá no fundo, talvez ele tivesse razão. Ninguém me irá levar a sério. Talvez seja melhor empacotar tudo.

Voltaram para a rua e Joshua entregou-lhe dois pesos em ferro que tirara do compartimento na cave.

– Enfia isto nos sapatos – aconselhou ele, não reparando que Barnaby também tirara qualquer coisa que escondera no bolso de trás. – Será difícil caminhares com eles, mas, pelo menos, deverão impedir-te de flutuar durante algum tempo.

– Obrigado – agradeceu Barnaby. – E obrigado por teres tratado a minha ferida. A maior parte das pessoas não se teria importado com isso.

– A maior parte das pessoas tem muito que fazer – reconheceu Joshua, acenando-lhe, enquanto trepava para a sua unidade de limpeza, carregava no botão verde e começava a subir outra vez. – Tem cuidado contigo, Barnaby Brocket. Nova Iorque pode ser um lugar muito perigoso!

CAPÍTULO 12
Nasce uma estrela

Barnaby deixou de pensar em como regressar a Sydney para começar a pensar em como agradecer a Joshua Pruitt. A seu ver, muito poucas pessoas teriam sido prestativas o suficiente para lhe desinfetar a ferida e garantir que ele não voltava a flutuar. Mas o que é que ele podia fazer? Tinha muito pouco dinheiro e nenhum amigo na cidade.

Nisto, teve uma ideia.

Caminhando lentamente pela rua abaixo – *muito* lentamente – pôs-se à procura de uma estação de correios e, quando encontrou uma, entrou e sentou-se num banco com uma grande lista telefónica à frente, virando as páginas rapidamente à procura de uma morada. Não demorou muito tempo a encontrar o que procurava. Anotou todos os elementos num pedaço de papel e, como a maior parte das ruas em Manhattan tinha números em vez de nomes, não teve grandes dificuldades em chegar ao local, apesar dos pesos nos sapatos e das dores que começava a sentir outra vez nos ouvidos.

Do outro lado da rua, a galeria de arte tinha um ar muito imponente. Estava completamente pintada de branco, e, através das janelas enormes, Barnaby conseguia ver um ou outro quadro de pequenas dimensões pendurado na parede. Nunca estivera no interior de um espaço como aquele, e sentia-se um pouco ansioso, mas respirou fundo, abriu a porta e entrou.

Uma mulher sentada a uma secretária olhou para cima; quando o viu, a expressão na sua cara levou Barnaby a pensar que ela estaria prestes a desmaiar de terror.

– Revoltante – disse ela, com uma voz surpreendentemente masculina.

– O quê? – perguntou Barnaby.

– A tua roupa. Não tens nenhum sentido de cor, nenhuma noção do que está na moda ou do que não se usa mais. Quero dizer, calções aos quadrados nesta altura do ano? – perguntou ela, olhando para o traje de Barnaby e abanando a cabeça com um certo desdém. – Onde é que estamos, num campo de golfe?

Levantou-se e ele ficou surpreendido com a altura dela – quase dois metros – e com o cabelo de tal maneira puxado para trás que as sobrancelhas por pouco não se confundiam com a linha do cabelo. Tinha uma pele extremamente branca e os lábios pintados num tom de vermelho-sangue deveras aterrador.

– E quem és tu? – perguntou ela, arrastando as palavras como se fosse doloroso pronunciá-las.

– Sou o Barnaby Brocket – disse Barnaby.

– Bem, isto aqui não é nenhuma creche, Benjamim Blewitt – declarou ela, como quem sugere que seria pouco digno repetir corretamente o nome dele. – Nem nenhum orfanato. Isto é uma galeria de arte. Sai já daqui e leva esse teu cheiro peculiar contigo.

Barnaby fungou ligeiramente, tal como o *Capitão W. E. Johns* costumava fazer quando se enroscava no seu cesto, e apercebeu-se de que ela talvez tivesse razão. Ele não se lavava desde que partira da fazenda de café de Ethel e Marjorie e dormira num comboio do Brasil até Nova Iorque.

– Não é um cheiro peculiar – retorquiu Barnaby, procurando dar ares de ofendido. – É o meu *aftershave*.

– És muito novo para fazer a barba. Ainda és um rapazinho.

Barnaby franziu o sobrolho: ela tinha razão. O melhor era ir direto à questão.

– Vim falar com o senhor Vicente – anunciou ele.

– O senhor Vicente? – perguntou a mulher, rindo-se do absurdo de tal observação. – Primeiro, ninguém o trata por *senhor* Vicente;

ele é apenas “ Vicente”. Segundo, temo que ele esteja ocupado. Tem, aliás, a agenda muito preenchida até ao final da década. Além disso, não se costuma dar com rapazinhos malcheirosos que andam aí pelas ruas com pensos rápidos nas testas.

– Por favor, diga-lhe que está aqui o Barnaby Brocket – esclareceu Barnaby, ignorando a rudeza da mulher. – De certeza que ele querera ver-me.

– Não. Sai daqui.

– Diga-lhe que o assunto tem alguma urgência.

– Se não te fores embora – declarou a mulher, avançando com toda a imponentia na sua direção –, serei forçada a chamar a Polícia.

– Diga-lhe que cheguei de uma fazenda de café no Brasil. É do interesse dele, não acha?

A mulher hesitou; ela conhecia suficientemente bem o patrão para saber que as palavras “fazenda de café” e “Brasil” desempenhavam um papel importante na vida dele. Lera todas as biografias que haviam sido escritas sobre ele, bem como as entrevistas que dera. Talvez este rapaz fosse *alguém*, pensou. Talvez não fosse bom continuar a hostilizá-lo daquela maneira.

– Espera aí – disse ela, deixando escapar um suspiro de exaustão enquanto se virava e desaparecia no interior de um escritório na parte de trás da galeria.

Um minuto ou dois depois, um homem de cabelo escuro com um bigode da grossura de um lápis apareceu e pôs-se a olhar para Barnaby com um meio-sorriso no rosto e uma expressão que denotava alguma curiosidade.

– Querias ver-me? – perguntou, com um sotaque que denunciava as suas raízes nas favelas de São Paulo.

– Sou o Barnaby Brocket – explicou Barnaby. – Estava a flutuar sobre Sydney quando me cruzei com um balão de ar quente dirigido pelas suas amigas Ethel e Marjorie. É uma longa história, mas acabei por ficar com elas na fazenda durante uma semana. Até

dormi no seu antigo quarto. Falaram muito bem de si. A Palmira contou-me que o Vicente era a pessoa de quem elas mais gostavam.

– E elas foram as minhas melhores amigas! – exclamou Vicente, batendo palmas de alegria. – As minhas benfeitoras. Devo-lhes tudo o que tenho. Elas também te salvaram, não foi? Tal como a mim...

– Bem, mais ou menos, creio – admitiu Barnaby. – Eu não sei o que teria sido de mim se não me tivesse cruzado com elas. – Olhou para a mulher alta, que estava a fitá-lo com uma mistura de hostilidade e desprezo. – É a sua mulher? – perguntou a Vicente, com uma voz inocente. Ao ouvir esta pergunta, os olhos dela esbugalharam-se de tal maneira que Barnaby teve medo que se desprendessem e caíssem no chão.

– Eu não sou mulher de ninguém – reagiu ela, com um ar arrogante, como se tivesse sido acusada de passar as noites a jogar computador.

– Não – murmurou Barnaby, abanando a cabeça. – Bem me parecia que não.

– Então, o que é que eu posso fazer por ti? – perguntou Vicente, dando o braço ao rapaz e conduzindo-o até um sofá com uns estofos muito bonitos. – A Ethel e a Marjorie... não estão doentes, pois não?

– Não – respondeu Barnaby, abanando rapidamente a cabeça. – Não, não estão. O facto é que, senhor Vicente...

– Apenas Vicente, por favor.

– O facto é que, Vicente, não estarei muito enganado se disser que é uma pessoa que sabe muito acerca de arte, não é verdade?

O proprietário da galeria estendeu as mãos e olhou em volta para os itens em exibição.

– Sei um pouco – disse ele, com alguma modéstia.

– Posso mostrar-lhe uma coisa e depois dizia-me se tem algum valor?

– Nada de avaliações hoje! – objetou a assistente de Vicente, batendo as palmas com força. – É preciso marcar primeiro. Creio que temos uma vaga para a segunda terça-feira de abril, daqui a dezoito anos. Posso marcar para as dez da manhã?

– Por favor, Alabaster – silenciou-a Vicente, com uma expressão séria no rosto. – Se este rapaz é amigo da Ethel e da Marjorie, então também é meu amigo. Vá lá, Barnaby. O que me queres mostrar?

Barnaby enfiou a mão no bolso e tirou de lá uma das peças de Joshua – uma escultura pequena que ele levava sem autorização já com este plano em mente. Ele sabia que não devia tirar coisas aos outros, mas pensou que, dada a situação, não faria mal.

Vicente agarrou na peça de metal, virou-a para um lado e para o outro, e ficou a olhar para ela durante alguns minutos antes de caminhar na direção da janela e examiná-la com mais atenção à luz do dia. Murmurou qualquer coisa, enquanto passava com os dedos pelo ferro e pela madeira, e depois pôs-se a abanar a cabeça maravilhado.

– Precioso – disse ele, voltando para ao pé do rapaz. – Simplesmente precioso. Foste tu que a fizeste?

– Não – retorquiu Barnaby. – Foi um amigo meu. Ele limpa janelas no Edifício Chrysler, mas quer ser artista. Só que ninguém repara no seu trabalho. Ele desinfetou a minha ferida e pôs uns pensos na minha testa. Pensei que lhe devia um favor.

– Ele não *quer* ser artista; ele é um artista! – bradou Vicente num tom dramático. – Um artista extraordinário. Vais ter de me pôr em contacto com ele, meu pirralho malcheiroso. Agora!

Uma semana mais tarde, tendo aproveitado a generosidade de Vicente sob a forma de quarto de hóspedes num apartamento enorme na Quinta Avenida com vista para o Central Park, Barnaby – devidamente lavado, depois de um bom banho – chegou à galeria envergando uns sapatos bastante caros com pesos nos tacões para

o manter assente no chão, e atravessou as filas de fotógrafos e jornalistas que esperavam pela primeira exposição de Joshua, um evento que vinha sendo apregoado pelo mundo artístico como um dos mais importantes do ano.

– Ouvi dizer que eras o responsável por tudo isto – disse um homem com um crachá de imprensa, aproximando-se de Barnaby, que acenou com a cabeça e tentou não ficar a olhar para as terríveis marcas de queimaduras que lhe cobriam o rosto. Ele sabia que não seria de bom-tom olhar diretamente para elas, mas não pôde deixar de se perguntar como as teria ele feito.

– Mais ou menos – disse Barnaby.

– O meu nome é Charles Etheridge – apresentou-se o homem, apertando a mão de Barnaby. – Sou crítico de arte no *Toronto Star*. O Vicente falou-me acerca deste novo e extraordinário trabalho e tive de o vir ver com os meus próprios olhos. E não foi em vão. Tenho de apanhar o comboio de regresso ao Canadá já amanhã de manhã, mas ainda bem que vim. Falando em nome dos meus leitores, queria agradecer-te por teres dado a conhecer a obra do senhor Pruitt. Estamos em dívida para contigo. Se puder fazer alguma coisa por ti, diz, está bem?

Barnaby aquiesceu, incapaz de pensar em algo que o senhor Etheridge pudesse realmente fazer por ele, e foi em busca do artista.

– Não me canso de te agradecer, miúdo – disse Joshua, deliciado com tantos elogios. – E olha para ali, até o meu pai apareceu. Parece que está orgulhoso de mim, agora que apareci no *New York Times*, e diz que não faz mal se não trabalhar na indústria das cotonetes.

– Então, voltaram a ser amigos? – perguntou Barnaby.

– Bem, ainda temos alguns assuntos para resolver. Afinal, ele pôs-me na rua sem um cêntimo. E porquê? Porque eu era um pouco diferente do que aquilo que ele queria que eu fosse. Tudo será

ultrapassado com o tempo, creio, mas não será fácil de esquecer. Que tipo de pai expulsa um filho de casa desta maneira?

Barnaby franziu o sobrolho e mordeu o lábio. Com toda a excitação da última semana não voltara a pensar em Alistair e Eleanor como devia, mas, ao ouvir Joshua dizer isto, ficou a pensar nos seus, talvez não da melhor forma. Olhou em volta para a extraordinária exposição que Vicente montara, e para os amantes de arte endinheirados que iam examinando cada uma das peças enquanto Alabaster se entretinha a colocar pequenos círculos vermelhos à volta para indicar que estavam vendidas.

– Havemos de contornar as coisas – continuou Joshua –, desde que ele se convença de que sou um artista e não um homem de negócios. E tu, Barnaby? O que vais fazer agora?

– Pretendo regressar a Sydney – informou Barnaby. – Tenho de arranjar uma maneira.

Foi então que teve uma ideia e voltou para ao pé de Charles Etheridge, o jornalista do *Toronto Star*, aquele que devia um favor a Barnaby.

– Desculpe, senhor Etheridge. Disse que ia voltar para Toronto amanhã de manhã?

– Sim, meu rapaz. Porque é que perguntas?

Barnaby pensou um pouco e tentou desenhar um mapa do Mundo na sua cabeça.

– Toronto fica perto de Sydney? – perguntou.

POST CARD

5-PM

THE ADDRESS TO BE WRITTEN
ON THIS SIDE



Querida família:

Tencionava ir de avião do Brasil
até Sydney, mas adormeci no comboio e
acordei em Nova Iorque, razão pela qual
ainda não cheguei a casa, não vá estarem
preocupados. Fiz alguns amigos nos EUA,
mas estou a caminho do Canadá para
apanhar de lá um avião para casa. É que
há um jornal que me vai comprar o bilhete,
por me dever um grande favor, mas vou
ter de partir de Toronto.

Ainda não consegui deixar de flutuar.
Talvez seja a minha maneira de ser...
Digam ao Capitão W. E. Johns para não
comer muitos biscoitos de cão, pois já
estava a ficar um pouco gordo quando
eu parti.

O vosso filho/irmão/dono,
Carnaby

Sr. e Sra. Brockel,
Henry, Melanie
e Capitão W. E. Johns
15 Waruda Street
Kirribilli
NSW 2061
AUSTRÁLIA

CAPÍTULO 13
A Pequena Miss Kirribilli

Eleanor estava de regresso do seu passeio com o *Capitão W. E. Johns* quando se cruzou com o carteiro na rua. O carteiro entregou-lhe uma encomenda de uma livraria, uma carta da escola de Henry e o último postal de Barnaby. Optou por ler a carta em primeiro lugar – parece que Henry tinha começado a envolver-se em brigas nas últimas semanas – e depois, com alguma hesitação, começou a ler o postal. Conseguiu sentir o sangue a circular-lhe no rosto quando reconheceu o tom do filho mais novo e sentiu uma dor dentro de si como nunca havia sentido antes.

Tinham passado algumas semanas desde que fora com ele até à Ponte da Baía, e os acontecimentos desse dia ainda não lhe haviam abandonado por completo a mente. Por vezes pensava que tinha feito a coisa certa porque, vendo bem, Barnaby era um rapaz muito obstinado, que se recusava a mudar, mas depois, ocasionalmente, perguntava-se porque é que tinha sido incapaz de o amar tal como ele era. Ao fim e ao cabo, sempre se orgulhara do facto de ser uma mãe normal, com uma família perfeitamente normal, mas seria normal fazer aquilo que ela fizera?

Do outro lado da rua, viu Esther Frederickson a sair do carro com a filha de sete anos, Tania, atrás dela.

– Oh, olá, Eleanor – cumprimentou a senhora Frederickson, virando-se e agitando um enorme troféu no ar. – Primeiro lugar! – declarou ela, triunfantemente. – Pequena Miss Kirribilli, tal como as suas três irmãs mais velhas antes dela... e a sua mãe!

Eleanor sorriu, mas não se deu ao trabalho de ir cumprimentar Tania ou Esther. O concurso Pequena Miss Kirribilli trazia-lhe más recordações. Quando era criança, ganhara o título de Pequena Miss Beacon Hill e odiara toda a confusão e atenção inerente ao título. A sua mãe também fora Miss Beacon Hill e, mal Eleanor nasceu, usou a filha como se fosse uma boneca numa escola de cabeleireiros e maquilhadores, apanhando-lhe o cabelo das formas mais extravagantes, e forçando-a a caminhar de mão nas ancas até aperfeiçoar o que a senhora Bullingham, mãe de Eleanor, descrevia como a sua “maneira de andar especial”.

– Agora, lembra-te – instruiu a filha quando esta tinha apenas cinco anos e entrou no seu primeiro concurso de beleza. – Se alguém do júri te perguntar o que mais queres no mundo, o que dizes?

– Que quero trabalhar num canil – disse Eleanor. – E quero salvar o maior número possível de cães abandonados e encontrar-lhes um lar.

– Paz no mundo! – gritou a senhora Bullingham, agitando os braços no ar. – Céus, menina, quantas vezes já te disse? O que mais queres é paz no mundo!

– Oh! – exclamou Eleanor. – Claro. Desculpa. Vou tentar lembrar-me.

– E se te perguntarem quem é a tua melhor amiga, o que dizes?

Eleanor refletiu; esta era uma resposta que estava sempre a mudar.

– Acho que vou optar pela Aggie Trenton – respondeu. – Na semana passada, teria sido a Holly Montgomery, mas ela puxou-me os cabelos e roubou-me o almoço na terça.

– A tua melhor amiga é a tua mãe – insistiu a senhora Bullingham entredentes. – Repete comigo, Eleanor: *a minha melhor amiga é a minha mãe*.

– *A minha melhor amiga é a minha mãe* – repetiu Eleanor, obediente.

- A tua música favorita?
- Os Beatles – anunciou Eleanor.
- Chopin!
- Oh, sim. Chopin.
- O teu livro favorito?
- *Anne de Avonlea*.

– Hum – disse a senhora Bullingham, que nunca lia livros. – Está bem, a resposta parece-me correta. Agora, será que me esqueci de mais alguma coisa?

Os concursos de beleza nunca foram a ideia de divertimento de Eleanor. Na verdade, odiava ter de ser penteada e maquilhada; preferia mil vezes passear no bairro com os outros rapazes e raparigas, sujar-se e voltar para casa com os cotovelos esfolados e o rosto coberto de lama. No entanto, a senhora Bullingham não permitia isso.

– És uma menina e deves comportar-te como tal – disse ela à filha. – Há mais de quarenta concursos de beleza diferentes para raparigas da tua idade no estado de Nova Gales do Sul. Se nos empenharmos, poderemos fazer todo o circuito e ganhar todas as provas. Não seria maravilhoso? O máximo que alguém conseguiu numa única temporada foi trinta e seis. Sabes quem foi?

- Quem?
- Eu!

Eleanor suspirou. Não eram apenas os concursos que ela achava entediantes – as outras concorrentes também. Nenhuma das outras raparigas parecia ter uma mente própria. Repetiam as coisas que as mães diziam e faziam tais sorrisos que era um mistério como não ficavam com a boca aberta para sempre.

Só que a mãe não lhe dava outra hipótese. Fim de semana após fim de semana, metiam-se dentro do carro e iam de Broken Hill a oeste até Newcastle a este, de Coffs Harbour no norte até à península de Mornington no sul, entoando canções, marchando e desfilando pelas passarelas, e ganhando troféus. Eleanor nunca

podia ir às festas de aniversário das amigas porque estas eram sempre aos sábados, e esse era o dia em que ela tinha de enfrentar uma plateia, pavoneando-se.

Isto durou seis anos até que, logo após o seu décimo terceiro aniversário, Eleanor entrou no anexo por trás da casa, construído de propósito para albergar a sua coleção de troféus, e disse à mãe que os concursos de beleza tinham acabado.

– Acabarão quando eu disser – respondeu a senhora Bullingham.

– E isso só acontecerá quando mudares de feições. Ainda tens alguns anos pela frente.

– Lamento, mas não – disse Eleanor calmamente. – Não vou a mais nenhum. Odeio esses concursos. Não gosto da forma como as pessoas olham para mim.

– Admiram-te!

– Não, não me admiram. É uma coisa estranha. Não gosto da roupa, não gosto da competição e, especialmente, não gosto da atenção. Mais: provocam-me manchas, que o médico diz estarem relacionadas com a ansiedade. Só quero que me deixem em paz.

Ao fim de uma série de argumentos, e apesar das ameaças da senhora Bullingham, Eleanor conseguiu finalmente o que queria. A maquilhagem foi posta de lado, os trajes inapropriados doados ao Exército de Salvação e Eleanor finalmente deixada em paz.

“*Se mais ninguém olhar para mim enquanto viver*”, escreveu no seu diário no dia em que os troféus foram todos encaixotados e armazenados, “*acho que poderei crescer feliz.*”

Entrou em casa agora, abanando a cabeça para afastar estes pensamentos e desejando correr para a pequena Tania Frederickson, a fim de lhe dizer que também ela poderia recusar-se a entrar nos concursos, se quisesse – ninguém iria pensar mal dela só por não ser a Pequena Miss Blue Mountains ou a Pequena Miss Woollongong –, mas não o fez.

Em vez disso, sentou-se, voltou a ler o postal de Barnaby e deu um grande suspiro. Depois, pondo-o de lado, abriu a encomenda da

livraria – estava dirigida a Barnaby – e tirou o exemplar de *David Copperfield* que ele devia ter encomendado antes de ter desaparecido de ao pé dela a flutuar. Ficou a olhar para a capa do livro durante algum tempo – um rapaz sozinho numa estrada, ao pé de uma placa a indicar Londres, com uma expressão de solidão e ansiedade no rosto – antes de abrir o livro nas páginas iniciais.

"Se eu vou ser ou não o herói da minha própria vida, ou se esse papel será desempenhado por outra pessoa, estas páginas o dirão."

"Ão, ão", ladrou o *Capitão W. E. Johns*, que também queria ir para cima do sofá, e ela aquiesceu, batendo na almofada ao seu lado antes de tirar os sapatos e se estirar.

"Para começar a minha vida pelo princípio", leu, "registo que nasci (pelo menos assim mo disseram e disso estou convencido) numa sexta-feira, à meia-noite."

Eleanor assustou-se ligeiramente quando leu esta frase. Depois fechou o livro, levantou-se e foi para a cozinha, atirando o postal de Barnaby para o lixo. Abriu o frigorífico e olhou lá para dentro. "Costeletas de porco para o jantar", pensou, procurando afastar tudo o mais da sua mente. "E uma *pavlova* para a sobremesa."

CAPÍTULO 14
A fotografia no jornal

Na manhã seguinte, Barnaby viu-se de novo na Estação Penn.

Permanecendo no átrio do terminal, olhou para os pés, onde um padrão de linhas vermelhas e brancas se espalhava no chão, com bastante pormenor no sítio onde estava, mas desvanecendo um pouco quer para a esquerda quer para a direita. Esticou o pescoço e olhou para as janelas que se erguiam por detrás dele, com a luz matinal a incidir sobre a base da enorme bandeira americana e a fazer com que as suas cores flutuassem que nem uma onda patriota.

A estação estava apinhada de gente, passageiros frequentes que circulavam a esta hora de ponta matinal ainda de olhos turvos e cabelo molhado, todos eles transportando café e *doughnuts*; a avaliar pelas suas expressões dir-se-ia que se falhassem o seu destino nos próximos minutos – ou segundos até – todo o Universo se desmoronaria. Eram pessoas *assim* tão ocupadas e *assim* tão importantes.

Barnaby respirou fundo e depois exalou ruidosamente enquanto observava os turistas em torno de um posto de informação, discutindo com a mulher de ar exausto que ali permanecia encurralada. Transportava às costas a sua nova mochila cheia de pedaços de ferro vindos da cave do Edifício Chrysler, que o impediam de sair do chão e embater na cobertura do átrio.

– Bom dia, Barnaby – cumprimentou Charles Etheridge, caminhando na sua direção, com duas garrafas de água e algumas maçãs; nada de café ou bolos para ele.

Algumas das pessoas que entravam e saíam da estação olhavam para as horríveis marcas de queimaduras que lhe cobriam o rosto e afastavam logo o olhar – as suas expressões cruéis poderiam ter ferido os sentimentos de Charles, não estivesse ele já habituado a ser olhado daquela maneira. Uma adolescente produziu um som parecido com um engasgo enquanto levava um dedo à boca aberta, e a sua amiga desatou a rir. O som fez com que ele olhasse para ela, e ela corou antes de desviar a cara; depois, ela e a amiga desceram as escadas a correr, rindo-se alegremente.

– Trouxe-te qualquer coisa para comeres – anunciou Charles, com a sua voz a denunciar uma certa amargura em relação ao ocorrido. – Pensei que tivesses fome.

– Obrigado – agradeceu Barnaby.

– E trouxe também os bilhetes – acrescentou o homem, acenando com uns papéis. – É melhor apressarmo-nos, se quisermos chegar a horas.

Desceram as escadas e atravessaram uma série de longos corredores que davam acesso às plataformas.

– Ouviste dizer que o jovem senhor Pruitt vendeu todas as suas peças ontem à noite, não ouviste? – perguntou Charles. – E por uma quantia apreciável também. A *New Yorker* vai publicar um artigo sobre a exposição na próxima semana. Já o *New York Times* está a preparar a sua lista de razões pelas quais a obra não é assim tão grandiosa quanto toda a gente diz. Não há quem não fale dele e tudo graças a ti.

– Ainda bem que ele vai conseguir ser artista – disse Barnaby. – E que fez as pazes com a família.

– Ele foi sempre um artista – retorquiu Charles. – Só que agora poderá ser um artista rico, e, pela minha experiência, os dois nem sempre andam de mãos dadas.

Caminharam até à Plataforma 9, onde o comboio aguardava por eles, e Barnaby olhou para o espaço que o separava da Plataforma 10 e franziu os olhos.

– Estação errada? – indagou Charles, reparando na expressão do rapaz.

– Estou só a verificar – assegurou Barnaby, sorrindo, enquanto entravam no comboio. Olhando para os assentos, verificou com satisfação que bastava apertar o cinto em torno da cintura para evitar flutuar até ao teto, enquanto Charles colocava a mochila numa das bagageiras superiores.

– Deve ser muito estranho estares sempre a flutuar – disse Charles. – Há imensa coisa que não deves poder fazer.

– Creio que sim – respondeu Barnaby, no momento em que se ouvia o apito e o comboio começava a sair da estação. – Só que nunca conheci nada de diferente à exceção de quando subi a Ponte da Baía de Sydney com a minha turma e nos amarraram à parte lateral numa longa fila; aí, pela primeira vez na minha vida, senti-me igual a todos os outros.

– E qual foi a sensação?

– Estranha – reconheceu Barnaby, fazendo um esgar. – Não me senti eu. Não gostei.

Charles acenou afirmativamente e ficou a olhar para ele durante algum tempo, com um ligeiro sorriso no rosto, antes de soltar uma risada e abrir o jornal para dar uma vista de olhos pelos títulos. Barnaby olhou para fora da janela e observou a paisagem a desaparecer a alta velocidade. Um pouco de D'Artagnan vinha mesmo a calhar numa viagem como esta.

A viagem decorria há já algumas horas quando o comboio parou em Albany, onde um grupo de passageiros saiu e muitos mais entraram. Barnaby observou enquanto um jovem atraente colocava um enorme saco verde da tropa na bagageira superior e se sentava no lugar à sua frente. Enfiou o nariz num livro e Barnaby espreitou para ver o título: *Uma Nação de Políticos*. Era um livro sobre a Irlanda nos finais do século XVIII.

– Não tem histórias de aventuras nesse saco, pois não? – perguntou Barnaby, inclinando-se para a frente com alguma

esperança.

O jovem fitou-o surpreendido.

– Não, lamento – respondeu ele. – Gosto mais de História. Mas posso dar-te alguma coisa sobre a reforma agrária no início do século XIX na Irlanda, se estiveres interessado...

Barnaby suspirou e abanou a cabeça. Estava a apetecer-lhe algo que envolvesse perseguições... ou um órfão tentando sobreviver no mundo... ou um pouco de luta.

A carruagem estava bastante cheia agora, mas havia dois lugares vagos do outro lado do corredor, e uma mãe e uma filha aproximaram-se, reivindicando-os. Uma expressão de alívio inundou o rosto da mulher quando se apercebeu de que não iam ficar de pé no corredor durante os próximos quinhentos quilómetros. Contudo, quando se acercaram mais dos lugares, a rapariga parou, olhou para as marcas de queimaduras no rosto de Charles e recusou-se a andar para a frente. Em vez disso, abriu muito a boca, permaneceu completamente imóvel e parecia que não sabia se havia de gritar ou desmaiar.

– Para a frente, Betty-Ann – ordenou a mulher, reparando também em Charles e lançando-lhe um olhar irado, como se fosse intolerável da parte dele sentar-se numa carruagem de comboio com um rosto daqueles. – Betty-Ann, eu disse *para a frente!*

No entanto, a rapariga recusou-se a ocupar o lugar.

– *Por favor*, faz o que te estou a dizer – insistiu a mulher, e, desta vez, empurrou a filha, forçando-a a ocupar o lugar junto à janela enquanto ela se sentava na coxia, com nada mais do que o estreito corredor a separá-la de Charles.



que rude!

Barnaby observou tudo aquilo com grande interesse e depois voltou a olhar para o seu companheiro, entretido a ler um artigo, embora Barnaby tivesse a certeza de que o vira ler aquela mesma página há uns trinta minutos.

É claro que quando Barnaby vira Charles pela primeira vez, na noite anterior, também ficara espantado com as cicatrizes vermelhas e a pele engelhada que lhe cobria o rosto desde o olho direito até à parte esquerda do queixo – uma das suas orelhas também tinha um aspeto bastante sinistro, e havia uma mancha de pele branca por cima da sobrancelha direita com uma textura completamente lisa. E embora soubesse que era rude, continuou a olhar para Charles até que este acabou por pousar o jornal e virar-se para ele.

– O que foi? – perguntou.

– Nada – respondeu Barnaby, corando um pouco e virando-se para olhar de novo pela janela.

– Estavas a olhar para a minha cara.

Barnaby olhou para trás e mordeu o lábio.

– Eu só... – começou. – Bem, eu só estava a imaginar o que lhe poderia ter acontecido, era só isso. Posso perguntar, não posso?

– Podes – disse Charles, dobrando o jornal em dois. – Para ser sincero, prefiro que me perguntes a ficares a olhar para mim como se eu fosse um animal do circo. – Ao dizer isto, levantou um pouco a voz em direção a Betty-Ann e à mãe, que o ignoraram por completo; a criança estava embrenhada num jogo de computador e a mãe a ler coisas sobre famosos. – E ainda bem que me perguntas agora porque acabei de reparar nisto.

Desdobrou o jornal e mostrou a Barnaby uma fotografia na secção “Estilo” de uma mulher muito bonita num desfile de moda. Toda a gente na plateia se encontrava a olhar para ela com uma expressão quiçá idêntica à dos mortais nossos antepassados quando os deuses desciam dos céus para deambularem na sua companhia;

mas a manequim olhava para a lente da câmara com um ar de absoluto enfado no rosto.

– Estás a ver esta mulher? – perguntou Charles, e Barnaby acenou. – Presumo que a estás a reconhecer...

– Não – disse Barnaby, abanando a cabeça.

– A sério? Deves ser a única pessoa nesta carruagem que não a conhece. Já ouviste falar do nome dela certamente. Eva Etheridge?

Barnaby encolheu os ombros, perguntando-se se deveria fingir que sabia.

– Ela é modelo? – perguntou ele.

– Se ela é modelo? – perguntou Charles, rindo-se. – É só uma das manequins mais famosas do mundo. Já foi o rosto de tantas campanhas que se deve ter esquecido de metade delas. Não é que ela se tome *apenas* por modelo, claro; também é cantora... e atriz... e uma figura da televisão. Além disso tem uma linha de roupa interior desenhada especificamente para outras mulheres malnutridas. É a imagem de marca de uma série de produtos de beleza. – Hesitou durante alguns segundos e a seguir abanou a cabeça, com um ligeiro sorriso. – Oh, e é minha irmã – acrescentou. – Quase me esquecia de o referir.

Barnaby levantou o jornal do colo de Charles e fitou-o de novo, tentando ver se havia alguma semelhança entre ela e o homem sentado ao lado dele, mas era impossível ver o verdadeiro aspeto dele debaixo de todas aquelas horríveis cicatrizes.

– E estas duas pessoas aqui... – continuou Charles, virando a página e apontando para um conjunto de fotos mais pequenas tiradas no mesmo desfile de moda – são os meus pais, Edward e Edwardine Etheridge. Ele é um *designer* extremamente famoso e ela uma fotógrafa igualmente famosa.

– Mas este desfile foi ontem à noite – observou Barnaby, apontando para a data no cimo da página.

– Pois foi.

– E preferiu ir à exposição do Joshua?

– Claro que sim.

– Eles não o convidaram?

– Oh, eles convidaram-me, sim – referiu Charles, com um riso amargo. – Convidam-me sempre para tudo agora, desde que me tornei um crítico famoso, mas eu nunca vou.

– Porque não? – quis saber Barnaby, franzindo o sobrolho.

– Houve um período em que precisei muito deles e não me acudiram – respondeu Charles, num tom bastante triste agora. – Só se interessaram por mim quando eu me tornei *alguém*, o que me parece muito pouco e demasiado tarde.

– Mas eles são a sua família – disse Barnaby.

– E vê o que a *tua* família te fez a ti – ripostou Charles, que soubera da história da terrível coisa que acontecera n'A Cadeira da Senhora Macquarie através de Vicente e Joshua Pruitt, na noite anterior. – Perguntaste como é que arranjei estas cicatrizes – acrescentou, esfregando os olhos e suspirando. – Queres mesmo saber?

– Se não se importar de me contar – pediu Barnaby, que *queria* mesmo saber.

– Não me importo de te contar – afiançou Charles. – Mas não é uma história feliz e não tem um final feliz.

– A maior parte das histórias não tem um final feliz – salientou Barnaby. – Não sei como é que minha vai terminar, mas gostaria de ouvir a sua.

CAPÍTULO 15
O fogo no estúdio

A escuridão começou a abater-se sobre a paisagem, e algumas pessoas que seguiam na carruagem ligaram os pequenos focos de luz que havia por cima das suas cabeças para poderem continuar a ler, ou desligaram-nos para tentarem dormir um pouco.

– Era apenas uma criança quando se deu a coisa terrível que me aconteceu a mim – relatou Charles, falando calmamente agora, à medida que ia recuando no tempo. – Só tinha oito anos.

– Eu tenho oito anos agora – informou Barnaby.

– Bem, então talvez compreendas o que senti. A minha mãe, que viste no jornal, tinha um estúdio fotográfico montado no último andar da nossa casa, em Brooklyn. O andar do meio era onde os meus pais, eu e a Eva vivíamos, e o rés-do-chão era onde o meu pai desenhava as suas coleções. Tanto o meu pai como a minha mãe eram pessoas muito ocupadas. Muitas vezes parecia que eles estavam no centro de tudo o que se passava na cidade. Só se davam com gente bonita: pessoas como eles, modelos com rostos perfeitos, estrelas de cinema e ícones da cultura. Essa era a versão de normal deles; a de mais ninguém. Atores, músicos, romancistas, artistas famosos, todos frequentavam diariamente a nossa casa, e só por vezes é que os meus pais reparavam que eu e a Eva também lá vivíamos.

– A sua irmã é mais velha do que o senhor? – perguntou Barnaby.

– Não, alguns anos mais nova. Ela tem quase trinta anos agora, daí a expressão de pavor na cara dela que vês aí nessa fotografia. Enfim, algumas semanas antes do meu nono aniversário, vi-me

sozinho em casa, o que era uma coisa que raramente acontecia, dado que a casa funcionava mais como o centro de um universo muito particular do que como um verdadeiro lar. Nisto, resolvi fazer uma pequena exploração. Fui até lá acima, ao estúdio da minha mãe, e comecei por espreitar as provas de contacto, pois sabia que ela tinha montes de fotografias de modelos nuas, e eu estava a começar a ficar muito interessado em fotografias de modelos nuas.

Barnaby riu-se à socapa e, nessa altura, uma das assistentes de bordo apareceu na carruagem empurrando um grande carrinho com comida e apregoando “*Pretzels! Pretzels!*” num tom bastante elevado, que acordou metade dos passageiros. Quando se abeirou de Charles, fez uma cara de espanto e avançou rapidamente, para grande pena de Barnaby, que não teria recusado uns destes pãezinhos em forma de laço. O rapaz estava a começar a aperceber-se do quão rudes algumas pessoas podiam ser quando confrontadas com alguém de aspeto um pouco diferente.

– Enfim, há uma data de equipamento num estúdio de fotografia – prosseguiu Charles, que dava a impressão de não ter reparado na reação da assistente, embora Barnaby tivesse quase a certeza de que sim. – Um número extraordinário de líquidos, poções, tinteiros, reveladores e coisas desse género. Pus-me a fazer coisas que não devia, claro, e o desastre aconteceu. Dei um encontrão num candeeiro, que caiu sobre uma pilha de rolos de fotografia e, de repente, o estúdio estava a arder.

Barnaby levou a mão à boca de espanto. Lembrava-se de como fora horrível quando a sala de aula na Academia Graveling para Crianças Indesejadas começara a arder; julgara que ia morrer – e teria morrido, se não fosse a bravura de Liam McGonagall e os seus ganchos. Durante semanas, depois disso, tivera pesadelos em que ficava preso no fogo e não era capaz de flutuar por cima dele.

– Não me lembro de muito mais coisas a seguir – relatou Charles ao fim de algum tempo, baixando os olhos na direção do colo para não olhar diretamente para Barnaby enquanto pensava naquilo que

ocorrera nessa tarde, há vinte e cinco anos. – Parece que toda a casa irrompeu completamente em chamas, segundo me disseram, mas um dos bombeiros conseguiu tirar-me de lá. Quando acordei, vi-me no hospital, na Unidade de Queimados, e com um gel horrível espalhado por todo o rosto. A minha pele ardia intensamente sob aquela substância e estava coberta com uma grossa camada de compressas. Era uma dor excruciante. Semanas mais tarde, quando já era capaz de me sentar e pude ver-me ao espelho, parecia uma múmia do Antigo Egito. Foi horrível. Para um rapaz da minha idade, era como se fosse o fim do mundo.

Barnaby pensou nas múmias de que ouvira falar na aula de História e tentou imaginar como seria ficar entrapado daquela maneira; não foi capaz.

– Estive no hospital durante meses. Quando tiraram as compressas, tinha um aspeto ainda pior do que aquele que tenho agora, porque as cicatrizes ainda não estavam fechadas. Até as enfermeiras não conseguiam olhar para mim, e estavam mais do que habituadas a lidar com vítimas de queimaduras. Por isso, seguiram-se operações atrás de operações. Fiz os nove anos no hospital e, à medida que fui crescendo, a pele da minha cara começou também a esticar, o que ainda piorou mais as coisas. Ora, os meus pais, que sempre deram importância à beleza física... bem, nem queriam acreditar no filho que tinham agora. Comecei a aperceber-me de que, apesar de me terem ido ver todos os dias de início, me iam visitando cada vez menos, até chegar ao ponto de só lá irem uma vez por semana; depois, começaram a ir à vez. A minha mãe dizia que o meu pai tinha um trabalho qualquer para entregar, ou o meu pai dizia que a minha mãe ia passar o dia inteiro a tirar fotografias a um grupo de estrelas a almoçarem juntas e a compararem penteados. A Eva nunca apareceu, exceto uma vez, em que gritou tão alto que teve de ser levada dali para fora para não incomodar os outros pacientes. Depois as visitas foram sendo substituídas por chamadas telefónicas. De seguida, comecei a

receber cartas de vez em quando. E finalmente, deixei de ouvir falar deles.

– Mas isso é horrível – disse Barnaby.

– Deixei de ser um deles, estás a ver – continuou Charles. – Era demasiado diferente. O hospital reinstalou-me num abrigo para crianças e era como se a minha família tivesse decidido que eu não existia. Por isso, na manhã em que fiz dezasseis anos, levantei-me cedo, meti tudo dentro de um saco e parti para o Canadá. Iniciei uma vida nova junto de pessoas que sabiam ver quem eu era no interior e não esta criatura queimada no exterior. Consegui progredir na vida e só quando comecei a obter reconhecimento nos mesmos círculos em que a minha família se movia é que se lembraram de entrar em contacto comigo. No ano passado, começaram até a falar de mim em entrevistas. Mas eu não lhes falo; não atendo as suas chamadas, não respondo às suas cartas e, por muito que queiram, de certeza que nunca os aceitarei como “amigos”, ou lá o que as pessoas se consideram nos computadores hoje em dia.

Barnaby contemplou novamente as fotografias da manequim – e era verdade, ela era muito bonita, mas tinha um ar miserável, como se faltasse alguma coisa na sua vida. Da mesma forma, quando virou a página para ver a imagem do senhor e da senhora Etheridge, em amena cavaqueira com o dirigente das Nações Unidas, também era perceptível uma expressão de infelicidade nos seus rostos.

– Como é que sobreviveu no Canadá? – perguntou Barnaby, que de repente se sentiu muito longe de casa e completamente sozinho. – É que, afinal de contas, não conhecia ninguém.

– Por vezes, há momentos de sorte na vida – respondeu Charles, espreitando pela janela e sorrindo perante uma recordação feliz, mais marcante do que as tristes. – Vi um anúncio de um quarto para alugar na cidade e, durante os cinco ou seis anos seguintes, acabei por viver na casa de um casal espanhol maravilhoso que dirigia um consultório veterinário a partir de um espaço contíguo à sua

habitação. Não tinham filhos e tratavam-me como se eu fosse filho deles. Não se importavam com o meu aspeto, não ligavam ao facto de eu ser diferente. Quando alguém olhava para mim na rua, vinham logo defender-me. Eram boas pessoas... Agora, olha, devíamos tentar dormir. Está a ficar tarde e ainda temos algumas horas pela frente. Estás cansado?

– Sim, estou – confessou Barnaby.

– Então, fecha os olhos e quando acordares já estarás em Toronto, a cidade mais esplendorosa do mundo.

– Na verdade, a cidade mais esplendorosa do mundo é Sydney – corrigiu Barnaby, sentindo o sono a chegar. – Mas há muita gente que se engana.

O comboio entrou na estação, no início da manhã seguinte; Charles e Barnaby acordaram e olharam em volta ensonados no preciso momento em que o revisor gritava: “Toronto! Última paragem!”

– É melhor pões isto – aconselhou Charles, esticando-se para retirar a mochila com os devidos pesos da bagageira superior.

Ignoraram Betty-Ann e a sua mãe quando saíram do comboio e atravessaram a estação, indo parar a uma rua movimentada, contentes por poderem voltar a esticar as pernas.

– Vou arranjar-te um táxi. Só tens de dizer Aeroporto Internacional – avisou Charles. – Aqui tens o bilhete. É uma longa viagem, creio, mas, pelo menos, estarás a caminho de casa.

– Não me importo – disse Barnaby. – Desde que consiga lá chegar.

– Estou curioso... – disse Charles, fazendo-lhe sinal para se sentarem num banco. – Apesar do que os teus pais te fizeram ainda queres voltar para casa?

– Sim, quero – respondeu Barnaby.

– Mas porquê, se eles te expulsaram daquela maneira?

– Porque são a minha família – disse Barnaby, com um encolher de ombros.

– A questão é que eles não te querem...

– Só que continuam a ser a minha família – repetiu Barnaby, como se fosse a coisa mais óbvia deste mundo. – Não é muito provável que venha a ter outra mãe e outro pai, pois não?

Charles acenou afirmativamente e pensou no assunto.

– E se eles te expulsarem de novo? – perguntou.

Barnaby franziu o sobrolho.

– Não sei, não pensei nisso. Só sei que eles estão em Sydney e, independentemente do que fizeram, vou continuar a querer ir para casa. Talvez me digam que estão arrependidos, e talvez sejam sinceros. Se for esse o caso, será suficiente para mim. Toda a gente comete erros, não é verdade?

Charles sorriu, mas foi incapaz de argumentar perante a lógica simples do rapaz.

– Está bem, então – disse ele, levantando-se. – Vamos lá arranjar-te um táxi. – Esticou o braço e apareceu logo um.

Barnaby entrou no veículo.

– Obrigada, mais uma vez – disse.

– Não tens de agradecer. Boa viagem.

O táxi partiu e Barnaby olhou em volta, esperando ver Charles a regressar ao escritório, mas, para sua surpresa, o amigo voltou a sentar-se e pôs-se a olhar para o telemóvel. Os seus dedos ainda vaguearam pelo aparelho durante algum tempo antes de se decidir a fazer uma chamada.

Barnaby sorriu e virou-se de novo, certo de que Charles e a sua família voltariam a reunir-se de novo, tal como ele faria com a sua.

Nesse momento, o seu coração sobressaltou-se, quando verificou que tinha a mochila, tinha os pesos, tinha o bilhete de avião... mas havia uma coisa muito importante que não tinha e de que iria certamente precisar para dar ao motorista.

– Não tenho dinheiro – disse em voz alta e, no instante seguinte, o táxi parava junto à berma e a porta abria-se, com Barnaby Rickett a ser prontamente empurrado para uma rua canadense desconhecida.

CAPÍTULO 16

A pequena goma que causou tantos problemas

Antes de Barnaby ter tempo de pensar no que fazer a seguir, viu-se arrastado por uma grande massa humana que começara a invadir a rua na sua direção. Eram centenas de pessoas, todas elas envergando camisolas azuis e brancas com um grande A no centro. Caminhou no meio delas, agarrando-se bem à mochila, enquanto passavam pela zona ribeirinha à esquerda e viravam depois à direita, acabando por entrar num enorme estádio com uma cobertura retráctil. Os adeptos foram-se dispersando pelas diferentes zonas do recinto e Barnaby encontrou um lugar vazio no extremo de uma bancada, onde se sentou a olhar para a torre imponente que se erguia ao lado do estádio e que rasgava o céu com o seu enorme pináculo.

Barnaby sempre adorara desportos, mas nunca fora a um jogo de futebol australiano – Eleanor dizia que as pessoas normais não haveriam de querer a sua tarde estragada por um rapazinho a flutuar por cima delas e a tapar-lhes a vista. Por isso, acabava sempre por ver as partidas na televisão, tentando captar o máximo da ação enquanto permanecia encostado ao seu colchão no teto da sala de estar.

O estádio começava a encher-se; Barnaby tirou um postal da mochila e começou a escrever. Ainda ia a metade quando uma família passou pela sua frente e ocupou os três lugares ao lado – um pai e uma mãe de enormes proporções, acompanhados por um rapazinho bastante magrizona que devia ter a idade de Barnaby. Os três traziam tanta comida – sacos gigantes de pipocas, uma dezena

de cachorros-quentes, litros e litros de refrigerantes, pacotes de doces e chocolates – que Barnaby temeu que pudessem vir a rebentar caso comessem aquilo tudo. Pôs o postal inacabado no bolso de trás, tentando não olhar fixamente para eles.

– Não tens nada para comer? – perguntou o rapaz sentado ao lado dele, e Barnaby abanou a cabeça.

– Não tenho dinheiro – respondeu ele.

– Olha, podes ficar com um pouco da minha comida, se quiseres – ofereceu o rapazinho, empurrando alguma na direção de Barnaby.
– Eu nunca como tudo. Os meus pais compram sempre coisas a mais. Pensam que há algo de errado comigo por ser tão magro. Bem, já agora, chamo-me Wilson Wendell.

– Eu sou o Barnaby Brocket – apresentou-se Barnaby, feliz por poder pegar num saco de pipocas, alguns cachorros-quentes, um pacote de gomas e um enorme recipiente contendo algo escuro, frio e doce que bebeu por uma palhinha e que lhe provocou uma sensação de efervescência no corpo. Na verdade, a comida era tão pesada que Barnaby concluiu que seria seguro tirar a mochila, que colocou no chão junto aos pés.

– Come a tua comida, Wilson – aconselhou a mãe do rapaz, enquanto passava com um dedo pelo fundo de um balde de pipocas para aproveitar o resto do sal.

– Daqui a pouco desapareces – advertiu o pai, lambendo a mistura de *ketchup* e mostarda que se agarrara ao invólucro do cachorro-quente.

– Eu *estou* a comer – disse Wilson, colocando uma única pipoca na boca e mastigando-a lentamente. – Odeio esta porcaria – acrescentou num suspiro, virando-se para Barnaby. – Não vão ficar felizes enquanto eu não ficar igual a eles.

– Bem, não se pode comer sempre assim – concordou Barnaby, apreciando cada bocadinho. – Mas quando se tem fome, como eu...

– Tens um sotaque curioso – observou Wilson, interrompendo-o. – O que se passa com a tua voz?

– Nada. Sou australiano.

– Tenho uma tia que vive em Melbourne – disse Wilson –, mas nunca lá estive. É verdade que lá em baixo a água na sanita circula em sentido contrário?

– Depende do que considerares ser o sentido correto, creio – deduziu Barnaby.

Wilson refletiu e depois assentiu com um pequeno ronco.

– Qual é o teu jogador de futebol favorito? – perguntou ele, ao fim de algum tempo.

– Kieren Jack – respondeu Barnaby, que vira o número quinze jogar dezenas de vezes na televisão e tinha um cartaz dele pendurado na parede do quarto. – Eu sou um grande adepto dos Sydney Swans.

– Nunca ouvi falar dele – disse Wilson. – Também nunca ouvi falar deles.

– Bem, é só o maior futebolista da história do mundo – garantiu Barnaby.

– Eu cá gosto do Cody Harper – referiu Wilson, apontando para a equipa que acabara de entrar no campo sob um forte aplauso do público. – É o melhor jogador que os Argonauts alguma vez tiveram.

– Qual deles é? – quis saber Barnaby.

– O número sete – informou Wilson. – O problema é que ele está a ter uma época muito má. Todos os adeptos querem que o dirigente o afaste. Eu não. Eu sei que ele ainda é capaz de vir a recuperar a sua antiga forma. Mas o que...?

Um grande lamento irrompeu do meio da multidão no momento em que o céu se abria e a chuva começava a cair. Ouviu-se o som forte de algo a ser manobrado, ao entrarem em ação os motores de cada lado da cobertura retráctil para a fecharem. Barnaby olhou para cima desapontado. Estava a gostar de poder contemplar a torre que se agigantava por cima deles.

– É aonde vão todos os turistas – informou Wilson, ao reparar no sítio para onde ele estava a olhar. – Vão de elevador até lá cima,

depois dirigem-se para a zona envidraçada e ficam a olhar cá para baixo para a cidade. Bem, vou comer mais uma goma – acrescentou, pegando no pacote de doces que Barnaby tinha no colo e servindo-se da goma mais pequena, a que tinha o aspeto mais delicioso. Não devia pesar mais do que um grama, mas devia ser o suficiente para segurar Barnaby, porque, mal Wilson agarrou nela, Barnaby começou logo a sentir aquela sensação familiar que impelia as suas pernas a saírem do chão.

– Esta agora – disse ele, procurando a mochila. No entanto, ou a tinha empurrado muito para baixo ou então já subira um bocado, porque não conseguiu pegar nela e não tardou a flutuar pelos ares.

– Fenomenal! – gritou Wilson, enquanto o resto do público e os jogadores que permaneciam no relvado se viravam para olhar para Barnaby.

Ignorando o rebuliço, Cody Harper marcou um golo rápido, o seu primeiro em anos, mas, como ninguém reparou, não contou. Nisto, o postal inacabado de Barnaby caiu-lhe do bolso e foi parar ao colo de Wilson.

Barnaby ouviu o rugido da multidão e acenou-lhe, mas os aplausos transformaram-se num murmúrio, pois quanto mais alto subia mais unidos iam ficando os dois lados da cobertura.

Só podiam acontecer três coisas agora.

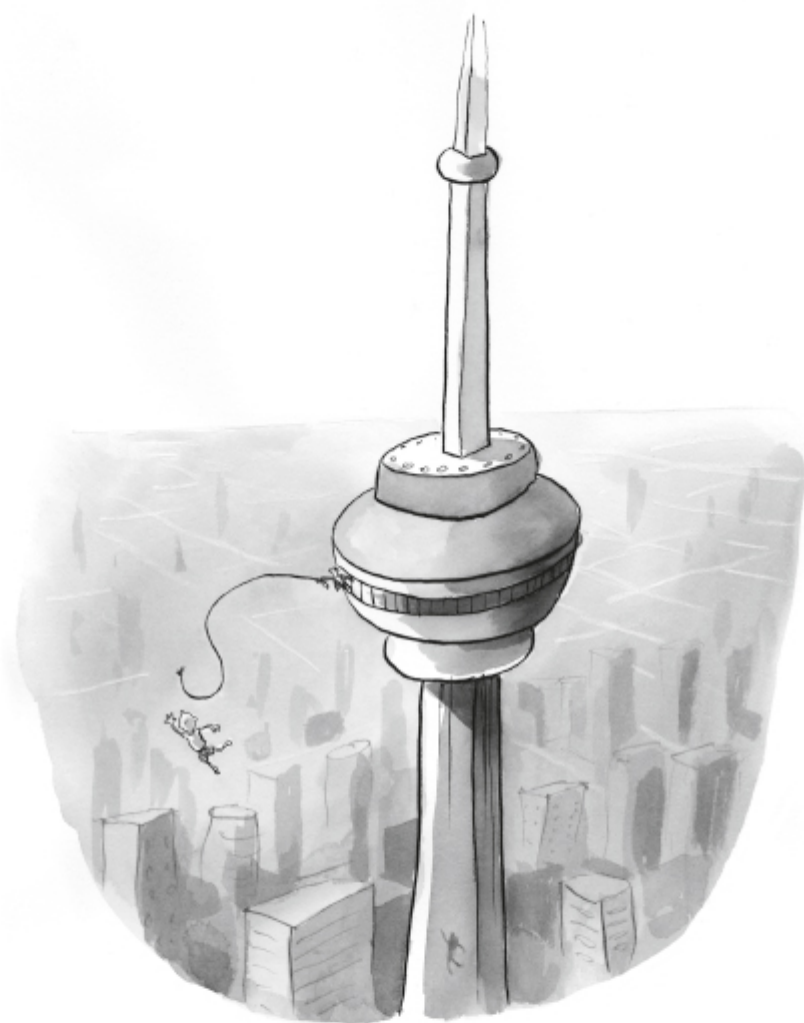
A primeira era a cúpula fechar-se antes de Barnaby chegar ao cimo. A segunda era Barnaby passar primeiro. A terceira, a pior de todas, era a estrutura fechar-se no preciso momento em que Barnaby se aproximasse e aí nada feito: seria cortado ao meio.

Infelizmente para ele, foi exatamente isso que aconteceu – mas, não se preocupem, não foi bem assim que se passou. É que, no preciso momento em que as duas metades estavam prestes a fechar-se sobre o estádio, Barnaby esgueirou-se pelo pequeno intervalo – um intervalo onde só um rapaz de oito anos poderia caber – e viu-se a olhar para a parte de cima da cúpula, com a

cobertura branca a ficar cada vez mais pequena à medida que ele se ia elevando nos céus.

– Socorro! – gritou, agitando as mãos na direção dos turistas que se encontravam na torre; estes devolveram-lhe o aceno como se fosse mais um divertimento posto à sua disposição pelo presidente da Câmara de Toronto.

Havia uma pequena plataforma de observação no topo e Barnaby reparou numa figura vestida de preto a correr pelas escadas acima e a abrir a porta; tinha na mão o que parecia ser uma cana de pesca que lançou no ar. Esta cortou o vento e Barnaby apercebeu-se de que não era nenhuma cana de pesca mas sim um chicote.



salvo pelo chicote

– Agarra-te a ele! – gritou o homem, e Barnaby desviou-se para a direita o mais que pôde para conseguir apanhá-lo, o que fez com as pontas dos dedos. Segurou-se bem ao chicote enquanto o homem o fazia passar por cima do parapeito e se sentava imediatamente sobre ele para o impedir de flutuar.

– Obrigado – agradeceu Barnaby, olhando para cima aliviado.

– De nada – disse o homem, fitando o rapaz como se pretendesse comê-lo inteiro. – Salvei-te a vida, meu rapaz; isso significa que me pertences agora.

Barnaby fitou-o surpreendido.

– Estava a brincar – retificou ele, sorrindo de uma forma bastante desagradável, e o seu tom de voz fez com que Barnaby pensasse que ele não estava nada a brincar.

Ao fim de algum tempo, o homem levantou-se, pôs o rapaz no chão e entraram juntos na torre. Barnaby sentia-se tudo menos confortável, pois o homem agarrara-lhe no braço e estava a apertá-lo com muita força, como que a impedi-lo de fugir.

– Que trauma não deve ter sido para ti – disse ele, abanando a cabeça. – Vamos beber um pouco de água, está bem?

– Eu estou bem – garantiu Barnaby, pensando em todos os aviões em Toronto que se preparavam para partir para o hemisfério sul. – É melhor ir.

– Que disparate – cortou o homem. – Para onde queres ir?

– Para casa, como é óbvio – disse Barnaby.

– E onde fica a tua casa?

– Em Sydney, na Austrália.

O homem sorriu.

– Não és de Toronto? – perguntou.

– Não. Agora, por favor largue-me o braço; está a magoar-me.

– Oh, não. Não o posso fazer – disse o homem. – Poderias flutuar outra vez e isso não pode acontecer, pois não? Já te disse, a tua vida pertence-me agora.

– Mas o senhor disse que estava a brincar.

– E continuo a brincar – disse o homem, com um sorriso desagradável. Tinha o rosto bastante pálido, o cabelo escuro e oleoso, e estava vestido com aquilo que parecia ser um *smoking* preto com umas lapelas vermelhas. Fez um movimento curioso com o pulso e o chicote que usara para apanhar Barnaby enrolou-se na perfeição antes de ele o guardar numa bolsa junto à perna.

– Porque é que anda com um chicote desses? – perguntou Barnaby.

– Faz parte do meu trabalho. Já foste ao circo, presumo...

– Não – disse Barnaby, abanando a cabeça. Alistair não o deixava ir ao circo, quando este ia a Sydney, pela mesma razão que Eleanor não o deixava ir aos jogos de futebol. – Mas já vi um na televisão.

– Bem, eu trabalho num circo, ou melhor, numa espécie de circo – explicou o homem. – É um tipo de circo muito especial. Quero dizer, não temos leões, nem tigres, nem palhaços... nada disso.

– Então que tipo de circo é? – quis saber Barnaby.

– Oh, não posso dizer! Agora... – disse ele, abrindo uma pequena garrafa de água que transportava no bolso interior do casaco e estendendo-a na direção de Barnaby. – Bebe isto, está bem? Vais sentir-te melhor depois de toda esta agitação.

– Obrigado, mas não tenho sede – disse Barnaby – e também não estou agitado.

– Bebe – voltou a ordenar o homem, e algo no seu tom fez com que Barnaby pensasse que era melhor obedecer-lhe senão estaria metido em sarilhos. Então, pegou na garrafa, levou-a aos lábios e engoliu tudo de um só trago. Sabia a água normal, mas tinha um aroma adocicado e um travo amargo. Seja como for, só podia ser água normal. – Muito bem – disse o homem, sorrindo de novo enquanto voltava a colocar a garrafa no bolso. – Agora, vamos esperar um pouco e depois podemos ir.

Barnaby acenou afirmativamente e começou a bocejar; estava a ficar cansado agora. “Vou esperar mais um pouco”, pensou.

“Depois, agradeço-lhe por ter salvado a minha vida e vou-me embora.”

Porém, enquanto pensava nisto, as pestanas começaram a ficar-lhe cada vez mais pesadas, as pernas a tremer como gelatina e a cabeça a andar à roda. Pensou que ia desmaiar e cair no chão, mas, antes que isso acontecesse, o homem pegou nele e pô-lo às cavalitas.

A última coisa que ouviu, antes de cair num sono profundo, foi a voz do homem a dizer “Saíam do caminho, o meu filho está-se a sentir mal”, enquanto descia pelas escadas da torre, desenhando círculos e círculos até Toronto desaparecer numa espécie de lugar de sonho, um lugar de onde Barnaby não poderia ser acordado mesmo que quisesse.

POST CARD

CARTE POSTALE

Querida família:

Conseguí chegar a Toronto e ainda hoje
irei apanhar um avião para Sydney, pelo
que em breve estarei em casa.
Se o meu livro "David Copperfield" já
tiver chegado, agradeceria que o pusessem
na minha cama, por favor. Não quero
que ninguém o lia e dê cabo da lombada.
Estou num jogo de futebol agora, num
estádio com a cobertura aberta, mas
parece que vai chover. Não queria
dizer-vos que

THE PHOTO-LITHING ENGINEERING CO. LTD. TORONTO



Sr. e Sra. Brockett,
Henry, Melanie
e Capitão W. E. Johns
15 Waruda Street
Kirribilli
NSW 2061
AUSTRÁLIA

CAPÍTULO 17

O postal que cheirava a frango

– Só queria dizer-nos o quê? – perguntou Henry, voltando o postal, à espera de encontrar mais alguma coisa.

– Bem, não sei – disse Melanie. – É tudo o que diz. Deve ter deixado de escrever nesse momento.

Henry franziu o sobrolho.

– Então, se deixou de escrever, porque é que o enviou? – perguntou o rapaz. – Porque é que não o acabou primeiro? Não faz qualquer sentido.

– Bem, não sei – repetiu Melanie. – Talvez não o tenha conseguido fazer por qualquer motivo.

– Como por exemplo?

– Sei lá, Henry! É um mistério. Enfim, não devíamos ter pegado sequer nesse postal. Estava todo amarrotado no caixote do lixo.

– É por isso que cheira a frango? – perguntou ele, cheirando-o um pouco antes de afastar o rosto enojado.

– Presumo que sim. Estava a deitar fora uns pacotes vazios quando o vi. Deve ter chegado esta manhã, e o pai ou a mãe deitaram-no fora.

– O que é muito estranho. Quero dizer, sempre é um postal do nosso único irmão...

– Ele não é o *meu* único irmão – salientou Melanie.

– Pois é. Bem, do *meu* único irmão. E do teu segundo irmão favorito.

– Hum – disse Melanie, franzindo um pouco sobrolho enquanto pensava no assunto. – Porque será que eles não queriam que nós o

víssemos? Bem sabem as saudades que temos dele.

Henry levantou-se e foi até junto da janela do quarto, pondo-se a olhar para baixo, para o jardim. O *Capitão W. E. Johns* estava lá fora, farejando em torno da corda da roupa onde Barnaby havia sido pendurado uma vez para apanhar sol na cara. O cão tinha andado muito desconsolado naquelas últimas semanas. Por muito que as pessoas o quisessem ajudar, era óbvio que sentia a falta do dono. Nem sequer deixava que Alistair ou Eleanor o levassem a passear, permanecendo no seu cesto até ao momento em que Henry ou Melanie regressavam a casa vindos da escola, para depois se dirigir para a porta da frente ansioso por uma corridinha.

– É tudo muito estranho – afirmou Henry, virando-se e contemplando o beliche vazio do irmão. – Ao fim e ao cabo, se aquilo que nos disseram é verdade, então porque é que não queriam que víssemos o postal? Eles sabem que estamos preocupados com ele.

– Só pode ser verdade, aquilo que nos contaram – disse Melanie, aproveitando para examinar o cabelo ao espelho. – Não foram eles que expulsaram o Barnaby. Ele tirou a mochila, foi isso. Ele estava sempre a queixar-se. No entanto, o que interessa é que está a tentar regressar a casa.

– O Canadá fica muito longe da Austrália. Estudámos isso em Geografia. Fica praticamente do outro lado do mundo.

– É muito fácil chegar a qualquer lado nos dias de hoje, com todos esses aviões que andam por aí de um lado para o outro – adiantou Melanie. – Ele poderia estar em Sydney logo à noite, se quisesse. Ele não disse que ia apanhar um avião?

– Apesar disso, sinto que não o fez.

– Também eu.

Os dois irmãos sentaram-se no beliche de Barnaby, pensando em todas as possibilidades, mas incapazes de chegarem a uma conclusão satisfatória.

– Tenho saudades dele – acabou por dizer Melanie, com um grande suspiro.

– Também eu – acrescentou Henry. – Ele não era um mau irmão, tendo em conta as circunstâncias.

– Pessoalmente, sempre gostei que ele flutuasse. Nunca pensei que isso o fizesse diferente; acho que o tornava especial.

– Toda a gente que conheço admirava-o...

– Toda a gente menos a mãe e o pai.

– Sim, eles odiavam que o fizesse – concordou Henry. – Achas que, se o Barnaby regressar, vai continuar a flutuar?

– Não vejo porque não.

– Os pais não iam ficar nada contentes.

– Talvez não se importem assim tanto se o virem de novo em casa. Devem ter saudades dele, tal como nós.

– Se têm, escondem-no muito bem.

– Oh, não digas isso, Henry.

– Bem, é verdade, não é? Bem vistas as coisas, não me parecem lá muito preocupados, pois não? Para dizer a verdade, até acho que estão felizes por ele ter desaparecido.

Dizendo isto, Henry recostou-se na cama, sentindo de imediato algo debaixo da coberta. Pôs a mão por baixo e tirou de lá o objeto volumoso que alguém ali colocara por uma questão de segurança.

David Copperfield.

– Oh! – exclamaram Henry e Melanie, entreolhando-se, surpreendidos, e perguntando-se o que aquilo queria dizer.

CAPÍTULO 18
Aberrações de circo

Quando Barnaby acordou, sentiu uma dor horrível que lhe percorria a cabeça de uma orelha à outra. Deixou-se ficar deitado, esperando voltar a adormecer, mas o chão por baixo dele não parava de subir e descer num movimento ondulatório. Quando se estirou, sentiu as mãos e os pés a tocarem num conjunto de barras e apercebeu-se, horrorizado, de que estava fechado numa espécie de jaula.

– Ele está a acordar – disse uma voz à sua esquerda, e Barnaby olhou em volta, aflito.

– Quem está aí? – perguntou ele. – Onde é que estou?

– Não te preocupes, estás seguro – proferiu uma segunda voz, e, assim que os olhos de Barnaby começaram a adaptar-se ao ambiente sombrio, viu que estava num compartimento longo e escuro sem janelas, com apenas umas lâmpadas penduradas a pouca altura para iluminar o espaço. Junto às paredes havia uma série de jaulas vazias semelhantes à sua e, sentado no chão, um pequeno grupo de pessoas olhava para ele.

– Não te assustes – tranquilizou-o um homem de meia-idade.

– Foste capturado – acrescentou uma rapariga ao lado dele.

– Quem são vocês? – perguntou Barnaby, e quando olhou melhor reparou em algo extraordinário: o homem não tinha orelhas nem nariz, mas era detentor de um belo e farfalhudo bigode, vermelho no centro e castanho nas pontas, parecendo assim exhibir em conjunto todas as cores do outono.

– Francis Delaware, ao teu dispor. – retorquiu o homem. – E tu quem és?

– Eu sou o Barnaby Brocket – apresentou-se Barnaby.

– Bem, Barnaby Brocket, meteste-te numa bela alhada, não foi? Por aquilo que eu e os meus amigos pudemos observar, parece que tens dificuldade em permanecer no chão. Trata-se de um problema com a gravidade, correto?

– Sim – disse Barnaby, encolhendo os ombros como quem pede desculpa.

– Bem, passaste a flutuar pelo homem errado – referiu um rapaz com cerca de dezasseis anos, bamboleando-se na sua direção. Barnaby olhou para ele, espantado, pois tinha um par de barbatanas no lugar dos pés. Era como um cruzamento de rapaz com pinguim. – Por favor, não fiques especado a olhar – acrescentou ele, com uma voz tristonha.

– Desculpa – disse Barnaby. –, mas nunca vi nada assim. Já agora, como é que me consegue ouvir, senhor Delaware, se não tem orelhas?

– A tua observação é tão pertinente quanto a minha – respondeu o homem. – Também te podia perguntar como fazes para flutuar. Não saberias responder, pois não?

– Não, é um mistério.

– Queres sair da jaula? – perguntou o rapaz das barbatanas, cujo nome era Jeremy, e Barnaby acenou afirmativamente. Abriram-lhe a porta para ele sair de lá de dentro e imediatamente flutuou até ao teto.

– Deve ser terrivelmente frustrante – comentou outro jovem, que estava unido pelo ombro ao seu irmão gémeo, siamês.

– Terrivelmente frustrante – repetiu o gémeo.

– Já me habituei – disse Barnaby. – Seja como for, não têm nada aqui que me faça permanecer no chão?

Francis Delaware saiu apressado e regressou pouco tempo depois com aquilo que parecia ser uma bola de ferro presa a uma

corrente.

– Isto serve? – perguntou. – Podíamos amarrá-la à tua perna.

– Perfeito – disse Barnaby, enquanto os outros se esticavam para o puxar para baixo e lhe prendiam a corrente ao tornozelo de forma que não saísse de ao pé deles. – É tudo muito confuso – prosseguiu. – Só me lembro de ter flutuado até ao cimo de uma torre, depois um homem salvou-me e fez-me beber um pouco de água.

– Não era água – afirmou a rapariga, Delilah, que de início não parecia ter nada fora do comum. – É assim que ele nos captura. Todos nós bebemos dessa tão famosa água.

– Nós? – inquiriu Barnaby. – Afinal, quem são vocês?

– Nós somos vistos como aberrações de circo – declarou Francis Delaware, muito orgulhoso de si e evidenciando uma certa indignação.

– Aberrações? – perguntou Barnaby.

– É ofensivo – disse o segundo gémeo siamês, com um ar enfurecido.

– Nem sequer é um nome adequado – acrescentou o primeiro.

Ergueu-se logo um coro de vozes, com todos eles a revelarem quão ofendidos se sentiam com o emprego daquele termo, e só foram silenciados pelo tom autoritário de uma mulher bastante bonita envergando um vestido às flores.

– Chama nos ele que o é, enfim – declarou. – Isso sobre controlo temos não mas, claro, degradante é.

– Perdão? – Barnaby pestanejou duas ou três vezes, sem saber se a mulher tinha enlouquecido ou se era ele que não tinha percebido uma única palavra do que ela dissera.

– Realmente, de início é difícil perceber a Felícia – interveio Jeremy, o rapaz de barbatanas. – Ela fala ao contrário. Tens de ouvir tudo de trás para a frente, se conseguires, ou ler de trás para a frente, quando escreve alguma coisa. Nós já nem reparamos, para dizer a verdade, pois estamos mais do que habituados à sua

maneira de falar. Só quando canta é que as palavras lhe saem normalmente.

– Então porque é que ela não canta em vez de falar? – quis saber Barnaby.

– Oh, porque canta muito mal. Deixa-nos de lágrimas nos olhos, no mau sentido. Pensa em pregos num quadro preto.

– Curtas frases usar tentarei – disse Felicia, encolhendo os ombros. – Vocês para fácil mais é assim.

– Está bem, então – assentiu Barnaby, procurando controlar o riso, embora *fosse* bastante divertido; nisto desequilibrou-se. – Porque é que o quarto está a balançar tanto? – admirou-se.

– Não é um quarto – disse Jeremy. – É uma cabina.

– Estamos num barco – informou Francis Delaware.

– Um barco? – perguntou Barnaby, surpreendido.

– Barco um – confirmou Felicia.

– E o que é que estamos a fazer num barco?

– A tentar escapar dele – disse uma voz familiar, e um rapaz da idade de Barnaby apareceu vindo de um canto escuro. Era um rapaz perfeitamente normal – nada fora do comum, a não ser dois ganchos no lugar das mãos.

– Liam McGonagall! – gritou Barnaby, ao mesmo tempo surpreendido e contente por ver o seu velho amigo da Academia Graveling para Crianças Indesejadas. Precipitou-se para o abraçar, mas a bola e a corrente eram demasiado pesadas pelo que se estatelou no chão, indo bater com o nariz nas barbatanas de Jeremy, que cheiravam a sardinhas.

– Alguém que o tire daqui – implorou Jeremy, num sussurro, corando intensamente sob a luz débil. – É terrivelmente humilhante para nós os dois.

Várias mãos e ganchos se apressaram a retirar Barnaby de cima dos seus pés.

– Olá, Barnaby – cumprimentou Liam.

– O que estás aqui a fazer? – quis saber Barnaby. – E como é que eu vim parar a um barco?

– Liam, podes contar-lhe tudo? – pediu Francis. – Desde o início, se não te importares.

O rapaz aclarou um pouco a garganta antes de começar.

– O homem que conheceste em Toronto é um dos seres mais desprezíveis que existem à face da terra.

– Sem dúvida – disse Jeremy.

– Terrível é ele, oh.

– Chama-se capitão Elias Hoseason – prosseguiu Jeremy – e, a dada altura da sua vida, foi diretor de um circo.

Nesse momento, Delilah espirrou com violência, e, ao fazê-lo, desapareceu por completo.

– Esta agora – disse uma voz, vinda do sítio onde ela estivera: na verdade, era a sua voz. – Voltou a acontecer, não foi? Alguém tem os saís de cheiro?

Francis avançou, tirou uma caixa de prata profusamente ornamentada do bolso interior do casaco, abriu-a e colocou uma pequena quantidade de pó cinzento na mão. Estendeu-a e o pó desapareceu de imediato, acompanhado por uma fungadela; depois ouviu-se outro espirro enorme e Delilah reapareceu.

– Bem – recomeçou Liam, elevando um pouco a voz agora. – Se isso aí já está resolvido... Como estava a dizer, o capitão Hoseason era diretor de um circo, mas fartou-se dos animais e começou à procura de algo mais excitante, e foi quando conheceu o Francis Delaware.

– Eu fui o primeiro – admitiu Francis.

– Como podes ver, Barnaby, o Francis não tem orelhas nem nariz, mas cheira e ouve perfeitamente. Para nós, é apenas uma característica fascinante da sua constituição física, mas para o capitão Hoseason ele era uma aberração.

– Ele pensou que as pessoas estariam dispostas a pagar para me ver – disse Francis. – E tinha razão, pois foi isso mesmo que

aconteceu. Durante uns tempos, fomos só nós os dois, o que não dava assim tanto dinheiro quanto isso, mas depois conheceu a Delilah.

– Eu fui a segunda – confirmou ela. – Ele viu o que me acontecia quando espirrava e também me capturou.

– Acontece sempre? – perguntou Barnaby.

– Sempre. É por isso que tenho sempre os sais à mão. Eu ou um dos meus amigos... Só preciso de espirrar outra vez para voltar a aparecer.

– Que peculiar – observou Barnaby.

– É a realidade dela – insistiu Jeremy, parecendo ofendido. – Por favor, não lhe chames nomes.

– Não era essa a minha intenção. Eu só...

– Importas-te de segurar os meus sais, Barnaby?

– De modo algum – disse ele, pegando neles e colocando-os no bolso.

– É a realidade dela – repetiu Jeremy, com o rosto a ficar novamente enrubescido. – Eu não suporto que lhe chamem nomes.

– Ele não a queria magoar – defendeu Liam. – Bem, onde é que eu ia? Oh, sim. Depois o capitão Hoseason encontrou o Jeremy num aquário perto de Bristol, e como podes ver...

Jeremy olhou para baixo, para as suas barbatanas, e abanou a cabeça com tristeza.

– Nós íamos ser operados para nos separarem – disse um dos gémeos siameses.

– Só que ele raptou-nos do hospital.

– Rádio de programa meu do habitual ouvinte um era ele – contou Felicia. – Casa até me-seguiu noite uma. Cabeça minha da cima para saco um atirou. Enclausurada também estava mim por dei quando.

– E tu? – perguntou Barnaby, olhando para Liam. – Como é que ele te capturou?

– Bem, depois do incêndio na Academia Graveling, eu e a minha família mudámo-nos para a Índia. O Circo de Aberrações esteve três noites no Habitat World e ele capturou-me nas imediações. Disse que eu devia estar com sede, fez-me beber a água e a seguir... – Olhou em volta e encolheu os ombros.

– A questão é que, de uma forma ou de outra, ele achava que éramos todos aberrações – referiu Francis –, e à medida que ia capturando mais e mais crianças decidiu voltar aos tempos do circo, mas com pessoas em vez de animais. Deve ter agradecido à sua estrelinha da sorte quando te viu a flutuar pelos ares. Aberrações como tu (as palavras são dele, não minhas) não aparecem todos os dias.

– Isso não é justo! – gritou Barnaby. – Eu não sou nenhuma aberração! Eu sou o Barnaby Brocket!

– Um rapaz que não obedece à lei da gravidade... – disse Delilah.
– Para o capitão Hoseason, isso faz parte da panóplia de aberrações.

Barnaby olhou em volta, incrédulo.

– Bem, o que nos vais acontecer? – perguntou. – E porque é que estamos num barco?

– Começámos a atravessar o oceano Atlântico quando tu chegaste – explicou Francis. – Estamos a caminho da Europa. Os europeus adoram uma boa aberração.

– Europa! – gritou Barnaby, tentando recriar o mapa do Mundo na sua mente. – Bem, para onde vamos na Europa?

– Creio que vamos começar pela Irlanda – afirmou um dos gémeos.

– É o primeiro país a que se chega quando vimos do outro lado – disse o outro.

– E a Irlanda fica perto de Sydney? – perguntou Barnaby.

– Bem, não propriamente – respondeu Jeremy. – Embora fique mais perto do que Toronto.

– Se tu vives em Sydney, o que é que estavas a fazer em Toronto sozinho? – quis saber Francis.

Barnaby hesitou. Ele não tinha bem a certeza se queria contar a coisa terrível que lhe acontecera n'A Cadeira da Senhora Macquarie, mas depois pensou: eles tinham sido tão honestos para com ele em relação às suas vidas desafortunadas que parecia justo falar com a mesma sinceridade. Então, contou-lhes toda a história.

– Isso é horrível – declarou Francis.

– Chocante – concordou Felicia.

– Porque é que haverias de querer regressar para junto de pessoas tão desprezíveis? – perguntou Jeremy.

– Porque é a minha casa – afirmou Barnaby, como se fosse a coisa mais óbvia deste mundo.

– Bem, odeio ser portador de más notícias – disse Liam, aproximando-se e colocando um gancho no ombro de Barnaby –, mas não vais regressar a Kirribilli tão cedo. Quando o capitão Hoseason nos captura, nunca mais nos larga. Ele prende-nos nestas jaulas antes de desembarcarmos e sermos arrastados de espetáculo em espetáculo.

– Mas somos tantos e ele é só um – observou Barnaby. – Porque é que o deixam fazer isso?

– O chicote! – exclamou Delilah, com os olhos muito abertos de pânico.

– É uma dor horrorosa – disse Francis.

– Bem, não vou ceder – insistiu Barnaby. – Não quero ser uma aberração.

– Somos todos aberrações – proferiu Jeremy.

– Não há como fugir.

– Situação da partido melhor o tirar de temos.

– A única coisa boa – concluiu Francis, batendo com um dedo no queixo com um ar pensativo – é que podemos ver o Mundo.

– Já vi o suficiente – insistiu Barnaby. – Já estive no Brasil durante uma semana, apanhei um comboio para Nova Iorque e depois outro

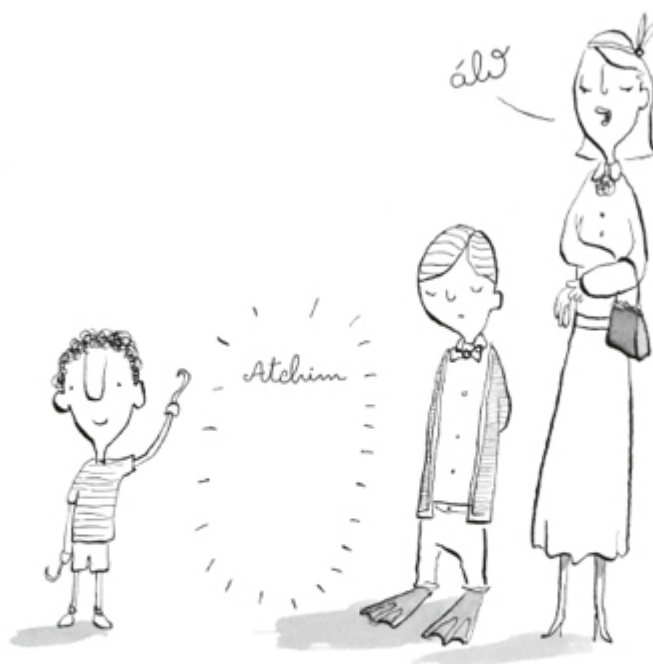
para Toronto, e agora estou a atravessar o oceano a caminho da Irlanda e...

Barnaby não teve tempo de acabar a frase, pois no preciso momento em que pronunciava a palavra “Irlanda” o barco parou subitamente e os motores silenciaram-se. O pequeno grupo reuniu-se em círculo, sustendo a respiração, e, minutos depois, ouviram o som de um cadeado a ser aberto por cima deles. A luz do dia entrou na cabina e tiveram de desviar os olhos tal fora o choque provocado pela luminosidade repentina. Quando Barnaby conseguiu voltar a olhar para cima, a única coisa que viu foi o rosto do capitão Hoseason a sorrir-lhe.

– Já vi que a Bela Adormecida acordou – ouviu-se a sua voz vinda de cima. – Agora, vão voltar para as vossas jaulas e fechar as portas como boas aberrações que são ou tenho de ir aí resolver o assunto?



um grupo estranho



de amigos

CAPÍTULO 19
Liberdade para todos

No porto de Dun Laoire, em Dublin, eram visíveis duas longas barreiras erigidas de cada lado da estrada. À esquerda, uma multidão de cerca de duas centenas de pessoas, todas elas interessadas nas aberrações, esperava para ver as extraordinárias criaturas que tinham atravessado o oceano. Do lado oposto, havia um grupo muito mais pequeno, com um quarto do tamanho, talvez, composto essencialmente por estudantes agitando cartazes no ar.

“LIBERTEM AS ABERRAÇÕES!”, ordenava um.

“A IRLANDA DIZ NÃO À CAPTURA DE ABERRAÇÕES!”, dizia um segundo.

“PAREM DE LHES CHAMAR ABERRAÇÕES; SÃO APENAS PESSOAS COMO TU E EU, APESAR DE TEREM ALGUMAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS LIGEIRAMENTE DIFERENTES E, NUM DOS CASOS, UMA MANEIRA DE FALAR BASTANTE INVULGAR”, apregoava um terceiro, empunhado por um rapaz que parecia não ter percebido como tirar melhor partido do seu protesto.

Ambos os grupos permaneceram em silêncio quando uma porta no convés se abriu e o capitão Hoseason apareceu, resplandecente, na sua indumentária de diretor de circo, com um chapéu preto fúnebre na cabeça e o chicote cuidadosamente guardado na bolsa lateral.

Assim que pôs os pés em terra firme, indicou que a Gardaí, a polícia irlandesa, iria permitir a presença de um repórter de televisão, bem como do operador de câmara, no decorrer de uma pequena entrevista.

– Capitão Hoseason – disse uma mulher primorosamente vestida, colocando um microfone entre eles. – Miriam O’Callaghan, da RTE.

Há uma grande multidão reunida aqui hoje em protesto contra o que consideram ser o encarceramento forçado de aberrações. Como responde a esta acusação?

– Com uma resposta sarcástica, claro – retorquiu o capitão, sorrindo-lhe –, mas permita-me apenas um aparte para destacar a sua extraordinária beleza. Agora, respondendo à sua pergunta, a verdade é que não me parece que se trate de uma grande multidão, minha senhora. Uma enorme multidão é aquela que se irá reunir para ver as nossas maravilhosas atuações ao longo da próxima semana. Essa multidão irá pôr esta a um canto.

– Há muitas pessoas que acham esta forma de servidão forçada completamente inaceitável – continuou Miriam. – Tem alguma coisa a dizer aos seus opositores?

– Faço questão de nunca dar ouvidos aos meus opositores – proferiu o capitão Hoseason, abrindo os braços num gesto magnânimo. – Provocam-me indigestões.

– Mas todos estes estudantes que optaram por vir até aqui em vez de ficarem em casa a estudar...

– Minha cara senhora O’Callaghan, acha realmente que era o que eles estariam a fazer caso não estivessem aqui? Sejam os honestos, se não fosse contra mim, estariam a protestar contra outra coisa qualquer: a última guerra, o preço do álcool, o direito de voto das mulheres, ou algo do género.

– Capitão Hoseason, aqui na Irlanda as mulheres já votam há muito tempo.

– Ah, sim? Que nação progressista a vossa.

– Não tem nenhuma mensagem para toda esta gente que quer a libertação das aberrações?

– Na verdade, tenho seis palavras – replicou o capitão Hoseason, com um sorriso. – Só por cima do meu cadáver. E tenho um novo espécime magnífico que capturei em Toronto, na semana passada. Um miúdo muito interessante: não obedece à lei da gravidade.

– Os rapazes podem ser terrivelmente desobedientes às vezes – gritou uma mulher por detrás das barreiras de segurança, olhando para baixo para o seu próprio filho, que a fitou com uma expressão de ira no rosto. – Podem ser uma praga.

– Pois podem, minha senhora – respondeu o capitão Hoseason. – Pois podem. Mas, felizmente, este rapaz é mantido numa jaula pelo que o público estará em perfeita segurança. E apenas por uma centena dos vossos euros desvalorizados poderão vê-lo durante quatro noites na vossa capital, Dublin, e mais três em Skibbereen, no condado de Cork. Consultem a imprensa para saber mais pormenores. Até lá, senhoras e senhores, desejo-vos um bom dia.

Dizendo isto, dirigiu-se para a parte da frente de um camião no momento em que a última jaula era colocada nas traseiras – só que, antes de subir para o veículo, um homem idoso precipitou-se na sua direção para lhe apertar a mão, envolvendo-o num forte abraço, e foram precisos três polícias para o afastarem. Um pouco abalado, o capitão Hoseason recompôs-se e partiu para a tarde de Dublin.

– Parece que havia ali um grupo de pessoas do nosso lado – constatou Francis, enquanto o camião atravessava a cidade.

– Eles não nos podem salvar – afirmou Liam. – Ninguém pode.

– Este homem é um monstro – reconheceu Delilah.

– Desprezível tirano um – desferiu Felicia.

Trinta minutos depois, o camião parou e as portas de trás abriram-se. Havia um grupo de homens à espera deles, trajados com polos vermelho-vivo e umas calças amarelas de algodão macio. Os homens transportaram as jaulas para uma unidade móvel especialmente construída para o efeito e depois puseram-se a observar, com algum interesse, cada uma das aberrações – especialmente Jeremy, o rapaz com barbatanas em vez de pés.

– Deves ser um grande nadador – observou um deles.

– A tua observação tem tanto de ignorante quanto de insensível – respondeu Jeremy.

– E tu deves ser a nova aquisição – disse outro, olhando para Barnaby, encostado à parte de cima da jaula. – Olha para ti, estás a flutuar!

Barnaby olhou fixamente para ele e pensou em momentos mais felizes, como o dia em que o *Capitão W. E. Johns* conseguiu ludibriar Henry e marcar um golo no jardim das traseiras.

– Ah, não estejas triste – disse o homem. – Arranjámos uma coisa especial para ti, só para ti.

Dentro da unidade móvel, Barnaby ficou espantado por ver que havia um colchão preso ao teto a um canto, tal como Alistair fizera quando ele era bebé. A visão do colchão foi suficiente para que ele desejasse ainda mais regressar a casa.

– É um colchão médio *David Jones Bellissimo*? – perguntou ele, esperançoso.

– Não, é da linha económica da Argos – respondeu o homem, tirando o rapaz da jaula –, mas deve servir.

– Que lugar curioso – observou Francis, quando ficaram sozinhos, contemplando a mansão onde vivia o Presidente da Irlanda.

– Olhem para ali – chamou Delilah, apontando para uma tenda montada no centro do parque, junto da qual sobressaía uma tabuleta onde se podia ler “CIRCO DE ABERRAÇÕES”. Estava rodeada de caricaturas de vários indivíduos com aspeto estranho, dificilmente identificáveis com as pessoas atualmente enjauladas. – É onde nos irão apresentar como... como...

– Como aberrações – completou Jeremy, sentando-se a um canto e enterrando o rosto nas barbatanas.

Contudo, mais tarde nessa noite, depois do jantar, algo de inesperado aconteceu. O capitão Hoseason fora convidado para jantar com o Presidente, que tencionava dar-lhe um duro sermão em duas línguas sobre o modo como desaprovava o que ele andava a fazer, e as aberrações ficaram reunidas num canto da sala a jogar às cartas, com Barnaby a observar tudo de cima e a tentar não gritar quando via alguém com uma boa mão. Foi no meio de um jogo de

póquer que ouviram o curioso som de algo a ser raspado junto ao buraco da fechadura.

– O que é isto? – perguntou Jeremy, assustado.

Regressaram às suas jaulas sempre com aquele ruído de fundo, até que finalmente a fechadura cedeu e a porta se abriu para revelar um homem idoso – o mesmo que se atirara para cima do capitão Hoseason à saída do porto.

– Caramba! – gritou o homem, triunfante. – Consegui!

– Quem é o senhor? – perguntou Liam McGonagall.

– Chiu, falem baixo – aconselhou ele, espreitando através da porta e olhando em volta com algum nervosismo. – Estão todos aqui?

– Todos *quem*? – perguntou Barnaby.

– Todos os que pertencem ao espetáculo. Todas as “aberrações” – acrescentou, parecendo um pouco embaraçado ao pronunciar a palavra.

– Não pense que vamos atuar para o senhor agora, se é isso que estava à espera – disse o primeiro gêmeo siamês.

– Pague amanhã à noite, como toda a gente – disse o segundo.

– Eu não quero ver o espetáculo – disse o homem. – Quero libertar-vos.

– Libertar-nos? – perguntou Jeremy, batendo as barbatanas.

– Nos-libertar? – perguntou também Felicia, levando as mãos à boca de felicidade.

– Li várias coisas sobre vocês na imprensa – esclareceu o homem. – “Caramba!”, disse para mim mesmo. “Isto é completamente errado. Ninguém deveria ser mantido em cativeiro desta maneira.” Precisam de ir para casa para junto das vossas famílias. Mas temos de falar baixo: deve haver seguranças por perto, e não podemos deixar que nos ouçam.

– Há meia dúzia deles lá fora – avisou Jeremy. – Estão ali desde que chegámos esta tarde.

– Bem, esses já lá não estão... – respondeu o homem, rindo-se abertamente e mostrando-lhes uma garrafa vazia, a mesma que o capitão Hoseason oferecera a Barnaby quando o levara para dentro da torre de Toronto. – Roubei a garrafa àquele miserável! Depois dei um pouco desta água aos guardas. Parece-me que vão ficar a dormir durante o resto da noite...

– Conseguiu que eles bebessem todos dessa garrafinha? – perguntou Francis, surpreendido.

– Não, comprei uma grande caixa de *doughnuts* e salpiquei-os com esta água – explicou.

– Não é água – esclareceu Barnaby.

– Bem, seja o que for. A questão é que eles estão a dormir profundamente e, se vocês quiserem sair deste lugar, esta é a vossa oportunidade. Querem ir para casa, não querem?

– Eu quero – apressou-se a dizer Barnaby. – Estou a tentar voltar para Sydney.

– Vamos deixar a conversa para mais tarde – retorquiu o homem.

– Temos de nos despachar.

Nisto, abriu a porta e olhou para a esquerda e para a direita.

– É melhor podes-te às minhas cavalitas – disse a Barnaby. – Não podemos deixar que flutues. Quanto aos outros, sigam-me.

Barnaby fez o que lhe propuseram e, minutos depois, a trupe inteira estava já a atravessar o Phoenix Park sob o luar. Dois veados surgiram e ficaram a olhar para eles, confusos com as barbatanas, os ganchos e, dado o muito pólen que havia no ar, a rapariga que não parava de aparecer e desaparecer por alguns segundos, mas depois limitaram-se a baixar os chifres e a partir na direção oposta.



escapando

Ao longe, estacionada à beira da estrada, havia uma pequena frota de carros e motos.

– Comprei tudo esta manhã – afirmou o homem, rindo-se para si mesmo. – Caramba, tenho tanto dinheiro que não constituiu qualquer problema. Os estudantes vão levar cada um de vocês numa direção diferente, por isso é melhor despedirem-se agora. Desta maneira, será mais difícil encontrarem-vos. Eles irão conduzir-vos a terminais rodoviários, estações de comboio, aeroportos e portos. Se viajassem juntos, iriam destacar-se no meio da multidão.

Na opinião de Barnaby, todavia, fora precisamente isso que os colocara naquela situação em primeiro lugar.

Os amigos despediram-se uns dos outros, prometendo dar notícias assim que chegassem ao sítio que pretendiam. Alguns deles encontravam-se juntos há tanto tempo que, apesar de estarem desejosos de ir para casa, estavam muito preocupados por deixarem os outros para trás.

– Foi bom voltar a ver-te – disse Liam McGonagall, estendendo o gancho a Barnaby, que o apertou calorosamente.

– Para onde vais?

– Para a Índia, se lá conseguir chegar.

– Espero que nos voltemos a encontrar.

– Bem, não esperávamos encontrar-nos desta vez, por isso nunca se sabe. Boa viagem, Barnaby!

Todos se apressaram a partir até só restarem duas pessoas junto à última mota.

– Ainda não me disse como é que se chamava – disse Barnaby ao homem que os tinha salvado.

– Stanley Grout – apresentou-se ele. – E é melhor segurares-te com força ou ainda saís disparado para o céu noturno. Estas motos andam muito depressa, sabias?

Barnaby fez o que Stanley lhe pediu e agarrou-se a ele com força.

– Para onde vamos? – gritou-lhe ao ouvido, quando partiram.

– Para o aeroporto – berrou o homem de volta.

Vinte minutos depois, abandonavam a mota no parque de estacionamento.

– Já tenho comigo os bilhetes – disse Stanley.

– Para Sydney?

– Não, lamento. Não me lembrei de que era esse o teu destino. Estou a caminho de África, por isso parece que vais ter de vir comigo. Seja como for, podes ir de lá para a Austrália, assim que chegarmos.

Isto era o suficiente para Barnaby. Subiram pelas escadas rolantes e dirigiram-se para a zona das partidas, com Barnaby a ser transportado novamente às costas de Stanley, pois não tinha outra forma de permanecer no chão.

– Estou demasiado velho para isto – queixou-se Stanley, pouco depois, pousando o rapaz. – Como vamos evitar que flutues?

– As mochilas cheias de objetos pesados são o melhor – explicou Barnaby. – Ponho-as às costas e assim não flutuo.

– Muito bem – disse Stanley, dirigindo-se à zona das lojas, onde comprou uma mochila e oito garrafas de água de litro que enfiaram lá dentro antes de Barnaby a pôr às costas. Alguns minutos depois, Barnaby e Stanley estavam já na ponte de acesso ao avião, com os cartões de embarque na mão. Sentaram-se nos seus lugares e depressa adormeceram. Quando voltaram a acordar, já estavam em África.

CAPÍTULO 20

A lista de desejos de Stanley

– Seis meses – revelou Stanley, na tarde seguinte, enquanto se dirigiam para o rio Zambeze, onde o velho tinha um encontro marcado para o meio-dia em ponto. – Parece-te muito tempo?

– Muito tempo – disse Barnaby, que, vendo bem, só tinha oito anos, pelo que seis meses correspondiam a um dezasseis avos da sua vida até agora.

– É um piscar de olhos – respondeu Stanley –, mas é tudo o que me resta.

Barnaby ficou a olhar para ele, sem saber se o velho queria dizer aquilo que ele pensava que ele queria dizer.

– Vai morrer? – perguntou, hesitante.

– É verdade. Há dois meses, os médicos deram-me oito meses de vida, pelo que me devem restar seis agora. Andava com umas dores de cabeça horríveis, estás a ver, por isso fui fazer exames e eles disseram que não podiam fazer nada por mim. Disseram-me que tinha os dias contados. E eu respondi: “Bem, sendo assim, caramba, vou viver como sempre quis viver antes de morrer.”

– Foi o que o levou à Irlanda?

– Por assim dizer. Passei toda a minha vida a trabalhar. Criei uma das maiores empresas na América. Nunca tirei um dia de férias. Nunca fiz nada do que quis. Estive sempre concentrado em dar o máximo, em ser o número um, em ficar mais rico do que todos os outros. Por isso, quando soube que tinha os dias contados, pensei: “Se não fizer nada por mim agora, então nunca o farei.” Elaborei uma lista, na qual fui riscando as coisas que ia fazendo, uma a uma.

A minha família é originária da Irlanda, e nunca mais lá tinha voltado, razão pela qual me encontrava lá na semana passada. Quando vi esse circo de aberrações, digo-te Barnaby, ia morrendo de fúria pela forma como vocês estavam a ser tratados e jurei que vos salvaria. E foi o que fiz! Mas não é tudo. Ao longo dos últimos meses, andei a fazer mergulho na Grande Barreira de Coral, atravessei as cataratas do Niágara sobre uma corda, fiz *rape/* numa das Torres Petronas em Kuala Lumpur e participei numa largada de touros em Espanha. E agora estou a caminho, aliás, estamos a caminho, da Ponte das Cataratas Vitória para o maior salto de *bungee jumping* do mundo. Depois disso, tenciono saltar de paraquedas. O que achas de tudo isto? Pareço-te maluco?

– Claro que não!

Stanley sorriu e abanou a cabeça.

– Gostava que toda a gente tivesse uma mente assim tão aberta – reconheceu ele. – A minha família diz que eu estou gagá... completamente senil... mais fora de mim do que um coioote à solta num galinheiro. Até tentaram enfiar-me num sítio qualquer. Aqui estou eu com apenas alguns meses de vida e querem que eu passe os meus últimos dias num lar horrível a darem-me banho na cama todos os dias. O que é isso para quem tem os dias contados? Disse-lhes “Caramba, deixem-me gozar a vida à minha maneira”, mas eles não aceitaram. Julgam que não é normal fazer este tipo de coisas na minha idade. “O que é normal?”, perguntei-lhes. “Isto!”, responderam, indicando as suas próprias vidas miseráveis. Então, pus-me a mexer. Se me apanharem, estou feito!

– Mas não sente a falta deles? – perguntou Barnaby. – Sempre são a sua família.

– É claro que sinto a falta deles – confessou Stanley. – Sinto a falta deles a toda a hora. Mas passei a minha vida enfiado num fato de três peças. Fiz o que esperavam de mim. Esmaguei os meus concorrentes e levei a melhor sobre os meus rivais. E sabes de uma coisa? Não apreciei um único minuto. Já estes dois últimos meses

foram de puro prazer. Todos os dias. Agora olha para a frente, Barnaby, meu rapaz. Já chegámos.

Encontravam-se junto de um desfiladeiro profundo no lado zambiano do rio. À sua frente estendia-se a Ponte das Cataratas Vitória, uma magnífica construção em aço brilhante no centro da qual se situava a plataforma de onde os praticantes de *bungee jumping* se lançavam. Dirigiram-se para a plataforma, onde um grupo de voluntários se preparava para ajudar a apertar os arneses. Olharam para o velho e para o rapaz e cofiaram as barbas.

– Não me digam que sou demasiado velho! – desferiu Stanley, fitando-os com um olhar tão inflexível quanto a ponte em que se encontravam.

– E não me digam que sou demasiado novo! – acrescentou Barnaby, que não ia deixar escapar esta aventura.

Os assistentes do salto encolheram os ombros e enrolaram as cordas em torno das pernas do velho, enquanto Barnaby permanecia agarrado à parte lateral da ponte para não flutuar.

– Aqui vou eu – disse Stanley, enquanto saltava da plataforma e caía cento e onze metros na ravina, aproximando-se de tal maneira das rochas e do rio em baixo que Barnaby quase gritou horrorizado; uns segundos depois voltou a subir, desceu, subiu, desceu, subiu, desceu, vezes sem conta, até que se deixou ficar a balançar no ar, para depois ser arrastado até ao sítio de onde partira.

– Caramba! – gritou Stanley exultante, tirando os óculos. O seu cabelo ralo espalhara-se em ângulos extraordinários, o que lhe dava um aspeto um pouco demente. – Se os meus filhos pudessem ver como me estou a divertir, iam compreender. E tu, Barnaby? Queres experimentar?

– Claro que sim! – gritou Barnaby, permitindo que os voluntários amarrassem a corda à sua volta. Aproximou-se da beira da plataforma, olhou para baixo, respirou fundo e saltou: contudo, só desceu alguns metros; depois começou a elevar-se outra vez até a corda ficar esticada na direção das nuvens, com Barnaby na

extremidade a olhar para baixo em vez de se precipitar no fundo do desfiladeiro.

– Devíamos ter previsto isto – disse o velho, virando-se para explicar tudo às pessoas atónitas na plataforma. – O miúdo não obedece à lei da gravidade. É melhor puxarem-no de volta.

Alguns minutos depois, Barnaby estava de regresso e Stanley deu-lhe a sua própria mochila para ele transportar, já que continha material de viagem em quantidade suficiente para o manter firme no chão.

– Desculpa, Barnaby – disse ele –, mas não creio que este tipo de salto seja o ideal para ti. Talvez tenhas melhor sorte com o paraquedas.

Um avião privado estava à espera deles numa pista vizinha, e lá partiram para os céus enquanto os instrutores lhes punham os paraquedas nas costas.

– Esta é que vai ser – comentou Stanley, esfregando as mãos de contente enquanto atravessavam as nuvens. – A penúltima coisa da minha lista. Uma vez realizada, só me resta mais uma. Estás pronto, Barnaby?

– Pronto! – respondeu Barnaby, e saltaram com um intervalo de segundos entre um e o outro.

Stanley deslocou-se através do ar, dirigindo-se para terra e puxando a corda do paraquedas no momento certo. Barnaby, contudo, caiu apenas durante uns dez segundos antes de começar a flutuar de novo, pelo que o avião se pôs a circundá-lo de porta aberta para ele poder entrar lá dentro.

– Também não creio que o paraquedismo seja o ideal para mim – disse o rapaz a Stanley, quando aterraram sãos e salvos.

– Caramba, filho, pelo menos tentaste – retorquiu o velho.

Nessa noite, cansados das aventuras do dia, Barnaby e Stanley embrenharam-se numa floresta e procuraram uma clareira.

– Quando era criança – contou Stanley, enquanto caminhavam juntos – queria imenso acampar e dormir ao relento, mas o meu pai,

um homem de comboios, tinha de trabalhar arduamente para pôr comida na mesa, por isso nunca tive essa oportunidade. Então, quando fui pai decidi que ia levar os meus filhos a acampar um dia, mas o trabalho interpôs-se sempre. Foi um grande erro da minha parte. Por isso, aqui está ela, Barnaby, a última coisa da minha lista: acampar debaixo das estrelas. Seria bom que o meu pai estivesse aqui para poder partilhar este momento comigo, ou o meu filho, mas o primeiro há muito que se foi e o outro só pensa em enfiar-me num sítio qualquer. Sendo assim, sou só eu e tu. O que dizes? Alinhas?

Barnaby sorriu e acenou com a cabeça alegremente. Transportava um terceiro paraquedas ainda por abrir, que o piloto lhe tinha dado; era tão pesado que não só o mantinha firme no chão como lhe dificultava o andar.

Não tardaram muito a encontrar um lugar confortável para passar a noite e, depois de terem estendido umas tantas esteiras impermeáveis no solo, deitaram-se, ficando a olhar para as estrelas. Eram as mesmas estrelas, pensou Barnaby, para as quais o *Capitão W. E. Johns* deveria estar a olhar naquele momento, se estivesse no jardim das traseiras a tratar da sua vida.

– Vai mesmo regressar à sua família amanhã? – perguntou Barnaby, quando se preparava para adormecer.

– Tem de ser – respondeu o velho, parecendo um pouco triste mas resignado perante o inevitável. – Fiz tudo o que queria e, quando chegar o momento de partir, prefiro ir com as pessoas que amo ao meu lado do que num país que não conheço, sozinho. Eles ficarão contentes por me verem de novo, mas não vão compreender porque é que tive de fazer todas estas coisas. Sinto-me feliz, agora, e quantas pessoas estarão em condições de poder dizer o mesmo no final das suas vidas?

Barnaby refletiu sobre o assunto enquanto adormecia, e estava tão cansado que nem sequer sentiu uma raposa a aproximar-se, do meio das árvores, raposa essa que roeu as cordas do paraquedas para o arrastar para o interior da floresta, no que se revelou ser uma

busca por comida infrutífera. Barnaby também não reparou quando se ergueu do chão e passou ao lado das árvores para depois flutuar no céu noturno, vazio agora, tirando uma ou outra estrela e a Lua à distância.

Barnaby flutuou adormecido durante muito tempo e, quando finalmente voltou a abrir os olhos, ficou surpreso por ver que já não estava deitado no solo. Na verdade, nem sequer conseguia ver a clareira, ou Stanley, ou as árvores em redor. Quando olhou para baixo, descortinou os rios e as cadeias montanhosas por onde haviam passado antes, e depois flutuou um pouco mais e apercebeu-se de que a forma para onde estava a olhar era o contorno do continente africano, muito maior do que pensava em comparação com outros continentes – maior do que era normalmente mostrado nos mapas –, com o Atlântico Sul a deslizar à sua esquerda. Olhou mais para nordeste, na direção da grande massa que era o continente asiático, e pensou que devido ao movimento de rotação da Terra poderia ser capaz de reconhecer a forma familiar da Austrália.

“Mas como conseguirei descer até lá?”, perguntou-se. Nunca flutuara tão alto – havia sempre alguém para o socorrer, ou algo onde batia com a cabeça, impedindo-o de flutuar. Agora era apenas um rapaz de oito anos a escapar-se do planeta Terra para a obscuridade do céu noturno e dos mistérios do além.

“Nunca mais vou voltar a casa”, pensou Barnaby, sentindo as lágrimas a virem-lhe aos olhos. “E nunca mais terei aventuras.”

De seguida, olhando para a escuridão, pensou ter visto um pequeno ponto branco à distância, na direção que ele seguia. Pestanejou e bocejou, pois a atmosfera era tão diferente ali que era difícil manter-se acordado, e especulou se estaria a ir na direção de uma estrela e, se assim fosse, se deveria ficar preocupado, pois lera algures que eram feitas de fogo branco: se colidisse com alguma, ficaria estorricado num instante. A verdade é que não podia fazer nada em relação a isso. Continuou a flutuar na direção do ponto

branco, que se desdobrou em dois, um deles consideravelmente maior do que o outro, mas ligados por aquilo que parecia ser uma longa corda branca.

Acenou com os braços, sentindo as pestanas a ficarem cada vez mais pesadas e o corpo a pedir sono, mas ainda conseguiu ver o ponto branco mais pequeno a virar-se para ele e acenar de volta. “Um astronauta!”, pensou Barnaby, ensonado. “Uma nave espacial!”

Os seus olhos fecharam-se de vez, e a última coisa que sentiu antes de perder a consciência foi um enorme par de braços a envolverem-no e a arrastarem-no através da atmosfera para a segurança da nave que planava em frente.



perdido no espaço

CAPÍTULO 21

Vinte mil léguas acima da Terra

Barnaby acordou quando caiu no chão, sobre um tapete de borracha. Abriu os olhos e olhou em volta, com o coração a bater um pouco mais depressa quando se deu conta de seis extraterrestres a olharem para ele.

– Porque estás assustado? – perguntou o primeiro, que se parecia exatamente com um homem japonês, só que não era um homem japonês, claro; era um extraterrestre.

– Porque resolveram assumir identidades humanas para me porem mais à vontade – respondeu Barnaby, recuando na cabina da nave –, e agora vão comer-me.

– Comê-lo? – perguntou uma extraterrestre bastante elegante, com o seu cabelo preto, curto e com franja, lábios pintados de vermelho e um sotaque francês. – Ele disse comê-lo? Oh, por favor, eu sou vegetariana.

– Quem és tu? – perguntou uma terceira pessoa, desta vez um jovem extraterrestre com um sotaque polaco.

– Eu sou o Barnaby Brocket – respondeu Barnaby.

– Eu sou o George Abercrombie, e nenhum de nós é um extraterrestre, devo dizer-te. Posso apresentar-te a Dominique Sauvet? – acrescentou, apontando com a cabeça na direção da francesa.

– Olá – cumprimentou ela.

– Este é o Naoki Takahashi – continuou, apontando para o primeiro homem, que rapidamente fez uma vénia, dobrando-se pela cintura, antes de se voltar a erguer. – E este aqui é o Matthias

Kuznik – prosseguiu George, e um loiro alto aproximou-se com um sorriso simpático no rosto.

– Prazer em conhecer-te – cumprimentou Matthias, antes de se virar para George de uma forma um pouco apreensiva, abanando a cabeça. – Não era melhor termos cuidado? – perguntou. – Não sabemos quem ele é ou o que é.

– Não te preocupes, Matthias. Tenho a certeza de que ele é perfeitamente seguro. É apenas uma criança.

– Já tenho *oito* anos – salientou Barnaby, ofendido.

– E aqueles dois ali – concluiu George, ignorando a interrupção –, sentados na nossa área de lazer, são o Calvin Diggler...

– *Yo* – disse Calvin, acenando com a cabeça enquanto mastigava um *pretzel*.

– O Calvin vem do outro lado do lago – informou George, como quem pede desculpa. – Terás de perdoar os seus modos, ou melhor, o facto de não os ter.

Barnaby olhou em volta.

– Que lago? – perguntou, franzindo o sobrolho. – Não estou a ver nenhum lago.

– Não é um lago, no sentido literal – esclareceu George. – É o lago! O oceano Atlântico. O Calvin é um dos nossos primos americanos.

– Oh, estou a ver – disse Barnaby. – São todos primos, então?

– Não – corrigiu George, confuso. – Nenhum de nós é primo de ninguém.

– Mas acabou de dizer...

– Não queria dizer primo, no sentido literal.

Barnaby olhou-o fixamente e depois virou-se para Matthias Kuznik com uma expressão inquiridora.

– Porque é que ele não diz nada no sentido literal?

– Porque ele é inglês – explicou Matthias.

– Sim, bem, se me deixarem acabar... – continuou George. – O último membro da nossa equipa é a pequena poldra sentada ao lado

do Calvin.

– George! – exclamou a mulher, desviando os olhos do livro que estava a ler. – Quantas vezes já te pedi para não te referires a mim em termos equídeos?

– Desculpa, minha joia – disse ele. – Não a faças exasperar, Barnaby, porta-te bem. Olha que a gata tem garras.

– Ela é uma poldra e uma gata?

– Posso ser tudo o que tu quiseses, querido – afirmou a mulher, cujo nome era Wilhelmina White, piscando-lhe o olho.

Barnaby corou da cabeça aos pés e não sabia para onde olhar. Quando se recompôs, contudo, apercebeu-se de algo familiar na voz dela.

– Por acaso é australiana? – perguntou ele, olhando-a de lado.

– Perto. Sou da Nova Zelândia. Já lá estiveste?

– Não, mas eu sou de Sydney – informou Barnaby.

– Estás muito longe de Sydney aqui – observou George Abercrombie. – Devo dizer-te que ficámos um pouco surpreendidos quando te vimos a flutuar lá fora. Não há muita gente a visitar a *Zéla IV-19*.

– O que é a *Zéla IV-19*? – perguntou Barnaby.

– A nossa nave espacial – respondeu Naoki Takahashi.

– Que tal contares-nos o que andavas por ali a fazer? – propôs George. – Peço imenso desculpa, claro, por te estar a confrontar desta maneira, mas sejamos francos: não é todos os dias que um garoto de oito anos aparece a flutuar vindo do espaço e acusa um tipo de ser extraterrestre quando se é tudo menos isso.

Barnaby fitou-o com atenção, pestanejou por diversas vezes, e depois olhou em volta para os outros membros da tripulação.

– Catorze meses – proferiu lentamente Calvin Diggler da área de lazer. – Há catorze meses que andamos a ouvir isto. É melhor habituares-te, miúdo, se tencionas ficar por aqui.

– Calma aí – replicou George. – Um tipo só quer saber o que se passa, é tudo.

– É uma longa história – disse Barnaby.

– Bem, não temos pressa.

– Está bem, então – retorquiu o rapaz, começando pelo início. Assim, nas horas que se seguiram, enquanto se sentavam para tomar uma refeição composta por uma sopa de tomate fria servida em recipientes de aço inoxidável e por cinco tabletes quadradas de comida, cada uma delas com uma cor diferente (uma sabia a frango assado, outra a puré de batata, a terceira a cenouras, a quarta a ervilhas desenxabidas e a quinta a um delicioso pudim *flan*), Barnaby contou-lhes a história da sua vida, desde os primeiros tempos em Sydney até à coisa terrível que acontecera n'A Cadeira da Senhora Macquarie, e, de seguida, a história do último mês e as extraordinárias personagens que conhecera ao longo do caminho.

– Que história, hem! – exclamou Calvin. – Estás à espera de que acreditemos nela?

– É a verdade – insistiu Barnaby.

– Então porque é que não estás a flutuar aqui dentro?

Barnaby pensou um pouco. Realmente, não flutuava desde que acordara na nave. Os seus pés mantinham-se assentes no chão como os de toda a gente, sem nada em particular que o sustivesse ali dentro.

– Não sei – disse, franzindo o sobrolho. – Não compreendo. Juro que nos outros sítios começo logo a flutuar.

Levantou-se e deambulou pela cabina, aguardando por essa sensação tão familiar, mas ela não surgiu. Era muito estranho ser capaz de andar daquela maneira sem ir parar logo ao teto. Ser normal era aquilo? Não parecia normal. Além disso, não era uma sensação muito boa, decididamente.

– Se alguém devia estar a flutuar aqui, éramos nós – opinou Naoki. – O ar tem de ser despressurizado e regulado para não batermos com a cabeça no teto.

– Os meus pais iam adorar ter este tipo de ar em casa – concluiu Barnaby. – Acham que é o que me mantém no chão?

– Duvido – disse Dominique. – Se aquilo que estás a dizer é verdade, então devias estar a flutuar, a não ser que tenha algo que ver com a compressão do ar. Costumas ter dores de ouvidos?

– Sim, costumo – admitiu Barnaby –, quando me obrigam a permanecer no chão contra a minha vontade. Não são muito fortes, mas é um incómodo constante.

– Já foste ao médico por causa disso?

– Os meus pais não me levam ao médico desde bebé – explicou Barnaby. – Sentem-se embaraçados quando têm de me levar a algum lado.

Dominique refletiu sobre o assunto e acenou com a cabeça.

– Quando regressares à Terra – aconselhou ela –, convém fazeres um exame aos ouvidos.

– Está bem – disse Barnaby. – Por quanto tempo vamos ficar aqui? Vão ficar a viver aqui para sempre?

– Não – respondeu Dominique. – Estamos quase a chegar ao fim da nossa missão e, depois, poderemos ir finalmente para casa. Só temos mais um passeio espacial para fazer e...

– É a minha vez! – interrompeu Naoki, batendo com o punho na mesa e fazendo com que as tabletes de comida dessem um salto. – É a minha vez!

– Está bem, companheiro, nós sabemos que é a tua vez – tranquilizou-o Wilhelmina. – Acalma-te.

– Hum – grunhiu Naoki, metendo mais uma tablete de cenoura na boca.

– O meu irmão Henry quer ser astronauta – contou Barnaby. – É obcecado pelo espaço sideral.

– Bem, isto não é o espaço sideral – afirmou George. – É o espaço quase-sideral. Estamos a várias centenas de milhões de anos-luz do espaço sideral. É para aquele lado – acrescentou, apontando com um dedo para o lado esquerdo da traseira da nave antes de o ajustar ainda que ligeiramente. – Não, na verdade, é mais para aquele – indicou, corrigindo-se a si próprio.

– Os teus pais mandaram-no para a Academia Espacial? – quis saber Calvin, e Barnaby abanou a cabeça.

– Não, os meus pais querem que o Henry seja solicitador como eles. Dizem que as pessoas normais não querem ir para o espaço sideral.

– Espaço quase-sideral.

– *Qualquer* parte do espaço. Disseram-lhe que quando fizesse dezoito anos deveria ir para a universidade estudar Direito.

– Eu sei o que o teu irmão deve estar a sentir – disse Calvin, cheirando uma das tabletes com sabor a pudim *flan*, para depois a atirar para o meio das outras no centro da mesa.

– Oh, mas conseguiste dar a volta! – gritou George, com um ar horrorizado.

– Cala a boca, príncipe Carlos – atirou Calvin. – Estou a tentar contar uma história. Devias dizer ao teu irmão que se ele quer ser astronauta precisa de ir para a Academia Espacial. Os meus pais recusaram-se a enviar-me para lá quando era miúdo. Diziam que era demasiado estúpido.

– Demasiado estúpido? – inquiriu George, ainda incomodado com a forma como Calvin lhe tinha falado. – Oh, Deus proíba alguém de pensar que és estúpido. Aposto que não sabes o nome da capital de Moçambique.

– Maputo – afirmou Calvin, sem hesitar.

– Ou a que é igual ao quadrado da hipotenusa.

– À soma dos quadrados dos catetos.

– Ou qual a posição do duque de Devonshire na sucessão ao trono.

– Décima quarta – assegurou Calvin. – Cerca de um milhão e meio de lugares à tua frente.

– Bem – disse George, sentando-se com um ar irritado. – Está bem, já vi que és bom em cultura geral. Se alguma vez decidir entrar numa competição desse tipo envia-te um telegrama.

– Sim, e eu esfrego-te com ele na cabeça.

– Chega, meninos – impôs-se Dominique, num tom exausto. – O Barnaby estava a falar do irmão, e ele é nosso convidado. Além disso, Calvin, já te ouvimos contar como os teus pais não te encorajaram uma centena de vezes.

– Mas eu mostrei-lhes como era. – Apontou através da vigia para a escuridão que se estendia do outro lado. – Espaço. – De seguida, apontou para tudo à sua volta. – Nave espacial. – Por fim apontou para si próprio. – Astronauta.

– Os meus pais queriam que eu fosse professor de Matemática na Universidade de Tóquio – revelou Naoki Takahashi. – Tal como a minha mãe e o meu avô.

– Tu és um belíssimo matemático, Naoki – afirmou Wilhelmina. – Ele sabe todos os números – acrescentou, virando-se para Barnaby e acenando com a cabeça de forma entusiasta. – Até mesmo os grandes.

– Os meus pais achavam embaraçoso o meu desejo de ser astronauta – referiu Dominique. – Queriam que eu trabalhasse numa galeria de arte e casasse com um escritor que pensa que o mundo não o sabe apreciar devidamente.

– Como se houvesse algum que pense de outra maneira – murmurou Calvin Diggle.

– Os meus pais deixaram de falar comigo – declarou Matthias Kuznik, baixando a cabeça. – Na Alemanha sou uma desgraça nacional.

– Mas tu és um astronauta! – exclamou Barnaby. – Deviam estar orgulhosos de ti.

– Isso *foi* no passado. Em tempos, fui o maior goleador da história da Federação Alemã de Futebol – prosseguiu ele. – Melhor do que Oliver Bierhoff. Melhor do que Jürgen Klinsmann. Até melhor do que o grande Gerd Müller. Aos vinte anos já tinha jogado pelo meu país trinta vezes e marcado sessenta golos.

– Dois por jogo – frisou Naoki.

– Eu bem te disse que ele era bom com números – lembrou Wilhelmina.

– Nem sempre – reconheceu Matthias. – Umas vezes eram mais, outras menos, mas, em média, sim, foram dois. As crianças admiravam-me; tinham cartazes meus nas paredes dos quartos. Só que, sempre que eu estava a jogar futebol, encontrava-me também a treinar para ser astronauta sem que ninguém o soubesse.

– Sendo assim, deviam estar duplamente orgulhosos de ti – concluiu Barnaby. – És um grande atleta e um astronauta.

– Ainda não ouviste o resto da história... – avisou George.

– Duas semanas antes do início do Campeonato do Mundo – continuou Matthias –, como estava previsto eu entrar em todos os jogos, toda a gente esperava que a Alemanha fosse ganhar. No entanto, pouco antes do início do torneio, recebi uma chamada da Academia Espacial a informar que tinha sido selecionado para esta missão de um ano. Só que a missão começava na terça-feira seguinte, e o Campeonato do Mundo começava na quarta-feira à noite...

– Ah! – exclamou Barnaby.

– Exatamente. Tive de optar.

– E optaste por qual? – quis saber Barnaby.

Ao ouvir isto, os outros seis viraram-se e ficaram a olhar atentamente para ele.

– Talvez seja um idiota, no fim de contas – comentou Wilhelmina.

– Não, não – disse Barnaby, apercebendo-se do erro. – É claro, optaste pelo espaço. Eu percebi!

– Pois foi, optei pelo espaço – concordou Matthias.

– E não estás com muita vontade de regressar a casa, pois não? – perguntou George.

– Não muita. A minha família não quer nada comigo.

– Eu devia ter ficado à frente da quinta da família – contou Wilhelmina, que não perdia por nada uma boa sessão de lamúrias. – Mas eu não queria passar o resto dos dias a tratar de ovelhas e a

enviar gado para o mercado. Então, o meu velho teve de pôr um dos meus irmãos débeis mentais a dirigir o negócio quando fui para a Academia, e não fala comigo desde então.

– E tu? – perguntou Barnaby a George Abercrombie. – Alguém da tua família fala contigo?

– Eu não tenho família – afirmou George, baixando os olhos na direção da mesa e pondo-se a esfregar uma mancha invisível. – Eu quis ser astronauta apenas por me sentir só. Quem me dera ter problemas desses...

Isto pôs um fim abrupto à conversa.

CAPÍTULO 22
O passeio espacial

Nos dias que se seguiram, Barnaby teve oportunidade de ficar a conhecer um pouco melhor cada um dos astronautas e ficou a gostar de todos eles. O seu passatempo favorito a bordo da *Zéla IV-19* era sentar-se num dos assentos almofadados junto às vigias e ficar a olhar para baixo, para o globo que era o planeta Terra a girar ao longe. De manhã, olhava e via o continente americano e lembrava-se do tempo que passara na América do Norte e no Brasil. Via também o Canadá no topo e o oceano Atlântico que, quando ele regressava umas horas depois e voltava a olhar, o levava à Irlanda. O melhor momento, contudo, era ao final do dia, quando conseguia descortinar a Austrália e a Nova Zelândia, aquelas duas formas familiares que significavam casa. Fascinava-o aquele anel verde e azul que formava um perímetro em torno do continente, bem como a extensão castanho-acinzentada no centro. Ficava a contemplá-lo durante longos períodos de tempo, preenchendo os espaços como costumava fazer na aula de Geografia: Perth aqui, um pequeno ponto na costa ocidental; Sydney acolá, no sudeste; Melbourne na base, logo acima da Tasmânia; Uluru, no centro-norte; Camberra, onde ficava a sede do governo, no sul; e Byron Bay, onde vivia o seu escritor favorito da atualidade, que fora à sua escola uma vez, e, durante semanas, depois disso, as filas junto à entrada da biblioteca prolongaram-se até meio do corredor. Ao fim da tarde, partilhava histórias da vida nos antípodas com Wilhelmina e ficou contente por saber que, quando a nave regressasse à Terra, daí a alguns dias, iriam aterrar não muito longe de Sydney.

– Sendo assim, poderei finalmente ir para casa – disse Barnaby.

– É claro que sim. Estás contente?

Barnaby aquiesceu, mas, pela primeira vez, agora que o regresso a casa se afigurava como uma possibilidade bastante concretizável, começava a sentir-se ligeiramente inseguro. Ele queria ir para casa, é certo; afinal de contas, há muito que tentava regressar. Então, porque é que, de repente, isso o fazia sentir-se tão nervoso?

– O último passeio espacial! – bradou Naoki Takahashi, na última manhã que passavam no espaço. – O meu passeio espacial! Um grande orgulho para Naoki Takahashi! Um grande orgulho para o Japão!

– Eu vou buscar o fato – prontificou-se Dominique, carregando num botão que havia numa parede; abriu-se uma porta escondida e todos puderam ver um pequeno fato espacial branco e brilhante.

– Uau! – exclamou Barnaby, de olhos esbugalhados.

– É a peça mais cara na nave – revelou Calvin. – É por isso que só há uma. Se não tivéssemos uma coisa destas, não seríamos capazes de respirar nos nossos passeios espaciais.

– Ou ir aonde queremos ir – acrescentou George. – É feito de um material especial que nos permite controlar os movimentos lá fora, caso contrário, saltaríamos do espaço quase-sideral para o espaço sideral.

– O que se faz lá fora? – perguntou Barnaby, que estava intrigado com o equipamento que tinham ido buscar e com o extraordinário fato branco que Naoki estava a vestir.

– Reunimos amostras de ar – explicou George –, e também destroços que andam a flutuar no espaço. Medimos a pressão e a temperatura do ar. Fazemos leituras do som e da luz enquanto vão e vêm da Terra.

– O que acham desta corda? – perguntou Dominique a ninguém em particular. – Não me parece que crie a tensão necessária.

– Todos nós já fizemos passeios espaciais, Barnaby – explicou Calvin, ignorando-a. – Dezenas de vezes. Não tem nada de

especial, mas é uma informação vital para os cientistas e os geólogos que trabalham no nosso planeta.

– Posso ir? – pediu Barnaby, cheio de entusiasmo agora; seria algo para contar ao Henry quando chegasse a casa. – Adorava ir dar um passeio espacial.

– Lamento, miúdo – disse Calvin –, mas isto não é nenhum divertimento. É uma importante investigação científica. Não podemos ter nenhum tipo de distração.

– Oh, por favor! – implorou Barnaby, e, durante algum tempo, pensou que os astronautas iam ceder, mas, por fim, lá abanaram as cabeças, negando-lhe o pedido.

Naoki Takahashi encaminhou-se para uma câmara, que se encontrava completamente selada, antes de outra porta se abrir lentamente do lado oposto e ele saltar para o desconhecido, com os seus movimentos tão graciosos como os de um dançarino. Esticou os braços, ligado à *Zéla IV-19* por nada mais do que a forte corda branca que, pouco tempo antes, fora motivo de alguma apreensão por parte de Dominique.

– Quanto tempo é que ele irá permanecer ali fora? – perguntou Barnaby, observando todos os seus movimentos através da vigia e invejando-o por esta grande aventura.

– Noventa minutos. Temos de prestar atenção ao relógio – respondeu Wilhelmina. – Ele só tem oxigénio para esse período de tempo. Se o deixarmos lá fora depois disso, sufocará e morrerá.

Era difícil perceber o que Naoki estava a fazer exatamente. De vez em quando, retirava um ou outro instrumento científico dos bolsos, estendia-o à sua frente durante um minuto ou dois, depois voltava a colocá-lo no bolso e fechava-o. Por vezes, pegava num frasco com uma forma estranha, tirava a tampa, esperava, voltava a selá-lo e punha-o no bolso. Parecia estar tudo a correr na perfeição.

Até que algo correu mal.

– A corda! – gritou George, encostando o rosto à vigia no preciso momento em que a corda branca que mantinha Naoki ligado à nave

desatava a oscilar, o que fez com que o astronauta se virasse de pernas para o ar e começasse a rodar sobre si mesmo. Agitou os braços e olhou para a nave com uma expressão confusa no rosto.

– Eu sabia que havia algo de errado com a corda – afirmou Dominique, com o pânico a dominar-lhe a voz. – Eu avisei, mas ninguém me ligou nenhuma.

– Tragam-no cá para dentro – ordenou George, e Matthias carregou no botão que devia recolher a corda e trazer o astronauta de volta à câmara selada, mas assim que tocou nele ouviu-se o som horrível de um elástico quase a romper-se, ou de um balão prestes a rebentar, e a corda branca deu de si, deixando Naoki Takahashi a flutuar no espaço, sem qualquer possibilidade de regressar para junto deles. O japonês acenou-lhes e eles devolveram-lhe o aceno para indicar que estavam a tentar resolver o problema enquanto se reuniam em torno da mesa rodeados de diagramas e de esquemas.

– Precisamos de lançar uma segunda corda – ponderou Calvin. – Se o conseguirmos ligar de novo à nave poderemos puxá-lo. Eu vou lá fora com uma.

– Não, vou eu – sobrepôs-se George, que gostava da ideia de se vir a tornar um herói.

– Se vais começar a discutir por causa disso, então vou eu – contrapôs Dominique, que já se estava a imaginar no Palácio do Eliseu a receber um prémio pelos seus atos heroicos.

– A ir alguém lá fora, esse alguém sou eu – insistiu Wilhelmina.

– Devem estar a brincar comigo – comentou Matthias, rindo-se efusivamente. – Isto apela claramente à eficiência germânica. É uma missão que requer a atenção de Matthias Kuznik.

– A falar de ti na terceira pessoa outra vez? – perguntou George, abanando a cabeça. – É exatamente o tipo de arrogância de que não precisamos, muito obrigado.

Os astronautas começaram de novo a falar entre si, cada um deles insistindo em ser o próprio a salvar Naoki. Barnaby olhou para

o relógio. Os minutos estavam a passar – tal como o oxigénio de Naoki.

– Vou eu – anunciou ele, num tom baixo: tão baixo que os cinco astronautas nem sequer o ouviram de início. – Eu disse que ia eu – repetiu mais alto, e todos se viraram para ele, um tanto ou quanto irritados, como se o garoto se estivesse a meter no seu caminho.

– Não sejas tonto, Barnaby – disse Wilhelmina. – Não tens qualquer formação de astronauta. Se te enviássemos lá para fora, perderias o controlo de ti mesmo. Tens de estar habituado a flutuar.

– Se há uma coisa que realmente sei fazer – proferiu ele, levantando-se e colocando as mãos nas ancas numa atitude de desafio –, é flutuar.

– Arriscamos? – perguntou Dominique, olhando em volta. – Ele é apenas uma criança.

– Uma criança que quer ajudar – acrescentou Barnaby. – E nenhum de vocês consegue chegar a um acordo. Por isso, por favor, deixem-me ir eu. Seria uma aventura. Mais: sou corajoso, sabiam? A sério. Vá, que não temos muito tempo.

Todos olharam através da vigia, na direção de Naoki, que estava a começar a afastar-se um pouco.

– Tens a certeza de que o podes fazer? – perguntou Calvin, colocando as mãos nos ombros do rapaz e olhando-o diretamente nos olhos.

– Não – reconheceu Barnaby –, mas posso tentar.

– É o suficiente para mim – disse George. – Está bem, malta, toca a ir buscar a corda. Barnaby, basta que a leves lá para fora e que a dêes ao Naoki; ele saberá como prendê-la ao fato. A seguir, só tens de te segurar a ele que nós puxamos-vos aos dois. Compreendes?

– Sim – confirmou Barnaby, tentando não pensar no frio que começava a sentir na barriga.

Como tal deram-lhe uma máscara e um tubo de oxigénio – o máximo – e lançaram-no para o espaço a partir da câmara selada. Era bom estar a flutuar outra vez; Barnaby sentia-se mais ele do que

se havia sentido desde que chegara à *Zéla IV-19* na semana anterior. Também era pacífico lá fora: todos os ruídos e problemas dos últimos dias pareciam desvanecer-se no meio do nada. Por instantes, Barnaby pensou no sensacional que seria passar o resto da vida a flutuar no espaço, sem ter de se preocupar com ninguém nem com nada a não ser os cometas de passagem. Estes pensamentos agradáveis foram, no entanto, interrompidos pela visão de Naoki Takahashi a acenar-lhe freneticamente e rodando desesperado enquanto flutuava em todas as direções. Barnaby deu às pernas como se estivesse a nadar e flutuou na sua direção, e, num espaço de segundos, Naoki estava outra vez ligado à nave. Barnaby segurou-se com força ao japonês e os astronautas puxaram-nos para o interior da nave.

– És um herói, amigo – elogiou Wilhelmina mais tarde, quando se reuniram todos para uma refeição comemorativa composta por tabletes de comida e água purificada.

– Uma grande vergonha para Naoki Takahashi – anunciou o japonês, com alguma tristeza, baixando a cabeça. – Uma grande vergonha para o Japão.

– Gosto de ser um astronauta – confessou Barnaby, sorrindo. – Posso dar mais um passeio espacial?

– Agora não – recusou George, instalando-se na parte da frente da nave. – Não podemos arriscar mais incidentes deste tipo. Só há um sítio para onde ir agora.

– Que é... – perguntou Barnaby.

– Casa.

CAPÍTULO 23

Tudo o que eles contaram é verdade

A nave espacial aterrou perto do Berowra Valley Bushland Park às três horas da tarde seguinte. Durante a descida, Barnaby começou a sentir aquela sensação de flutuar tão familiar a aumentar cada vez mais, até que se viu forçado a colocar o cinto de segurança para não embater no teto da cápsula.

Barnaby nunca experimentara nada como o barulho produzido quando a frente do foguetão se separou do resto da cápsula, deixando-os a pairar em algo mais parecido com um avião desconjuntado. Finalmente, os motores começaram a desacelerar, as rodas desceram e eles aterraram são e salvos. Uma longa fila de dignitários dos países de origem de cada astronauta esperava-os para festejarem o seu regresso ao planeta natal. Os ministros da Ciência da Nova Zelândia, do Reino Unido, do Japão, da França, da Alemanha e dos Estados Unidos lutavam por um lugar de destaque de modo a aparecerem em todas as fotografias, mas o ministro dos Negócios Estrangeiros australiano, que estava habituado a lidar com crianças desobedientes, fê-los permanecer alinhados numa formação em ferradura, tendo declarado que só quando os astronautas aparecessem individualmente é que o representante do seu governo podia avançar. Toda a gente protestou, mas como estavam em território australiano tiveram de obedecer às regras australianas. O ministro britânico deu uma cotovelada nas costelas do seu congénere francês e disse “Tudo por tua culpa, Luc”, mas o ministro japonês, que era alheio a estas guerras, deslizou por detrás dele e deu-lhe um puxão nas cuecas.

Depois de os motores se terem desligado completamente, Justin Macquarie, um natural de Sydney, que não só era presidente da Academia Espacial Internacional, como também descendente direto de Lachlan e Elizabeth Macquarie, em cuja cadeira no Jardim Botânico uma coisa terrível acontecera, avançou e aclarou a garganta.

– Senhoras e senhores – disse ele, batendo no microfone com o dedo –, é com grande prazer que dou as boas-vindas à *Zéla IV-19* no seu regresso à Terra ao fim de uma longa e proveitosa missão. Estes astronautas encheram de orgulho as suas famílias, mais talvez do que poderiam ter feito em qualquer outro campo da criatividade humana. E agora, convido-os a saírem da nave e a serem recebidos pelo comité de boas-vindas, depois do que se deverão encaminhar diretamente para a zona de recolha de bagagem a fim de reaverem as respetivas malas, que serão entregues na passadeira número 4.

Um a um, os astronautas emergiram a pestanejar sob o sol da tarde, um pouco trémulos no momento em que desciam as escadas do foguetão. Quando os seis se encontravam já perfilados, a banda começou a tocar o primeiro dos seis hinos nacionais, e ainda iam a meio d' "A Marselhesa" quando o tocador de tuba, depois o saxofonista e a seguir o violinista se detiveram surpreendidos. A música tornou-se discordante e o maestro bateu embaraçado no suporte para pautas, mas, nesse momento, todos os olhos se haviam virado já para as portas da nave onde aquilo que parecia ser um rapaz de oito anos acabava de sair da *Zéla IV-19* com um paraquedas amarrado às costas.

– Quem és tu? – perguntou Justin Macquarie, dando um passo em frente.

– Eu sou o Barnaby Brocket – respondeu Barnaby.

– Falas a nossa língua!

– Pois falo.

– Como é que a aprendeste? – questionou o senhor Macquarie, com uma voz pausada e cuidada, como se estivesse a falar com um estranho que mal arranhasse o inglês.

– Não sei. – Barnaby tentou lembrar-se de quando aprendera a falar. – Foi uma coisa que aprendi quando era bebé.

– Assimilaste-o – presumiu o senhor Macquarie, acenando pensativamente –, à medida que conversavas com os astronautas. Podes aprender então. Talvez possamos aprender contigo também – acrescentou de forma mais audível, com um sorriso largo no rosto enquanto procurava mostrar-se amável. – De certeza que nos poderás ensinar muitas coisas.

Barnaby ficou a pensar e encolheu os ombros.

– É possível, creio – considerou ele –, embora não vá à escola há já algum tempo, pelo que poderei estar um pouco enferrujado. Sei bastante sobre geografia. Já viajei muito para um rapaz da minha idade.

As pessoas viraram-se umas para as outras e começaram a trocar impressões, mas Justin Macquarie fez sinal para se calarem, com receio de que o barulho pudesse antagonizar a criatura do espaço.

– Como é que sabes que és um rapaz? – quis ele saber.

– Bem, eu *sou* um rapaz – afiançou Barnaby, confuso. – Posso só ter oito anos, mas sei ver a diferença entre um rapaz e uma rapariga. E sou *definitivamente* um rapaz.

– Como é que ele foi parar à nave? – gritou o ministro alemão, olhando em volta à procura de um pai que tivesse deixado o seu petiz esgueirar-se por baixo das barreiras com o intuito de entrar dentro da nave e explorá-la.

– Ele está connosco – anunciou Matthias Kuznik, mas o ministro alemão abanou a cabeça e desviou a cara.

– Nem consigo olhar para ti – afirmou ele, calmamente. – Quarto! – acrescentou dramaticamente. – Nem sequer conseguimos vencer

no *play-off* para o terceiro lugar, o momento menos interessante de todo o calendário desportivo.

– Que pena para o Matthias Kuznik – disse Naoki Takahashi, abanando a cabeça. – Que pena para a Alemanha.

– Mas o que queres dizer com ele está convosco? – perguntou o ministro da Ciência neozelandês.

– Encontrámo-lo – respondeu Wilhelmina White. – Apareceu a flutuar na nossa direção e apanhámo-lo.

– Todos lá para dentro – instruiu Justin Macquarie, batendo fortemente as palmas junto ao microfone. – E ponham esse rapaz de quarentena por agora. Preciso de pensar no assunto.

Ao ouvirem a palavra “quarentena”, dois homens equipados com uns fatos de proteção amarelos e de capacetes na cabeça apareceram a correr na direção de Barnaby, pegaram-lhe pelos braços e arrastaram-no para o interior do terminal. Percorreram uns longos corredores, subiram um lance de escadas, passaram por uma piscina, uma sauna e uma zona de descompressão, depois desceram por uma série de passagens estreitas, onde era preciso introduzir um código num teclado, e entraram numa grande sala branca ocupada por uma dezena de cientistas vestidos de branco que se encontravam a trabalhar em completo silêncio.

Os cientistas viraram-se todos ao mesmo tempo, olharam fixamente para Barnaby, pestanejaram, e depois voltaram para junto dos seus tubos de ensaio e microscópios. No fundo da sala via-se uma cela de vidro com uma única cadeira.

– Código? – perguntou o cientista sentado ao lado da cela de vidro, virando-se para um dos homens que segurava Barnaby com uma expressão inexpressiva no rosto, se é que tal é possível.

– Vinte, dois, nove, vinte, dezanove, dezasseis – respondeu o homem.

O cientista acenou de forma quase impercetível enquanto introduzia os números num computador, e a parte da frente da cela abriu-se silenciosamente.

Barnaby foi atirado lá para dentro, as portas fecharam-se e ele viu-se sozinho a olhar para os seus captores do lado de fora. É claro que, por já não estar preso pelos homens de amarelo, começou logo a flutuar e foi embater na parte de cima da cela de vidro, o que fez com que se pusesse a olhar para eles de cima para baixo e a contar as suas carecas.

Um ou dois cientistas ainda ficaram a observá-lo durante algum tempo, mas depressa se afastaram; já haviam visto muitas coisas estranhas e raras na sua vida – isto dificilmente ocuparia um lugar na lista das cem melhores.

– Socorro! – gritou Barnaby, batendo no vidro. – Tirem-me daqui.

– Estás de quarentena – advertiu um dos cientistas, contrariando um bocejo.

– Mas porquê? Não fiz nada de mal.

– És o rapaz vindo do espaço, não és? Não podemos permitir que rapazinhos vindos do espaço andem por aí a vaguear pela Austrália. Tudo pode acontecer. Temos de proteger o nosso ambiente. Se tivesses sido encontrado a tentar introduzir manteiga de amendoim no país, serias tratado da mesma maneira.

– Mas eu não transporto qualquer tipo de contaminação! – protestou Barnaby. – E não tenho comida comigo! E nem sequer gosto de manteiga de amendoim. É muito peganhenta e fica agarrada aos dentes.

– Ele tem razão – concordou um dos cientistas.

– Vais ter de esperar pelo senhor Macquarie – informou outro. – Ele saberá o que fazer contigo.

– O senhor Macquarie saberá o que fazer contigo – gritaram os outros cientistas em uníssono, enquanto se viravam para olhar para Barnaby, sorrindo durante precisamente quatro segundos, para depois voltarem para o seu trabalho.

Houve um que pôs uns enormes auscultadores nos ouvidos e colocou um microfone no cimo de uma pedra – uma das pedras trazidas pela *Zéla IV-19* – e escutou. Nada aconteceu durante

algum tempo, mas depois abriu muito os olhos e fez um ar intrigado com aquilo que estava a ouvir.

– É Schubert – afirmou, virando-se para uma das suas colegas. – Ouve, Celestine. É Schubert, tenho a certeza.

– Rachmaninov – disse a mulher que estava ao lado dele, pegando nos auscultadores e abanando a cabeça.

– Não, tenho a certeza de que é Schubert.

– Estás enganado.

– O facto de ser alguém é certamente o mais interessante – concluiu o homem sentado ao lado dela, pondo-se também à escuta. Tirou os auriculares e abanou a cabeça, desgostoso. – Detesto música *rock* – disse ele, voltando ao trabalho.

Finalmente, as portas da sala abriram-se e o senhor Macquarie reapareceu, dirigindo-se para a cela de vidro de Barnaby e observando-o com uma expressão perplexa.

– Gostaria de ir aí dentro falar contigo – anunciou ele. – Se entrar, não me vais fazer mal, pois não?

– É claro que não – retorquiu Barnaby. – Nem saberia como.

– Muito bem, então – disse o senhor Macquarie, aproximando-se do painel de controlo; introduziu os seis números e as portas abriram-se. – Mas já sabes, se tentares fazer alguma coisa ficas metido num sarilho ainda maior.

Entrou, sentou-se na cadeira, enquanto as portas se fechavam atrás de si, e abanou a cabeça.

– O que estavas a fazer lá em cima, rapaz do espaço?

– Eu não sou nenhum rapaz do espaço – insistiu Barnaby. – Quantas vezes é preciso dizer? Eu sou de Kirribilli.

– Acho que ainda não descobrimos esse planeta – respondeu o senhor Macquarie. – Faz parte do nosso sistema solar?

– Claro que sim! É aqui em Sydney, ao fundo da rua onde fica a casa do primeiro-ministro. Apanha o comboio para Milson's Point, desce a ladeira junto às lojas, vira à esquerda e a minha casa fica aí.

– Tens a certeza? – perguntou o senhor Macquarie.
– Absoluta. Sempre vivi aí.
– Tenho uma irmã que vive em Kirribilli.
– Como se chama?
– Jane Macquarie-Hamid.
– Oh, eu conheço a senhora Macquarie-Hamid – afirmou Barnaby, com um grande sorriso no rosto. – Ela vive do outro lado da rua. O meu cão, o *Capitão W. E. Johns*, costuma brincar com o cão dela. São muito amigos.

– Se sabes tanto acerca dela, então como se chama o cão dela?

Barnaby pensou um pouco.

– *Rothko. Rothko Macquarie-Hamid*. A sua irmã põe-lhe sempre um laço azul em torno do pescoço depois do banho e depois o *Rothko* vem ter connosco para que o *Capitão W. E. Johns* o arranque com os dentes. Não se humilha um cão desta maneira. Devia dizer isso à sua irmã.

O senhor Macquarie parecia impressionado com o facto de Barnaby saber o nome do cão da sua irmã. Tirou um bloco de notas do bolso do casaco, escreveu qualquer coisa e depois voltou a guardá-lo. Barnaby esperava que fosse uma nota para a irmã dele.

– Bem, se não és nenhum rapaz do espaço – assumiu ele, finalmente –, então explica-me como é que foste parar à *Zéla IV-19*. Como podes compreender, mandámos seis pessoas para o espaço, por isso estávamos à espera de ver regressar seis.

– Os astronautas não lhe contaram? – perguntou Barnaby, pensando que, mesmo que o senhor Macquarie não acreditasse nele, ao menos devia acreditar *neles*.

– Eles contaram-me uma história, sim – respondeu. – Mas é tão surpreendente que nem consigo crer nela.

– Tudo o que eles contaram é verdade – jurou Barnaby.

– Mas tu ainda não sabes o que eles me contaram...

– Eles contaram que eu flutuei até à nave, que adormeci devido à pressão do ar e que eles me levaram para bordo?

– Sim.

– Eles contaram que eu nasci com um problema que me impede de obedecer à lei da gravidade e, por isso, só consigo ficar com os pés assentes no chão durante alguns segundos? Que quando estava na nave conseguia fazê-lo, embora não saiba bem porquê, mas que poderá ter algo que ver com os meus ouvidos?

– Eles mencionaram isso, sim – admitiu o senhor Macquarie.

– Eles contaram que eu salvei a vida ao Naoki Takahashi quando a corda branca deu de si e ele se viu a flutuar no espaço sideral?

– Não estavam no espaço sideral.

– Espaço quase-sideral, quero eu dizer.

– Sim, contaram-me tudo isso. Mas olha, rapaz do espaço...

– Pare de me chamar isso! O meu nome é Barnaby Brocket!

– Está bem, então, Barnaby Brocket. A questão é que esta é apenas a história do que tu fizeste lá em cima, e não é isso que está em causa. O que eu preciso de saber é como foste parar lá acima.

E então Barnaby contou-lhe.

Relatou todos os pormenores da sua história de vida desde o dia em que nascera até ao momento em que pedira ao presidente da Academia Espacial Internacional para parar de lhe chamar "rapaz do espaço" e começar a tratá-lo por Barnaby Brocket.

– Bem, já tinha ouvido umas histórias curiosas – disse o senhor Macquarie quando ele acabou –, mas esta ultrapassa todas. Creio que não me resta outra opção a não ser acreditar em ti. Sendo assim, o que vamos fazer contigo agora?

– Eu podia ir para casa – sugeriu Barnaby.

– Podias, lá isso é verdade, mas vamos com calma. Antes de te deixarmos ir a algum lado, precisamos de te enviar para o hospital em Randwick para um exame completo, a fim de termos a certeza de que não sofreste nada ao longo destas tuas viagens... que não apanhaste nenhum micróbio.

Barnaby suspirou.

– Está bem, então – aquiesceu.

À tarde, Barnaby viu-se deitado numa cama de hospital, com um cinto de cabedal apertado em torno do tronco para não flutuar até ao teto, esperando que o médico o examinasse. Tinham-no posto num quarto privativo no último andar do hospital. Era o melhor quarto que tinham, já que havia uma enorme claraboia por cima da cama, ocupando quase metade do quarto, e, na posição em que estava, o rapaz podia ficar a olhar para o céu que ia ficando cada vez mais escuro. Por precaução, as enfermeiras tinham carregado num botão na parede ao lado dele para a manter fechada, não fosse o cinto dar de si e ele começar a flutuar. Era estranho imaginar que ainda há poucos dias estava no espaço quase-sideral a olhar para os contornos da Austrália e da Nova Zelândia lá muito ao longe, e que agora se encontrava numa cama do Hospital Pediátrico de Sydney a contemplar as estrelas que brilhavam na noite, perguntando-se se haveria mais astronautas a olharem para ele.

Um pouco mais tarde, chegou uma médica que tirou uma amostra de sangue depois de picar o polegar de Barnaby com uma agulha; de seguida, pôs uma grande faixa de velcro em torno do braço e, bombeando ar, apertou e apertou até parecer que tencionava deixá-lo sem braço.

– Au! – queixou-se Barnaby Brocket.

– Oh, não dói nada – assegurou a médica, cujo nome era doutora Washington. A médica tinha bom aspeto, com um cabelo muito preto que estava sempre a pôr para trás da orelha.

– Pois não, mas está muito apertado, é só isso – esclareceu Barnaby.

Ela sorriu e bateu-lhe nos joelhos com um martelo de borracha para confirmar que reagiam e, de seguida, examinou-lhe a garganta e os olhos.

– Não se passa nada de errado contigo tanto quanto me é dado a observar – proferiu ela, ao fim de algum tempo. – Esta história de flutuares é um mistério, não é? Quando é que começou?

– Dois ou três segundos depois de eu ter nascido.

– Tão rápido? E foste ao médico por causa disso?

– Quando era muito pequeno.

– E nunca desapareceu? Foste sempre assim?

– Sempre – garantiu Barnaby. – O tempo todo. – Encostou-se na cama e depois lembrou-se de algo. – Exceto quando estava na nave – informou ele, e a doutora Washington, que estava prestes a sair do quarto, virou-se e olhou para ele.

– Como assim? – perguntou.

– Quando estava na nave, os meus pés permaneciam no chão – explicou ele. – Flutuei até lá e quando saí de lá, mas enquanto estava lá dentro...

– Onde o ar era pressurizado...

– Foi o que a Dominique disse! Ela aconselhou-me a fazer um exame aos ouvidos assim que regressasse à Terra.

A doutora Washington contemplou-o durante algum tempo e depois tirou do bolso um pequeno instrumento com uma lâmpada na ponta com o qual se pôs a examinar-lhe os ouvidos.

– Hum – murmurou ela.

– O que foi? – quis saber Barnaby.

– Não te mexas – pediu a doutora Washington, como se houvesse alguma possibilidade de ele se poder levantar e sair dali. Alguns minutos depois, regressou com outro médico, o doutor Chancery, que tirou do bolso uma engenhoca preta e prateada, também ela com uma lâmpada na ponta; tal como a doutora Washington, examinou os ouvidos de Barnaby.

– Hum – proferiu o doutor Chancery.

– Foi o que eu pensei – concordou a doutora Washington. – Hum.

– O que é? – quis saber Barnaby, começando a ficar preocupado.

– O que se passa comigo?

– Não se passa nada de errado contigo – garantiu a doutora Washington. – Não tens nada de errado. Na verdade, és um rapazinho perfeitamente saudável.

– Então porque é que estão a olhar para os meus ouvidos e a dizer “hum”?

– Não te preocupes – tranquilizou-o a doutora Washington. – Vamos só fazer alguns testes e depois ficaremos com uma ideia mais clara sobre o assunto.

Barnaby não disse nada; limitou-se a olhar para o céu a desejar que, por vezes, apenas de cem em cem anos, um adulto lhe pudesse responder claramente a uma simples pergunta.

Um enorme rebuliço vindo do corredor fê-lo olhar para a porta e a doutora Washington e o doutor Chancery saíram do quarto para ver o que se passava. Conseguiu ouvir vozes num tom elevado, depois uma briga e de novo o silêncio. Pouco tempo depois, a doutora Washington reaparecia sozinha, alisando o cabelo como se tivesse estado a lutar com alguém.

– Peço desculpa – disse ela.

– O que se passa lá fora?

– Repórteres. Dos tabloides. Ouviram falar de ti. Do facto de poderes flutuar. De teres ido a flutuar até à *Zéla IV-19*. Queriam a tua história para a edição de fim de semana. Devo dizer-te que ofereceram muito dinheiro por ela. Vais ficar famoso, se não tiveres cuidado.

Barnaby fez um esgar. Era a última coisa que ele queria. As pessoas famosas não eram normais, verdade seja dita, e se ele chegasse a Kirribilli com uma legião de repórteres atrás de si, então é que os pais iriam ficar ainda mais descontentes ao vê-lo. Seria até capaz de não conseguir ver o *Capitão W. E. Johns* antes de ser arrastado para A Cadeira da Senhora Macquarie.

– Não quero falar com eles – afirmou ele. – Só quero ir para casa.

– Lamento, mas só poderás ter alta amanhã à tarde na melhor das hipóteses. Vais ter de ficar aqui esta noite para te observamos. Além disso, aqueles testes de que te falei... não terei os resultados antes da hora do almoço, e isso poderá levar-nos numa direção

completamente oposta. Se quiseses, posso ligar aos teus pais e informá-los de que estás aqui são e salvo.

Barnaby sentiu um ligeiro ardor no estômago perante a ideia de os seus pais chegarem ao hospital enquanto a imprensa ainda se mantinha reunida no exterior, mas acenou afirmativamente, escrevendo o número de telefone num pedaço de papel e entregando-o à doutora Washington que o deixou a descansar.

Contemplou o céu noturno, mais uma vez, sentindo as pestanas a ficarem cada vez mais pesadas. No dia seguinte, ia poder estar com os seus pais de novo, já para não falar de Henry, de Melanie e do *Capitão W. E. Johns*, e voltar para casa em Kirribilli. Mas será que alguma coisa havia realmente mudado? Fora expulso de casa porque era diferente dos outros rapazes, e, apesar de ter aprendido imenso nas suas viagens, ainda não aprendera a manter os pés assentes no chão.

CAPÍTULO 24

O que significa ser normal?

Na manhã seguinte, Barnaby estava sentado na cama a ler *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias* que requisitara na biblioteca do hospital. O sol entrava pela claraboia que se erguia por cima dele, incidindo diretamente sobre as páginas e iluminando a viagem de Phileas Fogg na companhia do seu fiel criado Passepartout. Estava completamente absorvido na história – na parte em que Phileas tinha perdido o vapor de Hong Kong para Yokohama – quando a porta se abriu.

– Barnaby! – exclamaram duas vozes em uníssono, e ele olhou para cima e viu duas figuras de pé a contemplá-lo com uma expressão ligeiramente apreensiva no rosto.

– Olá, mãe – cumprimentou ele, colocando o livro de lado, surpreendido com o facto de se sentir mais ansioso do que feliz por vê-los. – Olá, pai.

– Já nos andávamos a perguntar onde estarias, filho – disse Alistair, aproximando-se com a ideia de lhe dar um abraço, o que lhe pareceu um pouco estranho, pelo que mudou de opinião e optou por um aperto de mão.

Barnaby pensou que era uma coisa extraordinária para o pai dizer. Era óbvio que ele estava a par de tudo, bem vistas as coisas; lembrava-se da conversa que os pais tinham tido ao pequeno-almoço na última manhã que ele passara em casa.

– Olá, Barnaby – cumprimentou Eleanor, inclinando-se para o beijar no rosto e comportando-se como se nada de terrível se tivesse passado n'A Cadeira da Senhora Macquarie. Barnaby inalou

o aroma do seu perfume; era o mesmo que costumava pairar lá por casa, o que o fez sentir-se simultaneamente só e triste. – Como te estás a sentir?

– Estou bem – disse Barnaby. – Não estou doente.

– Então não devias estar no hospital, pois não? Não é normal estar num sítio destes quando não se tem nada de mal.

– Experimentem dizer isso aos médicos – retorquiu Barnaby. – Foi para aqui que me trouxeram. Quando regressar do espaço, quero eu dizer.

Eleanor suspirou enquanto se sentava na ponta da cama, passando com o dedo pelo armário que estava ao lado e examinando-o para ver se tinha pó.

– Essa coisa do espaço é um perfeito disparate – afirmou ela. – E estou farta de ouvir falar disso. Não é normal andar-se por aí a explorar mundos fora do nosso. Temos um planeta perfeitamente bom, na minha opinião.

– Tens razão, Eleanor – concordou Alistair, sentando-se na única cadeira que havia no quarto. – Eu não compreendo estes exploradores e o que eles pensam que andam a fazer.

– Bem, se nunca tivesse havido exploradores, então ninguém teria descoberto a América – recordou Barnaby.

– Precisamente – disseram Alistair e Eleanor ao mesmo tempo, entreolhando-se.

Depois disto, permaneceram em silêncio, durante alguns segundos, enquanto um certo mal-estar se abatia sobre o quarto. Se conseguissem ver a tinta na parede a ficar infinitesimalmente mais descolorida, tê-lo-iam visto. E se conseguissem ouvir o som dos seus cabelos a ficarem infinitesimalmente mais compridos, tê-lo-iam ouvido.

– Como está o Henry? – quis saber Barnaby, quebrando o silêncio, desejando que o seu irmão mais velho também o tivesse ido visitar ao hospital.

– O Henry é o Henry – explicou Eleanor, com um encolher de ombros, como se isso fosse uma resposta plausível. – Ele está bem. Perfeitamente normal.

– E a Melanie?

– Também está bem. Perfeitamente normal.

Barnaby acenou com a cabeça, satisfeito com a resposta.

– E o *Capitão W. E. Johns*? – perguntou.

– Para falar a verdade, o *Capitão W. E. Johns* tem andado um pouco triste, ultimamente – contou Alistair. – Aquela cauda não se tem mexido lá muito.

– Que disparate – contradisse Eleanor. – É o aspeto normal dos cães. É perfeitamente normal um cão parecer triste e o *Capitão W. E. Johns* é um cão perfeitamente normal. No seu interior anda a perseguir esquilos. Enfim, o teu irmão e a tua irmã vêm visitar-te daqui a pouco. Estão desejosos de te ver.

– Posso ir para casa? – murmurou Barnaby, sem saber se concordariam ou não. – Posso encontrar-me com eles lá?

– É claro que podes – garantiu Eleanor, recostando-se um pouco para evitar o sol. – Se é isso que queres – acrescentou, num murmúrio.

Barnaby pensou no assunto. Partia do princípio de que era isso que queria. Afinal de contas, para onde é que poderia ir senão para casa?

– Há mais uma coisa – referiu Alistair, tossindo um pouco e endireitando-se como se tivesse algo de muito importante para dizer. – Eu e a tua mãe... bem, discutimos o assunto depois de a doutora Washington nos ter telefonado ontem à noite a dizer que estavas aqui. Tem que ver com essa coisa de flutuares. Sejam os francos, filho: aguentámos o máximo que pudemos. Oito anos, quase nove, mais tempo do que a maior parte das famílias normais aguentaria.

– Nós *somos* uma família normal, Alistair – insistiu Eleanor, olhando para ele com um ar carrancudo, antes de voltar a virar a

sua atenção para Barnaby. – Seja como for, o teu pai tem razão. Passaste oito anos a flutuar até ao teto, deitado no teu colchão médio *David Jones Bellissimo*, recusando frequentar escolas normais...

– Eu não recusei nada – corrigiu Barnaby, sentando-se na cama.
– Foram vocês que me enviaram para a Academia Graveling para Crianças Indesejadas. Eu nunca quis ir para lá.

– Oh, estás a ser presunçoso agora. A questão é que, se quiseses vir para casa connosco, tens de pôr de lado todo esse disparate de estares sempre a querer chamar a atenção. Ainda hoje, logo pela manhã, havias de ver a quantidade de carros de reportagem estacionados novamente em frente à nossa casa, fazendo perguntas acerca do rapaz que veio do espaço, o rapaz que não consegue manter os pés assentes no chão, o rapaz que flutua como um balão de hélio, tal como aconteceu quando insististe em ser a décima milionésima pessoa a subir à Ponte da Baía.

– Mas eu nem sequer sabia que ia ser a décima milionésima pessoa a subir à ponte – gritou Barnaby, apercebendo-se por fim da injustiça de tudo aquilo. – Foi uma surpresa tanto para mim como para vocês.

– Tens sempre de chamar a atenção para ti próprio, é esse o problema, e não podemos suportar mais isso. Sendo assim, Barnaby, precisamos de saber... Se voltares para casa connosco, prometes ser normal? Desistes de flutuar de uma vez por todas?

– Ele não o pode prometer, senhora Brocket – ouviu-se uma voz vinda da porta; os dois viraram-se e viram a doutora Washington entrar no quarto com uma ficha clínica nas mãos. Apresentou-se aos pais de Barnaby, auscultou-o e mediu-lhe a temperatura, e depois sorriu. – Tenho boas notícias para todos – anunciou ela.

– Bem, já merecíamos isso – comentou Eleanor, num tom exausto. – O que é?

– Chegou a levar o Barnaby a um especialista dos ouvidos? Quando ele era pequeno, quero eu dizer.

– Não – respondeu Eleanor, abanando a cabeça. – O rapaz passava a maior do tempo no teto. Além disso, não há nada de errado com os seus ouvidos; são perfeitamente normais. Porque é que pergunta?

A doutora Washington hesitou durante alguns segundos e consultou a ficha antes de acenar num gesto de concordância, aparentemente satisfeita com as conclusões obtidas.

– Ontem – explicou ela –, quando o seu filho foi trazido para aqui, pediram-me que lhe fizesse um exame médico completo a fim de despistar qualquer vírus que ele pudesse ter trazido do espaço alojado no corpo.

– Não está a dizer que foi isso que aconteceu, pois não? – gritou Eleanor, agitando os braços no ar. – Só faltava mais esta: servir de hospedeiro a uma forma de vida intergaláctica malevolente.

– Não, ele não tem nada, senhora Brocket – garantiu a doutora Washington, abanando a cabeça. – Na verdade, não me parece que ele tenha qualquer reação adversa por ter estado no espaço sideral na última semana.

– Na verdade, foi no espaço quase-sideral – retificou Barnaby.

– Bem, fosse o que fosse, parece ter sobrevivido à provação perfeitamente bem. Nem sofreu qualquer tipo de dano por ter circum-navegado o Globo desde que, desafortunadamente, lhe perderam o rasto em Sydney – acrescentou, erguendo uma sobrancelha perante o inusitado daquilo tudo.

Eleanor remexeu-se na cadeira e encontrou algo para olhar através da claraboia.

– O que descobri – prosseguiu a doutora Washington – foi que existe um desequilíbrio nos ouvidos do Barnaby. O alinhamento do canal superior, do canal posterior e do canal horizontal não é o adequado. Os canais convergem, estão a ver, e controlam o nosso sentido de equilíbrio. Isto significa que a pressão do ar dentro da sua cabeça é inconsistente e, faça o que fizer, o vosso filho irá

sempre flutuar. Na verdade, para sermos cientificamente precisos, ele não flutua; ele cai.

– Cai? – perguntaram Alistair e Eleanor, olhando para ela surpreendidos.

– É verdade. Na maior parte das pessoas, a disposição dos canais assegura que obedeçamos à lei da gravidade, mas, no caso de Barnaby, como os três estão invertidos, ou seja, estão virados ao contrário, o seu cérebro não consegue interpretar os sinais que lhe são enviados. Como tal, o Barnaby está sempre a ir para cima e não para baixo, porque o seu cérebro pensa que é a direção correta. A nossa tendência é ficar no chão; a dele é elevar-se. Isto também explica porque é que ele não flutua no espaço – continuou a doutora Washington. – O ar é pressurizado, para que os astronautas não flutuem e batam com as cabeças no teto. Este processo em relação ao Barnaby mantém-no no chão, mas o ar lá em cima é o oposto do que é aqui. De volta à Terra, os astronautas não flutuam, mas o Barnaby sim. Faz algum sentido?

– Não muito – disse Alistair.

– Parece-me completamente anormal – protestou Eleanor.

– Bem, não é comum, lá nisso têm razão, mas sempre se pode dar um jeito.

Alistair e Eleanor estavam sentados agora e olharam para ela.

– Pode? – perguntou Eleanor.

– Certamente – confirmou a doutora Washington. – Poderei ser eu a fazê-lo, na verdade. É uma operação muito simples. Não demoraria mais do que uma hora ou duas.

– E depois?

– Depois, o Barnaby não voltaria a flutuar. Ficaria igual aos outros. Seria normal, ou lá o que isso significa.

Dizendo isto, a doutora Washington esboçou um ligeiro sorriso, Alistair sorriu abertamente e Eleanor fez uma expressão de euforia como se fosse começar a dançar pelo quarto. A única pessoa que não tinha a certeza desta possibilidade de alterar toda uma vida era

o próprio Barnaby, mas o facto é que ninguém se pôs a olhar para ele, ou pareceu minimamente interessado na sua opinião sobre o assunto.

– Quando é que pode fazer a operação, doutora? – quis saber Alistair. – Gostaria de começar já? De certeza que não vai precisar de anestesia. Ele é um rapaz muito resistente. Tem boa fibra.

– *Já* não – respondeu a doutora Washington, anotando algo na ficha para mais tarde discutir com o psiquiatra do hospital. – Mas hoje é decerto uma hipótese. Poderei dar entrada do Barnaby no serviço de cirurgia por volta das seis da tarde, se quiserem ir para a frente com a operação. Depois, uma boa noite de sono aqui e mais algumas observações durante as próximas vinte e quatro horas, e o Barnaby estará em condições de ir para casa amanhã ao fim do dia.

– E tem a certeza de que ele vai ficar normal? – inquiriu Eleanor.

– Tão normal como a senhora e o seu marido.

Isto era o suficiente para Alistair e Eleanor Brocket.

CAPÍTULO 25

Aquela sensação de flutuar tão familiar

Mais tarde, nesse dia, Henry e Melanie foram também ao hospital. Transportavam um saco de cabedal ligeiramente aberto no cimo, cujo conteúdo parecia produzir algum barulho. Quando Melanie pôs os olhos em cima do irmão mais novo deitado na cama, colocou o saco no chão e este pareceu aninhar-se sobre si próprio e ficar quieto.

– Barnaby! – gritou, precipitando-se para o irmão e abraçando-o.
– Sentimos tanto a tua falta! Sempre que olhava para o teto vazio começava logo a chorar.

– Olá, Barnaby – cumprimentou Henry, dando-lhe um abraço afetuoso. – Como estás?

– Estou bem – respondeu ele. – Tive imensas aventuras excitantes. Conheci montes de gente invulgar. Vi bastantes sítios interessantes.

– Queres saber o que aconteceu aqui em Sydney? – perguntou Melanie.

– Sim, claro!

– Absolutamente nada – disse ela, fazendo um esgar. – É tudo tão aborrecido aqui. Nunca acontece nada.

– Mas é a cidade mais esplendorosa do mundo!

– Isso é o que tu dizes. Quem me dera poder andar por aí a viajar e ter montes de aventuras. És um rapaz de sorte.

Barnaby não sabia o que dizer. Não estava habituado a que as pessoas tivessem inveja dele.

– O que é que aconteceu depois de eu ter saído daqui? – perguntou, pois estava ansioso por saber como é que o seu desaparecimento fora explicado em casa. – O que é que o pai e a mãe disseram? Falaram muito de mim?

– Um pouco no início – contou Melanie. – Depois, quando tudo dava a entender que não ias regressar, não muito. Eles diziam que era por tua culpa que tudo isto tinha acontecido.

– Não creio que tivesse sido *tudo* por *minha* culpa – confessou Barnaby, ligeiramente ofendido.

– Bem, não – anuiu Henry. – Não inteiramente, creio. Mas devias ter feito como te pediram.

Barnaby franziu o sobrolho.

– Feito como me pediram? O que queres dizer com isso?

– Bem, a mãe contou-nos que tu disseste que estava muito calor naquela manhã para levar a mochila – explicou Melanie. – Ela contou que te disse que não havia outra hipótese, que não a podias tirar para não flutuares, mas tu não estavas com muita paciência para a ouvir.

– Ela disse-nos que a tiraste por maldade – afirmou Henry – e que desapareceste no céu. Ela tentou apanhar-te, mas o vento levou a melhor e, de repente, já não estavas mais ao seu alcance.

– Eu acho que eles te vão perdoar – declarou Melanie.

– É claro que vão – garantiu Henry. – Estão muito contentes por te terem de volta são e salvo. O que se passa, Barnaby? Estás com uma cor estranha. Foi isso que aconteceu, não foi?

Barnaby abriu a boca, sentindo uma grande onda de fúria a elevar-se das suas entranhas. Estivera longe de casa durante semanas; umas vezes, mal comera, outras, nem soubera onde é que ia dormir. Fora criticado, mais de uma vez, por cheirar um pouco mal, e, por vezes, sentira-se verdadeiramente só e assustado. Olhou para o irmão e para a irmã, com vontade de lhes contar exatamente o que acontecera e como se metera naquela situação, mas as suas expressões ansiosas deixavam transparecer que não

só acreditavam na versão contada pelos pais, como precisavam de acreditar nela. Tudo o mais era demasiado horrível para ser verdade.

– Sim – disse ele finalmente, engolindo em seco e desviando o olhar, incapaz de os encarar. – Sim, foi o que aconteceu. Devia ter-lhe dado ouvidos, mas, já me conhecem, tenho sempre de fazer tudo à minha maneira.

– Bem, isso é normal – tranquilizou-o Henry, sorrindo-lhe.

Antes de poderem dizer mais alguma coisa, a porta abriu-se e uma enfermeira – uma enfermeira bastante mal-humorada – olhou para dentro do quarto e pareceu espantada com aquilo que viu.

– Meninos! – chamou. – Não pode haver crianças aqui!

– Mas isto é um hospital pediátrico – disse Barnaby.

– *Tu* podes ficar – corrigiu ela –, mas estes dois? Fora! Não é permitido que miúdos como vocês entrem aqui dentro e contagiem os nossos doentes com as vossas infeções horríveis. Saiam daqui agora! Todos! Exceto tu – acrescentou, apontando para Barnaby. – Fora, fora, fora!

Henry e Melanie suspiraram e viraram as costas ao irmão.

– Vemo-nos amanhã, Barnaby – despediu-se Melanie. – Depois da operação.

– A mãe contou-vos?

– Sim, ela está muito entusiasmada.

– Fora! – insistiu a enfermeira, praticamente aos gritos. – Fora, fora, fora!

– Oh, e trouxemos-te um presente – apressou-se a dizer Melanie, enquanto saltava da cama, usando a ponta da bota para empurrar o saco de cabedal mais para ao pé do irmão. O saco começou a agitar-se de novo, depois sossegou um pouco e a seguir agitou-se outra vez... e voltou a sossegar. – Não o abras agora – acrescentou, abrindo os olhos como se pretendesse transmitir uma mensagem secreta ao mesmo tempo que acenava com a cabeça na direção da enfermeira. – Espera até termos saído.

Saíram para o corredor a fim de não serem novamente repreendidos, e a porta fechou-se atrás deles, deixando Barnaby sozinho no quarto. Ele olhou para o saco, perguntando-se o que poderia estar lá dentro, e mal abriu o fecho, para sua grande surpresa, algo saltou e foi parar em cima da cama.

– *Capitão W. E. Johns!* – gritou Barnaby, radiante, enquanto o cão se chegava ao pé dele e se punha a lamber-lhe o rosto com tal intensidade que bem poderia ser a melhor lavadela que ele tinha há semanas.

À tarde, poucas horas antes da operação, apareceu um auxiliar com uma cadeira de rodas que lhe disse que se quisesse mudar de cenário, por algum tempo, poderia dar uma volta pelos corredores. Enquanto o *Capitão W. E. Johns* se escondia debaixo da cama, Barnaby saltava para a cadeira, ajeitava-se e partia para as suas explorações.

Para onde quer que olhasse, havia crianças de pijama e camisas de noite, caminhando pelos corredores com os pais ou deitadas nas enfermarias com a família à volta, jogando damas, gamão ou *Scrabble*, ou simplesmente lendo alguma coisa. Tanto quanto podia observar, ele era a única pessoa que fora deixada por sua conta.

Contornando uma esquina, viu a doutora Washington sentada a uma secretária, inserindo informação num computador e tomando notas num bloco enquanto copiava diagramas do ecrã, e foi ter com ela.

– Olá, doutora – cumprimentou.

– Olá, Barnaby – disse ela, virando-se para olhar para ele com um sorriso. – O que posso fazer por ti?

– Só queria perguntar... – começou ele, pensando na questão com cuidado. – O que aconteceria se eu não fizesse a operação?

– Bem, vais ter de fazer a operação – afirmou ela, como se não houvesse volta a dar. – Os teus pais já assinaram os formulários de

autorização e quando se trata de meninos de oito anos são eles que têm a última palavra.

– Sim, mas em teoria – explicou Barnaby. – Se não tivessem assinado os formulários, quero eu dizer. Se não quisessem que eu fizesse a operação.

– Mas eles querem.

– Mas se eles não quisessem.

A doutora Washington refletiu durante algum tempo e encolheu os ombros.

– Bem, não aconteceria nada – concluiu ela. – Ficarias exatamente como estás. Continuarias a flutuar. Nunca serias capaz de manter os pés assentes no chão.

– E ficaria assim para sempre?

– Creio que sim – declarou a doutora Washington. – Mas não tens de te preocupar, Barnaby, isso não vai acontecer. Vamos resolver o teu problema. Amanhã, por esta altura, serás um rapazinho completamente diferente. Tudo na tua vida irá mudar e passarás a ser como todos os outros. Não é maravilhoso?

Barnaby sorriu, disse que sim, que era maravilhoso, e depois voltou para o quarto, para os seus pensamentos e para junto do *Capitão W. E. Johns*.

Entretanto começou a ficar tarde. Eram quase cinco e meia. A operação estava marcada para as seis. Barnaby sabia que o auxiliar o iria buscar a qualquer momento; seria amarrado a uma maca, arrastado pelo corredor, empurrado para dentro de um elevador e levado para as profundezas do edifício, onde o poriam a dormir. Quando voltasse a acordar, seria outra pessoa. Seria ainda o Barnaby Brocket, claro, mas um Barnaby Brocket muito diferente daquele que existira nos últimos oito anos.

Olhou através da claraboia para o azul-pálido do céu de fim de tarde, para as finas camadas de nuvens passageiras, para os pássaros dirigindo-se para onde os pássaros costumam dirigir-se, e

deu uma palmadinha no *Capitão W. E. Johns* que se mantinha enroscado no seu colo. Então, pensou em tudo o que lhe acontecera desde o dia em que Eleanor lhe fizera um buraco na mochila e deixara escapar a areia.

Viajara num balão de ar quente. Conhecera duas velhotas maravilhosas que, depois de terem sido expulsas pela sua família por serem diferentes, nunca mais olharam para trás. Visitara uma fazenda de café no Brasil e fora consolado por uma rapariga chamada Palmira. Haviam-lhe roubado a mochila em Nova Iorque e ajudara um jovem artista a tornar-se famoso. Apanhara um comboio para Toronto, assistira a um jogo de futebol canadiano, flutuara até uma torre, onde fora salvo e depois raptado por um homem horrível – mas, vendo as coisas pelo lado positivo, deparara-se com as pessoas mais invulgares e simpáticas que alguma vez conhecera na vida. Voltara a ver o seu amigo Liam McGonagall. Fizera *bungee jumping* – ou tentara – e saltara de paraquedas – ou tentara – e conhecera um homem que concordara em regressar para junto dos seus filhos, que queriam controlar tudo o que ele fazia na vida.

Fora até ao espaço sideral. Ou ao espaço quase-sideral, melhor dizendo. E agora estava de novo na sua terra. Em Sydney. No mundo normal.

Nisto, ocorreu a Barnaby que ser normal talvez não fosse tudo aquilo que ele tinha de ser. Ao fim e ao cabo, quantas pessoas ditas normais tinham tido as aventuras que ele tivera ou conhecido as pessoas que ele conhecera? Quantas delas tinham visto tanto do mundo e ajudado tantas pessoas ao longo do percurso?

Afinal de contas, porque é que era ele que não era normal? Era normal fazer um buraco na mochila e largar um rapaz de oito anos para sabe-se lá onde? Era normal querer ser sempre *normal*?

Do lado de fora da porta, ouviu o som do elevador a abrir-se e de um carrinho a ser empurrado pelo corredor. “Deve ser para mim”, pensou, com o coração a bater-lhe a um ritmo cada vez mais

acelerado dentro do peito. “Se deixar que me levem, passarei a ser mais um entre eles.”

Foi então que se apercebeu de que gostava de ser diferente. Era assim que tinha nascido, para todos os efeitos. Era quem ele devia ser. Não podia permitir que alterassem isso. Ele não queria passar o resto da vida a sentir-se como se tinha sentido na tarde em que subira à Ponte da Baía de Sydney.

Olhou para cima para a claraboia e depois para o botão ao lado da cama – aquele que controlava o mecanismo que abria e fechava a janela.

Fixou os olhos nele.

Hesitou.

Depois, carregou no botão.

“Novas aventuras”, pensou. “Novos lugares. Novas pessoas. Pessoas que nunca fariam um buraco na minha mochila.”

Com um estalido e o som de algo a ser arrastado, a claraboia foi-se abrindo, e o *Capitão W. E. Johns* mexeu-se no colo dele, abriu os olhos e olhou para o dono com um enorme bocejo.

– Desculpa – disse Barnaby. – Não posso permitir que me mudem.

O *Capitão W. E. Johns* contemplou o dono com uma expressão confusa no rosto. Barnaby olhou para a claraboia, toda aberta agora, permitindo que uma brisa fresca entrasse no quarto, e começou a desapertar o cinto que o prendia à cama.

O cão elevou-se nas quatro patas quando se apercebeu do que se estava a passar e tentou encontrar os pés do dono no meio do cobertor. A expressão no seu rosto dava a entender que não tinha bem a noção do que estava a acontecer, mas que estava disposto a demonstrar a sua desaprovação.

“Ão”, ladrou, apenas por precaução.

– Chiu – fez Barnaby, sentindo-se desde logo invadido por aquela sensação de flutuar tão familiar mal as tiras cederam um pouco:

uma sensação maravilhosa, o fenómeno que fazia de Barnaby o rapaz que era.

O *Capitão W. E. Johns* começou a entrar em pânico, com a cauda enrolada de tão confuso que estava, movimentando-se no sentido dos ponteiros do relógio, e depois no sentido contrário, rodando para trás e para a frente de espanto. Tentou apertar-lhe o cinto outra vez com os dentes, mas sem sucesso; já era pedir muito para um cão.

– Desculpa – disse Barnaby, começando a elevar-se agora, com as pernas a sair do interior da cama e os pés a deslizar para o ar frio. – Nunca te esquecerei. Prometo.

O cão ladrrou mais uma vez, mas já não valia de nada. Barnaby estava fora da cama e a começar a erguer-se na direção do teto. No entanto, ainda antes de ele ter tempo de alcançar a claraboia, o cão deu um último salto e agarrou-se às pernas do rapaz. Permaneceram no ar durante algum tempo, mas o cão não era lá muito pesado e, segundos depois, estavam já os dois a elevar-se.



pela noite fora

– O que estás a fazer? – gritou Barnaby. – Vai para baixo! Não podes vir comigo!

Só que o *Capitão W. E. Johns* já havia perdido o dono uma vez; não ia perdê-lo outra vez.

Barnaby sentiu uma onda de pânico: parte dele queria sacudir as pernas até o cão não ter outra hipótese senão largá-las e cair na cama do hospital; a outra, contudo, a parte mais forte, não queria mexer nem um músculo.

– Está bem, então – cedeu ele, finalmente, enquanto deslizavam através da claraboia para o mundo exterior –, mas é melhor agarrares-te bem!

CAPÍTULO 26

A cidade mais esplendorosa do mundo

O céu à noite é um lugar mágico.

Há tantas coisas a moverem-se de um lado para o outro, partindo daqui, dirigindo-se para acolá, que é impossível para o olho humano conseguir descortinar o movimento e as civilizações que estão a mudar o Universo de uma forma extraordinária, proporcionando uma explosão de luz estelar sobre uma cidade, uma eclosão de trovoadas sobre outra, um clarão de relâmpagos sobre uma terceira.

No entanto, quem quer que estivesse a olhar para o céu de Sydney nessa noite em particular, quem quer que estivesse preparado para abrir os olhos e ver algo mais do que a escuridão da noite ou a brancura da Lua, teria visto uma coisa extraordinária, uma coisa que – se estivesse disposto a olhar – poderia ter-lhe feito suster a respiração e pensar que nem tudo no mundo tem uma explicação assim tão simples.

Nessa noite, erguendo-se por cima da costa de Kirribilli, teria visto um helicóptero da polícia a projetar os seus holofotes sobre a ponte, a maravilhosa Ponte da Baía de Sydney, com as suas vigas em aço e bandeiras altivas ondulando ao vento, prestando assistência aos carros que a atravessavam, pois tinha-se avariado um dos candeeiros e ninguém queria que houvesse um acidente.

Teria visto uma estrela cintilando durante alguns minutos antes de desaparecer por completo, como que para sempre, quase vinte milhões de anos depois de ter brilhado pela primeira vez – apenas uma chama de luz no início, depois uma bola de fogo, depois uma explosão incandescente de luminosidade, depois mais nada, apenas

uma memória, apenas uma insinuação daquilo que em tempos providenciara uma faísca no meio da escuridão.

E também teria visto – se tivesse olhado com mais atenção – um rapazinho de oito anos a erguer-se por entre as nuvens, com um pequeno cão leal de raça indefinida e progenitores desconhecidos agarrado às suas pernas, desaparecendo na escuridão de uma bela noite australiana, dirigindo-se sabe-se lá para onde, sem saber quando é que os seus pés voltariam a tocar no chão.

Um rapaz que estava pronto para conhecer novas pessoas.

Um rapaz que queria ter novas aventuras.

E, acima de tudo, um rapaz que tinha orgulho em ser diferente.

